

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS  
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE AS AMÉRICAS – CEPPAC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS SOBRE AS  
AMÉRICAS

Tufla Botega Cruz

**A INTERFACE ENTRE MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E MOBILIDADE SOCIAL: UM  
ESTUDO COM MIGRANTES RETORNADOS EM GOIÁS**

Brasília, Abril de 2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS  
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE AS AMÉRICAS – CEPPAC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS SOBRE AS  
AMÉRICAS

Tuíla Botega Cruz

**A INTERFACE ENTRE MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E MOBILIDADE SOCIAL: UM  
ESTUDO COM MIGRANTES RETORNADOS EM GOIÁS**

Dissertação apresentada ao Centro de  
Pesquisa e Pós-Graduação sobre as  
Américas como parte dos requisitos para  
obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti

Brasília, Abril de 2015

**BOTEGA, Tuíla. A interface entre migração internacional e mobilidade social: um estudo com migrantes retornados em Goiás. 2015.**

f. : il.; tab.

Orientador: Leonardo Cavalcanti

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília. Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

1. . 2. 3. I. CAVALCANTI, Leonardo. II. Universidade de Brasília.

CDD

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS  
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE AS AMÉRICAS – CEPPAC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS SOBRE AS  
AMÉRICAS

**TERMO DE APROVAÇÃO**

Tuíla Botega Cruz

Dissertação apresentada ao Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti  
Presidente – CEPPAC/ UnB

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Delia Dutra – CEPPAC/ UnB

---

Prof. Dr. Brasilmar Ferreira Nunes – SOL/UnB

---

Prof. Dr. Jacques de Novion – CEPPAC/ UnB

Brasília, abril 2015.

*Para José Gama Sobrinho.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a todos que me incentivaram a ingressar no mestrado e me ajudaram a assumir todos os desafios que essa nova empreitada demandaria. Agradeço à minha família, amigos, em especial, ao meu esposo pelas palavras de ânimo e pela paciência ao longo desses dois anos. Às queridas amigas – Tere, Alena, Delia e Elizabeth – por todo o aprendizado e palavras de incentivo, muito obrigada.

Aos professores do CEPPAC, que me mostraram uma nova perspectiva de ver o mundo, desde a América Latina, o meu muito obrigada. Em especial, agradeço ao Prof. Leonardo Cavalcanti por todas as discussões e ensinamentos não somente para esse trabalho em específico, mas também para minha formação enquanto pesquisadora. E ao Prof. Brasilmar Ferreira Nunes e à Profa. Delia Dutra por todas as contribuições desde a qualificação.

Com muito carinho e gratidão, agradeço à equipe do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM) que sempre acreditou no meu potencial e por todos os incentivos e oportunidades que me dão no trabalho a serviço dos migrantes. Agradeço também ao Observatório das Migrações Internacionais, que tem sido um espaço valioso de aprendizado e troca de experiências, pelo trabalho em equipe e pelas diversas contribuições que fizeram neste trabalho, tornando possível a publicação parcial de capítulos dessa dissertação no relatório *Migrações Internacionais de Retorno no Brasil* (2015).

À Secretaria de Assuntos Internacionais do Estado de Goiás, ao Ministério das Relações Exteriores e às professoras Simone Frangella, Luciana Dias e Andreia Lucena por terem, tão gentilmente, facilitado a minha entrada no campo, disponibilizado material e dados para o desenvolvimento da pesquisa e por terem contribuído com a reflexão e o entendimento dos dados específicos sobre Goiás. Aos interlocutores que, ao dividirem suas experiências e histórias de vida, nos colocam o quão complexo e apaixonante é o estudo das migrações.

## RESUMO

Sabe-se que muitas pessoas empreendem a migração em busca de melhores condições de vida para si e suas famílias. Partindo dessa premissa, a presente pesquisa pretende analisar a interface entre migração internacional e mobilidade social a partir do caso de migrantes que tiveram os Estados Unidos como país de última residência e que retornaram para as cidades de Anápolis e Goiânia, no Estado de Goiás. Busca-se compreender como os capitais acumulados durante a experiência de migração contribuem na trajetória ascendente ou descendente ou horizontal dos migrantes na escala social. A escolha metodológica para atingir os objetivos propostos foi a de integrar as abordagens quantitativa e qualitativa partir da exploração de dados estatísticos secundários e da realização de entrevistas semi-estruturadas. Os resultados indicam que a migração pode assumir impactos diferenciados considerando as diferentes condições pessoais e estruturais.

**Palavras-chave:** Migração e mobilidade social; migração internacional de retorno; mobilidade social; retornados.

## **ABSTRACT**

People migrate in search of better living conditions for themselves and their families. Starting from this premise, the present research sets out to analyse the interplay between international migration and social mobility by studying migrants who previously lived in the United States and returned to the cities of Anapolis and Goiania, both located in the State of Goias. The aim is to understand how the accumulated capitals during the migration experience contribute to the migrants' upward, downward or horizontal trajectory on the social scale. The methodological framework integrates quantitative and qualitative approaches, using secondary statistical data and semi-structured interviews. The results indicate that migration can imply different impacts considering the various personal and structural conditions.

**Keywords:** Migration and social mobility; international return migration; social mobility; return migrants.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GO – Goiás

CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios

Obmigra – Observatório das Migrações Internacionais

CNIg – Conselho Nacional de Imigração

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

RETTRANS – *Retorno desde el Transnacionalismo*

UAB – *Universidad Autónoma de Barcelona*

CEPPAC/UnB – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas

SINE – Sistema Nacional de Emprego

MRE – Ministério das Relações Exteriores

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

RCNs – Relatórios Consulares

EUA – Estados Unidos

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

UFs – Unidades Federativas

IMB – Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos

SEGPLAN/GO – Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento do Estado de Goiás

CBM – Conferência Brasileiros no Mundo

CRBE – Conselho de Representantes de Brasileiros no Exterior

CPF – Cadastro de Pessoa Física

PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

NIATRE – Núcleo de Informação e Apoio a Brasileiros retornados do Exterior

ISEC – Instituto de Solidariedade Educacional e Cultural

ENCCEJA – Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

PRVR – Programa de Apoio ao Retorno Voluntário e à Reintegração

OIM – Organização Internacional para as Migrações

OEI – Organização dos Estados Ibero-americanos

APS – Agências da Previdência Social

FUAVE – Fundo de Auxílio Funerário aos Goianos Vitimados no Exterior

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01: As teorias da migração de retorno .....	27
Tabela 02: Tipologias de retorno.....	33
Tabela 03: Brasileiros nos Estados Unidos (MRE, 2013).....	49
Tabela 04: Fluxos migratórios por nacionalidade, segundo país de residência.....	54
Tabela 05: Fluxos imigratórios para o Brasil, segundo país de residência anterior .....	55
Tabela 06: Fluxos migratórios segundo as principais Unidades da Federação.....	55
Tabela 07: Distribuição de migrantes retornados desde os EUA, segundo grupos ocupacionais, Censo 2010 .....	59
Tabela 08: Total e porcentagem dos retornados do exterior por continente e país de moradia anterior – Goiás - 2010.....	62
Tabela 09: Porcentagem de retornados do exterior ocupados por grupos de atividade produtiva em que trabalham – Goiás - 2010 .....	64
Tabela 11: Informações dos interlocutores .....	75
Tabela 12: Movimentos na trajetória individual.....	96

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Fluxos migratórios de brasileiros retornados, segundo as principais UFs de residência .....	56
Figura 7. Porcentagem de retornados do exterior pela condição de ocupação do domicílio – Goiás – 2010 ..	63
Gráfico 01: Emigrantes internacionais nos municípios goianos .....	53
Gráfico 02: Distribuição de migrantes retornados desde os EUA, por grupo etário, segundo o Censo de 2010 .....	57
Gráfico 03: Distribuição de migrantes retornados desde os EUA, por nível de instrução, segundo o Censo de 2010.....	58
Gráfico 04: Distribuição de migrantes retornados dos EUA, por rendimento médio mensal domiciliar per capita, em salários mínimos, segundo o Censo de 2010.....	59
Gráfico 05: Porcentagem de retornados do exterior por município de residência – Goiás – 2010 .....	60
Gráfico 06: Porcentagem de retornados do exterior por município e tempo de moradia – Goiás - 2010 .....	61
Gráfico 07: Porcentagem de retornados do exterior por acesso a serviços públicos – Goiás - 2010.....	63

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>Desdobramentos da pesquisa .....</b>	<b>17</b>
<b>1. MIGRAÇÃO DE RETORNO E MOBILIDADE SOCIAL – ABORDAGENS TEÓRICAS E CONCEITUAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>A dimensão do retorno nas teorias de migrações internacionais .....</b>	<b>23</b>
<b>A difícil decisão do retorno e suas motivações .....</b>	<b>29</b>
<b>Tipologias de retorno .....</b>	<b>31</b>
<b>O retorno à luz de Abdelmalek Sayad .....</b>	<b>33</b>
<b>Preparação do retorno e reinserção na sociedade de origem .....</b>	<b>36</b>
<b>A interface entre migração de retorno e mobilidade social .....</b>	<b>39</b>
<b>2. A EMIGRAÇÃO PARA OS ESTADOS UNIDOS E OS FLUXOS DE RETORNO PARA O BRASIL .....</b>	<b>45</b>
<b>Contextualização da emigração brasileira para os Estados Unidos .....</b>	<b>46</b>
<b>O fluxo Goiás – Estados Unidos .....</b>	<b>51</b>
<b>Os fluxos de retorno dos Estados Unidos para o Brasil – Censo de 2010 .....</b>	<b>54</b>
<i>Perfil dos migrantes de retorno no Brasil .....</i>	<i>56</i>
<b>O retorno para o Estado de Goiás .....</b>	<b>60</b>
<b>Políticas públicas sobre o retorno no Brasil .....</b>	<b>65</b>
<i>As ações da Secretaria de Assuntos Internacionais do Estado de Goiás .....</i>	<i>66</i>
<b>3. O DESEJO DE MELHORAR DE VIDA E A VOLTA PARA O LOCAL DE ORIGEM: UMA ANÁLISE SOBRE MOBILIDADE SOCIAL .....</b>	<b>68</b>
<b>O elo entre origem e destino – a influência das Redes Sociais .....</b>	<b>80</b>
<b>A inserção social e laboral no local de destino e a preparação do retorno .....</b>	<b>83</b>
<b>Voltar para ficar? Percepções e dificuldades no retorno .....</b>	<b>89</b>
<b>A interface entre mobilidade geográfica e mobilidade social .....</b>	<b>95</b>
<b>Melhor do que antes? A avaliação e percepção pessoal sobre o projeto migratório e o retorno .....</b>	<b>102</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>110</b>

<b>ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>116</b>
<b>ANEXO II – PORTAL DO RETORNO.....</b>	<b>119</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar o impacto da migração internacional sobre a trajetória ascendente ou descendente na escala social dos migrantes do estado de Goiás/GO que viveram uma experiência de migração nos Estados Unidos e que voltaram para o local de origem.

Ainda que a produção brasileira sobre a migração internacional seja extensa, o interesse teórico tem se concentrado sobre três tópicos principais: a origem de fluxos populacionais, os determinantes da sua estabilidade/continuidade; e a adaptação dos migrantes na sociedade de destino (SOARES, 2000), sendo o retorno uma lacuna nos estudos migratórios. No entanto, no período a partir de 2007 há um significativo aumento no número de migrantes retornados para o Brasil e isso faz com que este fenômeno ganhe relevância nas agendas tanto de pesquisa quanto das autoridades públicas.

Os dados do Censo de 2010 nos dão indícios da relevância de se estudar o retorno, tendo em vista que 65,6% (ou 174.597 mil indivíduos) dos imigrantes internacionais no Brasil são nacionais, ou seja, imigrantes de retorno. Além disso, reforçam a importância de alguns fluxos específicos: os provenientes dos Estados Unidos (43,72%), Japão (36,88%) e Paraguai (13,74%).

Dentre as principais regiões que receberam fluxos de imigrantes internacionais estão o Sudeste (50,2%), com destaque para São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro; o Sul (23,5%), com destaque para Paraná, e o Centro-Oeste (11,9%), com destaque para o Goiás, sendo este o principal emissor de população da Região Centro-Oeste, de onde originaram-se 12% dos emigrantes internacionais (OLIVEIRA, 2013). Dessa forma, tornou-se relevante estudar os fluxos de retorno para o Brasil, especialmente no Estado de Goiás.

A reflexão aqui proposta se inspira na hipótese dos estudos clássicos sobre os fluxos populacionais: de que a mobilidade geográfica é acompanhada de mobilidade social (PASTORE, 1979). Nesse sentido, busca-se entender a relação entre migração e mobilidade social a partir do enfoque do retorno.

Os fluxos migratórios internacionais têm sido analisados como fenômenos que apresentam causas e motivações que se ancoram, destacadamente, sobre uma busca por melhoria nas condições financeiras individuais e do grupo familiar ou por uma busca por qualificação profissional, a partir da realização de estudos no exterior. A busca por uma prosperidade, especialmente econômica, no local de origem é a grande promessa que tem motivado emigrantes a se deslocarem de seus países e adentrarem em um lugar estranho, com uma língua diferente e hábitos socioculturais distantes (LUCENA; DIAS, 2013, p. 4).

É reconhecida a importância dos fatores estruturais na discussão de mobilidade social. Por outro lado, analisar como os recursos individuais, e o impacto que as novas experiências adquiridas via a migração possuem na trajetória dos indivíduos na escala social, constituem um desafio.

O meu interesse pelo tema da migração foi influenciado pelo meu histórico familiar, uma vez que sou filha de pais migrantes internos e nascida no Estado de Minas Gerais, e se tornou mais evidente a partir da experiência de meu irmão mais velho como migrante na Irlanda. Dito isso, durante a graduação em sociologia na Universidade de Brasília este tema foi de forma recorrente trabalhado por mim nas diferentes disciplinas que cursei. Naquele momento, poucos professores trabalhavam o tema das migrações internacionais de forma direta, por essa razão muitos dos referenciais a que tive acesso fazem parte do escopo da sociologia em geral e de migrações internas. Em 2011, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Medeiros, concluí a graduação com o trabalho *Migração de retorno e mobilidade social* que, ainda de forma exploratória, me permitiu perceber a relação entre os fluxos migratórios de retorno e a possibilidade de movimentos ascendentes na escala social.

Outro aspecto relevante na minha trajetória de pesquisa sobre migração diz respeito à minha experiência profissional. Desde 2010 trabalho no Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios<sup>1</sup> (CSEM), o que tem me permitido oportunidades valiosas de aprofundar o estudo e a reflexão, não somente de maneira teórica, mas também a partir das experiências de vida e de serviço das Irmãs missionárias Scalabrinianas junto aos migrantes. Mais recentemente, em 2014, integrei a equipe de pesquisadores do Observatório das Migrações Internacionais<sup>2</sup> (Obmigra), instituído a partir de um convênio entre o Centro de Pesquisa e Pós-graduação sobre as Américas da Universidade de Brasília e o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Esse projeto proporciona uma experiência muito rica de aprendizado ao evidenciar as múltiplas implicações que o fenômeno migratório apresenta, dentro de sua diversidade e complexidade, para a formulação de políticas públicas no Brasil.

A partir da interação da experiência acadêmica com a profissional, do trabalho feito em 2011 algumas inquietações permaneceram, tais como: *migrar fez a diferença na vida de um migrante retornado? Em que sentido?* Isso porque, ainda que as experiências de migração e de reinserção no local de origem não sejam as ideias, para o migrante a experiência vivida assume um significado único e valioso. Dessa forma, permaneceu o questionamento sobre *em que sentido ter migrado possibilitou o acúmulo de recursos e possibilitou a ocupação de melhores posições na estrutura social?*

Outra experiência que merece destaque foi minha atuação, em 2014, no âmbito da pesquisa intitulada “*RETTRANS – Retorno desde el Transnacionalismo*”, projeto de pesquisa financiado pelo Ministério de Ciência e Inovação da Espanha e liderado pela Dra. Sònia Parella, Professora do Departamento de Sociologia da Universidad Autònoma de Barcelona – UAB, e com a colaboração do Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas - CEPPAC/UnB.

---

<sup>1</sup> O CSEM é uma instituição filantrópica dedicada à pesquisa, estudo e divulgação de informações sobre a mobilidade humana. Saiba mais em: [www.csem.org.br](http://www.csem.org.br).

<sup>2</sup> O Obmigra tem como objetivo ampliar o conhecimento sobre os fluxos migratórios internacionais – imigração, emigração e retorno – no Brasil. Saiba mais em: <http://portal.mte.gov.br/obmigra/>.

Entre os meses de abril a junho daquele ano, juntamente com a colega Alena Profit, foram realizadas vinte entrevistas com brasileiros/as retornados/as da Espanha na região Centro-Oeste do Brasil. Especificamente, a pesquisa realizou-se nas cidades de Anápolis, Goiânia, Aparecida de Goiânia – no Estado de Goiás – e em diversas regiões administrativas no Distrito Federal.

Essa experiência no campo foi de fundamental importância para o planejamento e execução da minha pesquisa de mestrado. Primeiramente, porque me permitiu perceber algumas similitudes no que diz respeito aos fluxos migratórios de Goiás para a Espanha e para os Estados Unidos, o que contribuiu de forma importante para a construção do meu objeto de pesquisa. Além de me possibilitar uma entrada inicial no campo e o contato com instituições da sociedade civil que desenvolvem trabalhos com migrantes, essa pesquisa ajudou na reflexão sobre o tema do retorno, a partir da percepção de alguns elementos que se mostraram significativos na realização das entrevistas. Isso se mostrou muito construtivo não somente para a elaboração do roteiro de entrevistas para a parte qualitativa, mas para a investigação como um todo e, especialmente, para minha trajetória enquanto pesquisadora.

Desde essa experiência foi possível perceber o Estado de Goiás como um importante local de origem de fluxos migratórios, os quais são conformados em grande medida por pessoas que desejam melhores condições de vida. Em outras palavras, foi possível confirmar a relevância de se estudar essa região e também a predominância de projetos migratórios estruturados na ida para o estrangeiro para ganhar dinheiro e melhorar as condições de vida no local de origem, o que está diretamente relacionado à mobilidade social, meu tema de interesse no mestrado.

Foi possível ainda reforçar empiricamente a hipótese de um incremento de fluxos de retorno influenciados pela crise econômica de 2007/2008. Essa experiência no campo me instigou a continuar a pesquisa, uma vez que revelou a possibilidade de comparação, ainda que de forma exploratória, das similitudes e diferenças entre os fluxos de retorno da Espanha e dos Estados Unidos. E, por fim, evidenciou o caráter complexo e as diversas situações que estão envolvidas no retorno ao local de origem, as quais serão analisadas nesta pesquisa.

O termo mobilidade social se refere às mudanças na posição que um indivíduo ocupa numa hierarquia de um determinado sistema de estratificação social. Dessa forma, este tema faz interface com as migrações, uma vez que muitas pessoas migram, entre outros motivos, na busca por melhores condições de vida, para si e/ou para suas famílias. Dito isso, o que se pretende é entender como a experiência de migração internacional possibilita aos migrantes de retorno o movimento vertical na escala social, isto é, mobilidade social ascendente ou descendente.

Nessa perspectiva, tornou-se relevante investigar, especificamente: 1) as nuances que permearam a preparação, tomada de decisão e a volta efetiva dos migrantes; 2) como a migração afeta a reinserção de migrantes retornados ao mercado de trabalho; 3) identificar os fatores intervenientes ao retorno (programas de apoio ao retorno, redes sociais, entre outros) e suas influências na reinserção dos migrantes; 4) Identificar os recursos (capitais)

obtidos pelos indivíduos migrantes a partir da experiência migratória a fim de explicar como a variável migração se relaciona à mobilidade social dos migrantes de retorno; 5) por fim, analisar como os migrantes entendem seus processos de mobilidade social (ascendente, descendente ou imobilidade).

Tais questionamentos se tornaram pertinentes para investigar em que medida a hipótese de que o capital econômico, social e humano acumulado durante a experiência migratória seria ou não suficiente para favorecer a reentrada do migrante no mercado de trabalho ou na abertura de seu próprio negócio na sociedade de origem e, portanto, garantir a mobilidade social ascendente do migrante retornado.

### **Desdobramentos da pesquisa**

Com o propósito de entender a reinserção dos migrantes retornados no Estado de Goiás, região que vem ganhando visibilidade por seus fluxos migratórios sejam eles de saída, de trânsito ou retorno, buscamos relacionar migração internacional de retorno e mobilidade social. Isto é possível não somente porque no retorno o migrante avalia se “venceu ou não na vida”, mas, especialmente, porque no momento da volta à sociedade de origem é que o migrante reflete e concede significados à sua experiência migratória (o que vai além de parâmetros econômicos).

A escolha metodológica para atingir os objetivos desta pesquisa se baseou na integração de abordagens quantitativas e qualitativas, o que, segundo a literatura, pode ser denominada de: métodos mistos, integração, síntese, multi-métodos ou metodologia mista (GOLDENBERG, 2001; VERD; LÓPEZ, 2008; CRESWELL, 2010). Tendo consciência de que a realidade social tem múltiplas faces e dimensões, especialmente quando se trata do fenômeno migratório, optamos por utilizar diferentes técnicas de forma *complementar*, visando dar conta dos diversos objetivos e fornecer pontos de vista e percepções que nenhum dos dois poderia oferecer separadamente, contribuindo, enfim, para uma reflexão mais complexa (VERD; LÓPEZ, 2008; CRESWELL, 2010). Isso significa que houve um esforço no sentido de integrar a exploração dos dados quantitativos secundários com a realização de entrevistas semiestruturadas.

Dito isso, na primeira etapa, nos meses de julho a novembro de 2014, foi feito um levantamento e análise dos dados estatísticos já disponíveis sobre migração internacional de retorno, no Brasil e no Estado de Goiás, a partir do Censo de 2010 e de relatórios estatísticos da Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado de Goiás.

Esses dados que analisados na primeira etapa foram fundamentais para o delineamento da realidade demográfica do Estado de Goiás e das cidades escolhidas, Anápolis e Goiânia. Essa etapa prévia nos forneceu elementos que nos ajudaram a pensar as situações específicas e complexas, não quantificáveis, com as quais nos deparamos na etapa qualitativa.

A metodologia qualitativa propõe um exame em profundidade de casos específicos nos permitiu: *interpretar a importância histórica ou cultural* do fenômeno migratório e de retorno em Goiás; e *fazer progredir a teoria* – uma vez que os estudos de caso em geral podem ser matérias-primas ricas para construir novas ideias teóricas (RAGIN, 2007, p.146-148), buscando gerar resultados parciais (MARTINS, 2004).

Em dezembro de 2014, iniciou-se a etapa qualitativa, a partir de um levantamento das instituições e pessoas que trabalhavam com o tema de migrações internacionais, e de retorno, em Goiânia e Anápolis, a fim de garantir a acessibilidade ao campo e aos entrevistados. Foi possível estabelecer contato com a Pastoral do Migrante<sup>3</sup>, com o Projeto Resgate<sup>4</sup> – instituições da sociedade civil que tem uma importante atuação no tema – e, no âmbito governamental, com a Secretaria de Assuntos Internacionais do Estado de Goiás. Além disso, professores e pesquisadores do tema também auxiliaram na aproximação no campo. Devido às transições no governo do Estado, consequência do período eleitoral ocorrido em outubro e novembro de 2014, e ao período de férias em dezembro e janeiro, tornou-se inviável a visita ao local nesses meses. Entretanto, os contatos por e-mail e por telefone foram mantidos a fim de dar continuidade os vínculos que tornaram possíveis o desenvolvimento da etapa qualitativa, a partir da realização de entrevistas, no período de 27 de fevereiro a 07 de março de 2015.

Das instituições contatadas, a única que no momento de realização da pesquisa dispunha de algum projeto ou informações relativas a migrantes retornados que tiveram os Estados Unidos como último país de residência foi a Secretaria de Assuntos Internacionais. Em uma conversa informal com o Sr. Adauto Brahuna Neto – Encarregado dos Assuntos Consulares e Diplomáticos da Secretaria de Assuntos Internacionais do Governo de Goiás – buscou-se entender o contexto migratório na região, as ações do Estado de Goiás no tocante aos temas migratórios, em especial aos casos de migrantes retornados e, além disso, buscar contatos de possíveis participantes para a pesquisa.

Foi possível perceber que as atividades da Secretaria se concentram em alguns assuntos principais, são eles: falecimento, desaparecidos, detenção e diversos – sendo que, somente a partir de 2011, o tema do retorno se tornou uma pasta específica. Das iniciativas relatadas por ele, as quais têm os migrantes retornados como foco, destacamos: 1) um projeto em fase inicial de um Centro de Atendimento a migrantes retornados; 2) a prestação de assistência e orientação no que se refere a informações sobre emprego (divulga o Sistema Nacional de Emprego – SINE como um possibilidade, apesar de não haver um direcionamento específico para os migrantes retornados), escola, saúde, assistência psicológica, linhas de crédito em bancos brasileiros, etc; 3) em articulação com o Ministério

---

<sup>3</sup> É um serviço pastoral de atendimento a migrantes e refugiados prestado pelas Irmãs Scalabrinianas em Goiânia.

<sup>4</sup> O Projeto Resgate é uma organização com matriz na Suíça e no Brasil que fornece ajuda às pessoas exploradas sexualmente e no trabalho, vítimas de tráfico de pessoas e migrantes em situação de vulnerabilidade para que possam retornar ao seu País de origem com segurança e também lhes fornece ajuda para se reintegrarem socialmente e profissionalmente. Para mais informações: <http://www.projektresgate.ch/pt-br/>.

das Relações Exteriores (MRE) presta serviços no que se refere à documentação (por exemplo, certidão de nascimento) e nos casos de falecimento, desaparecimento e detenções no exterior. Além disso, 4) organiza, em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), algumas palestras de orientação dos brasileiros goianos no exterior, no âmbito do Projeto Andorinhas<sup>5</sup>, sobre empreendedorismo.

A maior parte dos casos de retorno atendidos pela secretaria são de emigrantes goianos que estão em países da Europa, seja orientando a eles próprios ou aos familiares residentes no Brasil, os quais repassam as informações para os que estão no exterior. Nas palavras de Adauto, “a Secretaria faz a ponte entre o migrante e os direitos. Faz o papel de óculos para que ele enxergue os direitos”.

Os migrantes goianos, na opinião da Secretaria, consistem na maior população em trânsito, com movimentos de ida e volta pra o Brasil. Para entender os fluxos na região seria imprescindível destacar o papel das redes para o incentivo e manutenção desses movimentos migratórios, em sua maioria irregulares<sup>6</sup>, e também a influência histórica das imigrantes que se fixaram em Goiás.

No caso do fluxo emigratório de goianos para os Estados Unidos, Adauto relata o caso, que aconteceu em 2005<sup>7</sup>, de repatriamento de brasileiros presos nos Estados Unidos por estarem em condição irregular de documentação. Na ocasião o senador Marcelo Crivella, então vice-presidente da Comissão de Relações Exteriores e presidente da Subcomissão Permanente de Proteção aos Cidadãos Brasileiros no Exterior, foi um dos principais articuladores para o retorno de quase mil imigrantes brasileiros que foram deportados pelo governo estadunidense, desses, boa parte era emigrantes provenientes do Estado de Goiás.

Todos os elementos levantados nessa conversa informal nos ajudou a entender alguns aspectos referentes à emigração de goianos para os Estados Unidos e a definir elementos importantes a serem considerados tanto nas entrevistas quanto na análise das falas de nossos interlocutores.

Diferentemente do que acontece nas pesquisas em Governador Valadares, um importante e já consolidado polo emigratório para os Estados Unidos, em Anápolis e Goiânia, os efeitos da migração internacional aparecem de forma diluída nas cidades goianas. No caso de Goiânia, a capital do estado, a diluição também se justifica por ser uma cidade de grandes proporções, englobando outras movimentações econômicas e, portanto, os resultados advindos das remessas e dos deslocamentos internacionais têm provavelmente menos visibilidade (FRANGELLA, 2014). A isso, podemos inferir que, nessas cidades,

---

<sup>5</sup> O Projeto Andorinhas tem como objetivo oferecer capacitação e consultoria sobre empreendedorismo para os goianos que estão no exterior e para seus beneficiários/familiares residentes em Goiás a partir da realização de oficinas de trabalho. Para mais informações veja o tópico “Políticas públicas sobre o retorno no Brasil, no capítulo 2.

<sup>6</sup> Fonte: <http://www.comunidade.com.br/brasil/210-mil-goianos-vivem-situacao-irregular-no-exterior-diz-governo-de-goias-5648>

<sup>7</sup> Esse caso ganhou relevância nacional e foi noticiado em diversos meios de comunicação à época. Fonte: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2004/01/040126\\_deportadosml.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2004/01/040126_deportadosml.shtml) ; <http://amigosdocrivella.com/2010/09/16/crivella-e-os-brasileiros-rejeitados-no-exterior/>

também os migrantes retornados e os impactos do retorno encontram-se dispersos na geografia urbana.

Por essa razão utilizamos como estratégia de acessibilidade a técnica de bola de neve (CORNELIUS, 1982) para encontrar os possíveis participantes da pesquisa. Ao aumentar a relação de confiança do entrevistado com o pesquisador, essa técnica nos permitiu acessar perfis diferentes, os quais possivelmente seriam inacessíveis de outra forma (a não ser a indicação), como veremos a seguir.

As indicações de possíveis participantes foram obtidas por diferentes vias: 1) pesquisadores que estudam o fluxo migratório de goianos; 2) representantes de entidades da sociedade civil; 3) colegas de trabalho; 4) contato pelo *Facebook* com colegas e amigos que tinham familiares ou conhecidos em Goiânia ou Anápolis.

Os primeiros contatos com os interlocutores foram feitos por telefone. No começo de cada conversa eu me apresentava enquanto estudante de mestrado e explicava brevemente os objetivos da pesquisa. Além disso, informava aos participantes que os nomes e dados pessoais não seriam divulgados no trabalho, a fim de garantir a privacidade de cada um deles. Isso nos ajudou, em alguns casos, a estabelecer relações de confiança. Além disso, informava a pessoa que havia me dado o contato.

As reações foram as mais diversas, indo da desconfiança e recusa a participar, até prontidão para responder às perguntas e ajudar a conseguir outros participantes. Refletindo sobre essa estratégia de aproximação com os migrantes retornados, ficou a impressão (que certamente deve ser melhor analisada em estudos futuros) de que quanto mais forte eram os laços entre os interlocutores e aqueles que os indicaram, isto é, os vínculos que tornaram possível que a pesquisadora chegasse até eles, mais fácil foi essa interação inicial e a efetiva participação na pesquisa.

Após alguns dias, um novo contato por telefone foi feito a fim de agendar entrevistas. Em alguns casos, aqueles que confirmaram a participação no primeiro contato desistiram. Com a recorrência das situações de recusa e de desistência ou dificuldades de participação, seria factível pensar que um dos fatores que poderia estar por trás disso estaria relacionado à situação de documentação do migrante nos Estados Unidos. Talvez, no caso dos indocumentados<sup>8</sup>, isso também exerça alguma influência no momento do retorno à sociedade de origem estabelecendo alguns entraves à participação efetiva do interlocutor na pesquisa. Nesse aspecto, não estou desconsiderando o fato de que essa barreira inicial poderia ter sido rompida com uma maior aproximação prévia (até mesmo fisicamente) com cada interlocutor antes da realização da entrevista. Porém, me parece que os sentimentos de vergonha e de desconfiança, que são recorrentemente citados nos estudos com emigrantes indocumentados nos Estados Unidos, também poderiam ser percebidos nas pesquisas no local de origem quando do retorno. Particularmente, isso me chamou atenção, pois um dos

---

<sup>8</sup> Optou-se por utilizar o termo indocumentado, pois reflete a situação de inúmeros migrantes cuja documentação de permanência no país em que residem ou não existe, ou não lhe permite trabalhar, ou cujo prazo de validade expirou (CSEM, 2012), o que consiste em uma falta administrativa, e não um crime.

pressupostos iniciais era o de que entrevistar migrantes retornados, por estarem em seu local de origem, seria mais fácil de estabelecer relações de confiança. Esse raciocínio deve ser encarado como uma premissa a ser aprofundada em futuros estudos e não tem a pretensão de esgotar a discussão e reflexão sobre o tema.

Os lugares para a realização das entrevistas foram escolhidos pelos próprios participantes, sendo o local de trabalho e as residências os mais comuns. Destaca-se o caso em que uma entrevista foi realizada em uma das casas que o migrante retornando estava terminando de construir pra vender. O terreno e a construção da casa foram financiados a partir do dinheiro acumulado por ele nos Estados Unidos e ali foi possível identificar padrões de construção americanos.

Sempre ao final de cada entrevista era perguntado se o participante conhecia alguém que pudesse indicar para participar da pesquisa. Em alguns casos conseguimos entrevistar membros da mesma família e isso nos rendeu análises interessantes no que se refere às estratégias e relações familiares, como veremos a seguir.

Assumindo que o procedimento de formação de amostra por bola de neve apresenta um viés de seleção, uma vez que as indicações normalmente se referem a pessoas com características e perfis semelhantes, foi necessário desenhar uma matriz tipológica para estabelecer outros critérios a serem seguidos durante a pesquisa de campo e garantir a heterogeneidade.

A matriz tipológica foi construída visando analisar a reinserção do migrante retornando ao mercado de trabalho do local de origem, uma vez que a pesquisa tem como objetivo analisar o movimento na escala social, em última instância, a mobilidade social. Dessa forma, considerando os princípios de acessibilidade e heterogeneidade, buscou-se incluir pessoas em diferentes situações no mercado de trabalho – *desempregado, empregado e autônomo/conta própria* – a partir do tempo de migração nos Estados Unidos, onde consideramos duas categorias: até 5 anos e menos de 5 anos.

Para as entrevistas foram considerados migrantes retornados, as pessoas que saíram do local de origem para morar e/ou trabalhar nos Estados Unidos e voltaram para o Brasil, mais especificamente para as cidades de Goiânia e Anápolis. Foram contatadas 16 pessoas residentes nas cidades de Goiânia e Anápolis e que migraram para os Estados Unidos foram, dessas 08 aceitaram conceder uma entrevista.

De uma forma geral, podemos considerar que a combinação de fatores afetivos/familiares, a conjuntura econômica, a falta de perspectiva local (enquanto “fator de expulsão”) e a ação de redes sociais foram os fatores de delinearam a emigração dos casos aqui analisados.

A maioria dos interlocutores teve ao menos um período em que ficou com a documentação irregular, seja pelo vencimento do visto de turista ou por ter entrado via o México. Isto significa que apenas uma das entrevistadas tem cidadania americana, sendo que os outros, enquanto estavam nos Estados Unidos, estiveram de forma indocumentada.

Mais do que à presença numérica dos retornados nos fluxos de imigrantes internacionais que adentram no Brasil, as implicações sociais, econômicas, psicológicas, familiares e laborais da reinserção desses migrantes na sociedade de origem se colocam como desafios que precisam ser melhor investigados.

É dentro desse contexto que o presente trabalho propõe analisar o tema da migração de retorno e sua interface com a mobilidade social para além da dicotomia sucesso/fracasso, isto é, indo além da perspectiva economicista, e considerando as diversas dimensões (social, cultural, política, laboral etc.) que estão inscritas no próprio fenômeno. Em outras palavras, assumimos o entendimento de que a migração, incluindo o movimento de retorno, é um *fato social completo* (SAYAD, 1988, p. 15). O que nos permite analisá-lo em vários níveis – histórico, geográfico e social – para além da esfera econômica e contribuir com novas abordagens para os estudos migratórios e de mobilidade social.

Dito isso, no primeiro capítulo apresentaremos uma discussão teórica e conceitual sobre migração de retorno – as diferentes abordagens nas teorias de migração internacional, os elementos que norteiam a decisão e a motivação para retornar, as tipologias, a perspectiva de Sayad e a preparação e reinserção na sociedade de origem – e sua interface com o referencial de mobilidade social.

Em seguida, no segundo capítulo, nos propomos a contextualizar a emigração de brasileiros, em geral, e a de goianos, em específico, para os Estados Unidos. Dessa forma, apresentaremos uma caracterização da emigração brasileira para os Estados Unidos, com destaque para o Estado de Goiás enquanto local de origem. Além disso, analisaremos os dados de retorno para o Brasil e, especificamente, dados sobre a reinserção de migrantes retornados no Estado de Goiás, a partir do Censo de 2010. Por fim, ainda nesse capítulo, abordaremos as políticas públicas sobre o retorno no Brasil a partir das ações do MRE, com destaque para o Portal do Retorno, e da Secretaria de Assuntos Internacionais do Estado de Goiás.

A apresentação e análise dos dados das entrevistas que foram realizadas com migrantes retornados no Estado de Goiás será feita no terceiro capítulo, a partir das seguintes categorias de análise: o projeto emigratório e o projeto de retorno; as redes sociais e suas influências tanto nos movimentos de emigração para os Estados Unidos quanto nos de retorno para o Brasil; a inserção social e laboral nos Estados Unidos e sua relação com a preparação do retorno; e o complexo processo do retorno ao local de origem - com as dificuldades e percepções, a adaptação e reinserção no mercado de trabalho, as possibilidades de remigração e a avaliação do retorno. Por fim, nossas conclusões acerca da interface entre migração internacional de retorno e mobilidade social.

## 1. MIGRAÇÃO DE RETORNO E MOBILIDADE SOCIAL – ABORDAGENS TEÓRICAS E CONCEITUAIS

### A dimensão do retorno nas teorias de migrações internacionais

Tradicionalmente, a migração de retorno é definida como o regresso de migrantes para a terra de origem ou de trânsito, depois de terem residido em outro lugar, o que pode ocorrer dentro dos limites territoriais de um país ou fora de suas fronteiras. Além disso, o retorno pode ser forçado – devido a uma decisão administrativa ou judicial – ou voluntário – caso seja produto da livre escolha do indivíduo. Temos também o retorno assistido quando o migrante volta para a terra de origem com o apoio logístico e financeiro de um Estado, Organização não-governamental ou organização internacional, ou retorno espontâneo, quando o regresso se dá por conta própria (CSEM, 2011).

Diante dessa diversidade de tipos de retorno, o recorte conceitual feito para fins dessa pesquisa se diferencia dos estudos sobre repatriamento de refugiados, os quais se dão em contextos de migração forçada e que possuem sua especificidade e complexidade própria.

Uma análise mais profunda sobre o fenômeno do retorno, torna perceptível seu caráter dinâmico, revelando que este não é o fim do processo migratório, mas sim uma parte dele. Em outras palavras, o retorno não é necessariamente definitivo e permanente, mas uma *fase do processo migratório*, que tem efeitos sobre as pessoas e os lugares, tal como a emigração (RIVERA-SÁNCHEZ, 2013, p. 57 – grifos nossos).

Neste sentido, tendo em vista a diversidade dos fluxos migratórios internacionais e a diversificação dos tipos de migrantes (migrantes laborais, qualificados ou não, estudantes, solicitantes de refúgio e refugiados), a diminuição dos custos de transporte e as facilidades dos meios de comunicação, o retorno se torna um processo de múltiplas fases.

Todos esses fatores apontam que em termos de experiências migratórias, sair ou permanecer, os padrões de mobilização de recursos, situação de documentação, motivações e projetos e impactos nos países de origem, os retornados constituem, hoje, um grupo de atores extremamente heterogêneo (CASSARINO, 2004, p. 270).

Segundo Durand (2006), a decisão de retornar é uma resolução semelhante à que se dá no momento da partida, podendo-se afirmar que se reinicia o processo migratório, porém, no sentido inverso, e que, portanto, se ingressa novamente em uma fase de tomada de decisões. Contudo, não se pode simplesmente transportar mecanicamente as teorias da migração para entender o retorno, uma vez que este tem suas especificidades, as quais nos obrigam a repensar teoricamente este fenômeno (DURAND, 2006, p. 168).

Assumindo, então, que o retorno tem uma complexidade própria faz-se necessário revisitar as teorias de migração internacional para entender como a dimensão do retorno

pode assumir diferentes perspectivas (CASSARINO, 2004; DURAND, 2006; RIVERA-SÁNCHEZ, 2013) a partir do corpo teórico em que se insere.

A explicação teórica sobre a migração de retorno perpassa por cinco abordagens teóricas. Primeiramente, na *perspectiva neoclássica*, o retorno é entendido como resultado de uma migração mal sucedida, onde os resultados esperados em relação a salário e emprego não foram alcançados. Isso implica assumir uma falha no cálculo de custo-benefício que levou à diminuição e/ ou interrupção do tempo de migração (CASSARINO, 2004; DURAND, 2006; RIVERA-SÁNCHEZ, 2013).

Uma das críticas à teoria neoclássica é a de que ela desconsidera um fator importante na tomada de decisão de retornar: o acúmulo de informação e a situação atual do migrante, que é muito diferente da inicial. A mudança de perspectiva – a partir do destino – permitiria ao migrante realizar o cálculo de custo-benefício com conhecimento de causa, isto é, saber por experiência própria o que significa viver e trabalhar no estrangeiro. Assim, tomar a decisão de retorno, a partir da sociedade de destino, significa que o custo psicológico da ausência, a saudade e as dificuldades de adaptação já foram experimentadas pelo migrante e tais elementos são fundamentais nesse cálculo de custo-benefício de caráter econômico (DURAND, 2006).

Já a *teoria da nova economia da migração* argumenta que o retorno é o resultado de uma estratégia calculada e definida (coletivamente) pela unidade familiar do migrante, situando-se no âmbito do projeto migratório. Neste sentido, seria uma evidência de sucesso, tendo em vista que o objetivo de buscar melhores condições de vida, haja visto o diferencial de salários entre os países, teria sido alcançado com a migração. Nesta perspectiva, as remessas, o conhecimento e as habilidades adquiridas no exterior seriam fatores influentes sobre a probabilidade de retornar (RIVERA-SÁNCHEZ, 2013). Tais abordagens, entretanto, por não fazerem referência ao ambiente social, econômico e político do país de origem, acabam reduzindo os atores e suas motivações para retornar aos fatores financeiros e econômicos e, conseqüentemente, tratam as experiências de migração de retorno isoladamente (CASSARINO, 2004, p. 257).

O entendimento contextual da migração de retorno é trazido pela abordagem *estruturalista*. Aqui o retorno não é analisado somente com referência à experiência individual do migrante, mas em correspondência com a realidade econômica e social do país de origem e em relação às suas próprias expectativas, o que constitui uma relação complexa (CASSARINO, 2004).

A relação assimétrica entre os países de origem e de destino pode se estabelecer também no retorno e não oferecer condições suficientes para uma mobilidade social ascendente e talvez nem sequer para uma readaptação ou reajuste de expectativas sociais. Isso porque esta perspectiva parte do princípio de que não existe um processo de intercâmbio permanente de recursos entre ambos os países, ou seja, assume que o migrante se manteve desconectado do ambiente social e das informações relativas ao país de origem durante o tempo de estada em outro país, o que implica em não reconhecer a circulação e a

mobilização de recursos entre estes dois contextos (RIVERA-SÁNCHEZ, 2013, p. 60). Por essa razão os migrantes são vistos como despreparados para o retorno devido à dificuldade de aceder às informações necessárias e reais acerca das mudanças que aconteceram na sociedade de origem, as quais são fundamentais para um retorno seguro (CASSARINO, 2004).

Além disso, essa dicotomia estrutural entre centro e periferia destacada pelo viés estruturalista delimita um pessimismo em relação às iniciativas dos retornados, o que se revela também na esfera do consumo, tendo em vista que os retornados tendem a orientar seus padrões de consumo para investimentos improdutivos e ostentatórios (bens de luxo, grandes casas, dentre outros), sendo que este padrão de consumo reproduz as relações desiguais entre centro (destino) e periferia (origem) (CASSARINO, 2004). Em outras palavras, o impacto causado pelo retornado não necessariamente seria visto como uma possibilidade de efeitos multiplicadores de desenvolvimento, uma vez que está mediado justamente por condições diferenciadas dos contextos.

Na medida em que o ato de retornar implica em uma readaptação a outro ambiente, pode, por outro lado, conduzir a uma remigração, no caso de que tal ajuste não seja satisfatório. Dessa forma, não somente as habilidades adquiridas e o dinheiro acumulado pelo migrante interferem no retorno, mas os fatores contextuais também operam um papel central (RIVERA-SÁNCHEZ, 2013).

A perspectiva *transnacional* questiona a interpretação da migração de retorno como algo definitivo e unilateral e assume que este possui múltiplas dimensões, tendo em vista os laços que unem os migrantes com seus lugares de origem e de destino. Dessa forma, afirma que as concepções binárias (baseadas na dicotomia entre origem e destino) já não dão conta de capturar toda a complexidade da migração internacional contemporânea, tendo em vista que os imigrantes desenvolvem redes, atividades, estilos de vida e ideologias que englobam a sociedade de origem e de destino, o que gera uma diversidade de perfis, os quais necessitam de novas conceitualizações para serem explicados (CAVALCANTI; PARELLA, 2013, p. 10).

Em outras palavras, o transnacionalismo vai além da concepção do retorno como o inverso da emigração e pressupõe uma visão dinâmica e transitória sobre ele, tendo em vista a multiplicidade de configurações de tempo e espaço das migrações contemporâneas, e também a imersão em uma dinâmica de circularidade e de relações transnacionais que vinculam sociedades de origem e destino (CAVALCANTI; PARELLA, 2013, p.14).

Sob essa perspectiva, a migração de retorno é parte do processo migratório e se inscreve na rota sistêmica e complexa do mesmo processo, ao qual se inclui relações econômicas, sociais e culturais entre as sociedades de origem e as de destino, mediadas por um constante troca de recursos, dinheiro, bens, ideias, informações e valores. Sendo que, é a partir da manutenção<sup>9</sup> de laços fortes com a origem, de visitas periódicas e regulares e do

---

<sup>9</sup> É preciso considerar a possibilidade de o migrante, durante o processo migratório, diminuir ou perder os contatos com a origem. Isto é, a dinâmica da migração pode desestruturar os laços do migrante com

envio periódico de remessas para seus familiares, que os retornados reúnem os recursos necessários para proteger e preparar o seu regresso ao local de origem (CASSARINO, 2004).

Dessa forma, o retorno deve ser estudado considerando as características e as modalidades de envolvimento tanto nos lugares de origem como nos de destino. Mais ainda, deve levar em conta que o ambiente social e as estruturas institucionais de ambas as sociedades delineiam o retorno, o qual pode tratar-se, inclusive, de uma escala no trajeto da vida como imigrante (RIVERA-SÁNCHEZ, 2013, p. 61) ou gerar uma remigração para um terceiro local.

Por fim, está a teoria das *redes sociais*, na qual os migrantes retornados são vistos como atores que reúnem os recursos necessários para proteger e preparar o seu regresso, por meio da mobilização de recursos disponíveis no nível de redes sociais e econômicas transfronteiriças, isto é, os recursos necessários para assegurar o retorno derivam dos padrões de relações interpessoais oriundos de experiências passadas de migração dos retornados (CASSARINO, 2004, p. 266).

As estruturas sociais sobre as quais se assentam as redes sociais e seu constante intercâmbio conformam certos capitais que são úteis tanto para emigrar quanto para retornar. Sendo que, o capital social ganha destaque e é entendido em termos de recursos providos pelas famílias ou parentes dos retornados, sendo importante para o sucesso das iniciativas e projetos dos migrantes no retorno.

Segundo Durand (2006), o capital social pode servir tanto para empreender uma aventura migratória como para retornar, explicando tanto a permanência como a factibilidade do retorno (DURAND, 2006, p. 179). No entanto, nem todos os migrantes têm acesso homogêneo a tal capital e nem estão inseridos da mesma forma nas redes, logo, as possibilidades e condições do retorno também se configuram heterogêneas e dependerão do acesso ao capital social, em consequência das posições dos atores nos campos sociais (RIVERA-SÁNCHEZ, 2013, p. 60).

Em suma, nesta perspectiva, os migrantes de retorno são atores sociais que estão envolvidos em uma série de ramificações relacionais, as quais influenciam seu comportamento. Nesse sentido, diferentes estruturas de rede oferecem diferentes oportunidades, orientações e estratégias em dado contexto.

Desde a perspectiva de redes resulta relevante estudar as relações entre os retornados e os imigrantes que não retornam, mas também, de maneira paralela, dar conta da mobilização de recursos que ocorre através das redes que atravessam as fronteiras (RIVERA-SÁNCHEZ, 2013, p. 61)

Por fim, as redes sociais também atuam nas migrações de retorno, uma vez que exercem grande impacto sobre o processo social das migrações, contribuindo definitivamente para o fortalecimento e expansão dos fluxos migratórios, onde os retornados

---

o local de origem e afetar o preparar o de seu retorno, assim como a maneira com que este se efetivará e os processos de reinserção na sociedade de origem.

ocupam posições estruturais fundamentais para a organização e sustentação dos sistemas de migração, em especial, posições estruturais de intermediação dos fluxos entre origem e destino, utilizando seus laços fortes nas redes pessoais para recrutamento, agenciamento e suporte aos novos migrantes (SOARES, 2009).

Vejamos na Tabela 01 uma síntese da análise do retorno a partir das teorias sobre a migração internacional.

**Tabela 01: As teorias da migração de retorno**

	<b>Economia Neoclássica</b>	<b>Nova Economia da Migração</b>	<b>Estruturalismo</b>	<b>Transnacionalis-mo</b>	<b>Redes Sociais</b>
<b>Migração de retorno</b>	O retorno é uma anomalia, senão o fracasso da experiência migratória. Dessa forma, entende que aqueles que permanecem no país de destino são os bem-sucedidos.	O retorno faz parte do projeto migratório (visto como uma “estratégia calculada”). Ele ocorre quando os objetivos do migrante são alcançados no país de destino.	O retorno ao país de origem ocorre sem que haja mudanças ou compensações nas limitações estruturais nos países de origem periféricos. O retorno também se baseia em informações incompletas sobre o país de origem.	O retorno não é necessariamente permanente. Ele ocorre quando são reunidos recursos financeiros e benefícios suficientes para sustentar a família e quando as “condições” no país de origem são favoráveis. Considera que há uma preparação para o retorno.	O retorno é garantido e sustentado por redes transfronteiriças de relações sociais e econômicas que transmitem informações. Voltar constitui apenas um primeiro passo para a conclusão do projeto migratório.
<b>O migrante retornado</b>	Abarca o migrante malsucedido que não pôde maximizar sua experiência no exterior.	Abarca o migrante bem-sucedido cujos objetivos foram alcançados no país de destino. O retornado é um intermediário financeiro e um assalariado visado.	O retornado (migrante que não é bem nem malsucedido) leva de volta economias ao país de origem. As expectativas de retorno são reajustadas e adaptadas ao contexto estrutural do país de origem. “Divergências comportamentais” ocorrem no retorno. Somente o retorno por doença, velhice, aposentadoria e falta de talento, ou seja, o custo do retorno é reduzido.	Pertence a um grupo étnico (ou seja, a consciência de diáspora) globalmente disperso. Experiência migratória bem-sucedida antes de retornar. O retornado define estratégias para manter a mobilidade transfronteiriça e os vínculos embutidos em sistemas globais de relações étnicas e parentais.	Um ator social que tem valores, projetos e sua própria percepção do ambiente de retorno. Reúne informações sobre o contexto e as oportunidades nos países de origem. Os recursos são mobilizados antes do retorno. Pertence a redes transfronteiriças que envolvem

					migrantes e não migrantes.
<b>Motivação dos retornados</b>	A experiência migratória falhou. Precisa retornar para o país de destino.	Apega ao lar e à família. Metas são atingidas.	Apego ao lar e à família, nostalgia. As motivações são reajustadas de acordo com as realidades do mercado e relações de poder do país de origem.	Apego ao lar e à família. Laços familiares são cruciais. Condições sociais e econômicas do retorno são percebidas como suficientemente favoráveis para motivar o retorno.	Inserido e moldado por oportunidades sociais, econômicas e institucionais no país de origem, bem como, pela relevância dos seus próprios recursos.
<b>Capital financeiro</b>	Nenhuma renda ou economia é repatriada do exterior.	As remessas constituem em uma segurança contra eventos inesperados. Ajuda os membros da família.	Economias e remessas não têm impacto real sobre o desenvolvimento do país de origem. Os membros da família monopolizam os recursos financeiros. Não há efeito multiplicador.	Pensões e benefícios sociais são parte das remessas. Recursos financeiros são usados de acordo com as condições institucionais do país de origem. Transforma a estrutura econômica e política das áreas de destino.	Remessas e economias constituem apenas um tipo de recursos. Podem ser investidos em projetos produtivos que visam garantir o retorno.
<b>Capital humano</b>	As habilidades adquiridas no exterior dificilmente podem ser repassadas no país de origem. Capital humano é desperdiçado.	O desenvolvimento de habilidades varia de acordo com a probabilidade de retorno.	As habilidades adquiridas no exterior são desperdiçadas devido a limitações estruturais dos países de origem. Status social não muda.	Habilidades aperfeiçoadas e experiência educacional adquiridas no exterior permitem uma mobilidade ascendente.	Habilidades adquiridas no exterior, assim como conhecimento e experiências, contatos e valores são fatores que contribuem para garantir um retorno bem-sucedido.

Fonte: CASSARINO (2004).

É importante perceber que nenhuma das teorias é capaz de explicar isoladamente as motivações, os contextos sócio-econômicos e as formas de inserção no país de destino dos migrantes, em geral. Isso porque a migração é demasiada diversa e complexa para ser explicada por uma única teoria (ARANGO, 2000, p. 33). Isso também pode ser estendido para o estudo do retorno. Diante de um quadro de globalização e diversidade de formas, atores, tipos, processos, motivações, contextos socioeconômicos e culturais (CASSARINO, 2004), faz-se necessário uma abordagem que dialogue com diversos campos do saber.

## **A difícil decisão do retorno e suas motivações**

A partir dessa revisão teórica, é possível perceber que o retorno é um importante componente do projeto de migrar. Nessa perspectiva, Siqueira (2009), em sua pesquisa com migrantes retornados em Governador Valadares, demonstra que as principais motivações apontadas para o retorno foram: a saudade da família; as condições desfavoráveis para ganhar dinheiro no local de destino, desencadeadas pela crise; e o retorno planejado, quando os objetivos traçados no momento da partida foram alcançados. Dessa forma, percebe-se que o retorno, em alguns casos, se apresenta como uma estratégia calculada, mas que, por outro lado, pode ser o resultado de circunstâncias desfavoráveis e inesperadas no país de destino as quais obrigam o emigrante a retornar.

Rivera-Sánchez (2013) destaca que as motivações para regressar, as trajetórias migratórias e a experiência de retorno, assim como os processos de reinserção social e laboral, mesmo que num mesmo contexto, e os efeitos do retorno são diferenciados, tomando em conta o capital social, a posição nos campos sociais e a relação com os contextos e condições entre outros fatores de diferenciação social. Assim, vai além da classificação de “exitoso” ou “fracassado”, uma vez que o local pode oferecer mobilidades diversas, o que fornece elementos para complexificar os resultados e a experiência de retorno (RIVERA-SÁNCHEZ, 2013, p. 57).

Assim, segundo esta autora, a decisão do retorno está mediada por condições do mercado de trabalho no destino, ainda assim, as experiências de reinserção social e laboral são produtos da intersecção entre as lógicas locais/familiares e globais/transnacionais. Em outras palavras, o retorno não é um processo automático, uma consequência direta de uma variável externa, mas implica em um processo complexo de tomada de decisões e de avaliações pessoais e familiares (DURAND, 2006, p. 176).

Embora o incremento nos fluxos de retorno para o Brasil esteja relacionado a um contexto de crise econômica, ele não pode ser reduzido estritamente aos movimentos da economia. Nesse dado contexto pode ser observada uma espécie de mudança de sentido dos fluxos migratórios, a qual pode estar associada a um replanejamento emergencial ou ainda uma antecipação do movimento de retorno (LUCENA; DIAS, 2013, p. 10).

Para Machado (2014), o desencantamento provocado pela crise é natural, já que as decisões de migrar são complexas e envolvem muito esforço e sacrifício pessoal. Sendo que esse mesmo sentimento se evidencia no retorno, já que voltar antes do planejado seria assumir o fracasso dos planos, voltar sem os recursos necessários e sem saber exatamente o que fazer no Brasil (MACHADO, 2014, p. 227).

Por essa razão, os imigrantes tendem a esperar mais um pouco e adiar a decisão do retorno, a fim de verificarem a viabilidade de um retorno para o Brasil ou a possibilidade de uma remigração para um outro país que talvez esteja em situação melhor. Nesse caso, a remigração seria a continuidade de um projeto familiar, pessoal e social, deslocado para outro país por conta das dificuldades presentes naquele que era o “alvo inicial”. Esse

deslocamento não é simples, mas pode ser, num contexto de crise econômica, uma opção antes do retorno ao Brasil (MACHADO, 2014, p. 228).

Outro fator que pode interferir na decisão de voltar e provocar um adiamento, ou até mesmo a desistência da volta, é a adaptação na sociedade de destino (SIQUEIRA, 2009, p. 79).

Machado (2014) argumenta, a partir do caso de migrantes valadarenses em Portugal, que os migrantes que seguiram o caminho de uma inserção mais intensa na sociedade de destino (no caso Portugal) teriam mais dificuldade em abrir mão de viver naquilo que constituíram como suas vidas ao longo de muitos anos e retornar para o Brasil. Muitos desses brasileiros têm familiares e/ou filhos portugueses e acabam constituindo suas vidas no país de destino, a qual não pode ser simplesmente ignorada. Uma volta ao Brasil seria, efetivamente, enfrentar um mundo completamente novo e para o qual não se prepararam. Não investiram dinheiro no Brasil, não conhecem mais o país, não passaram pelas mudanças da última década. Ou seja, o entrelaçamento intenso de redes de parentesco em solo português torna muito mais difícil um segundo deslocamento desses imigrantes, ainda que este seja o de volta para a terra natal.

Por outro lado, os imigrantes que tiveram uma experiência mais superficial com o local de destino e vivenciaram de forma restrita a sociedade de destino, limitando-se à esfera do trabalho, estariam mais propensos a sair de Portugal, já que o envolvimento deles com o país é mínimo. Entretanto, esses migrantes têm objetivos específicos e voltar antes de completá-los é uma enorme dificuldade, já que significaria um fracasso em vários sentidos. Nesses casos, uma opção sempre presente é a de continuar com os planos em outro lugar, ou seja, remigrar (MACHADO, 2014, p. 232-233).

Considerando o caso dos migrantes que retornam para o Brasil, cujo o último país de residência foi Portugal, duas causas foram apontadas: as questões familiares e, em segundo lugar, a crise econômica (FERNANDES; CASTRO, 2013). O mesmo se evidencia nos processos recentes de retorno de brasileiros vindos dos Estados Unidos estudados por Pereira e Siqueira (2013). Ambos os estudos demonstram que além dos motivos estritamente econômicos, como aqueles relacionados com a crise econômica de 2007-2008, as circunstâncias familiares e a saudade são elementos importantes da constituição do retorno. Esta constatação empírica nos ajuda a perceber as potencialidades e limitações das teorias vistas na seção anterior e nos desafia a entender o nosso objeto de pesquisa de forma mais ampla e complexa, para além da dicotomia de “fracassos” ou “sucessos” no nível econômico.

## Tipologias de retorno

Além das teorias, na literatura sobre o retorno nota-se a tentativa constante de elaborar tipologias para retratar a diversidade de circunstâncias e motivações que permeiam a volta do migrante para o local de origem.

Para Cassarino (2004) os tipos de retorno são definidos a partir do grau de mobilização de recursos e preparação de migrante, o que implica na seguinte categorização: 1) *retornados com alto nível de preparo (preparedness)*: são aqueles que organizam o retorno de forma autônoma, mobilizando os recursos necessários. Em geral, envolve os migrantes que consideram já ter acumulado recursos tangíveis e intangíveis suficientes para efetivar seus projetos na origem; avaliam custos e benefícios do retorno considerando o contexto da origem; e tentam garantir a mobilidade entre as fronteiras a partir da documentação. 2) *retornados com baixo nível de preparo*: houve pouco tempo de migração para acumular os recursos necessários; algo interrompeu abruptamente a migração e os custos em voltar são menores do que os de permanecer; dependerá dos recursos disponíveis na origem para sua reintegração. 3) *sem nível de preparo*: são aqueles que foram obrigados a retornar seja por deportação, seja por recusa do pedido de asilo (CASSARINO, 2004, p. 274).

Durand (2006), por sua vez, estabelece seis modalidades diferentes: 1) *Retorno voluntário do migrante estabelecido*: refere-se ao migrante que regressa voluntariamente depois de um grande período no estrangeiro; tem documentos e já adotou outra nacionalidade; há uma mudança de residência e um novo processo de estabelecimento. Incluem-se nesta categoria: migrantes econômicos que voltam depois de muito tempo com poupanças; migrantes que retornam porque as condições no país de origem estão melhores; exilados políticos ou refugiados; e migrantes aposentados. 2) *Retorno do migrante temporário*: refere-se a trabalhadores temporários, os quais se enquadram em programas específicos em que o contrato exige ou obriga o retorno. 3) *Retorno transgeracional*: trata-se do retorno dos descendentes dos migrantes – filhos, netos e bisnetos. Utiliza-se os laços sanguíneos e culturais para facilitar o ingresso ou a naturalização. 4) *Retorno forçado*: o retorno se dá em condições forçadas por razões econômicas, políticas e raciais – como no caso dos refugiados ou deportados. 5) *Retorno do fracassado*: do migrante que se vê forçado a voltar para o país de origem pelas circunstâncias no destino; o fracasso se dá porque não conseguiu cumprir com suas expectativas. 6) *Retorno programado*: aquele de caráter oficial, promovido pelos países, onde busca-se, a partir de políticas migratórias, fomentar a migração de retorno e manter vínculos formais com a população que reside no exterior (DURAND, 2006, p. 170-173).

Por fim, Siqueira (2009) considera para o caso brasileiro cinco categorias de retorno:

1) *Retorno temporário*: é aquele em que o migrante define o país de destino como seu local de moradia. Lá tem sua família, seu trabalho, e seus investimentos. Muda seu padrão de vida e consumo, pois já não têm a preocupação de fazer poupança para voltar e investir no Brasil. Vêm ao Brasil em ocasiões esporádicas, como férias ou festas familiares. 2) *Retorno continuado*: durante o tempo de vivência em outra sociedade o migrante trabalha e poupa dinheiro no intuito de retornar à sociedade de origem e investir em algum imóvel. Porém, ao retornar não obtém sucesso em seus investimentos financeiros e nem em sua readaptação com isso reemigra. 3) O *transmigrante*: é aquele que vive nos dois lugares. Em sua maioria são documentados, têm vida estabilizada no país de destino e no Brasil. Possuem casa, fazem investimentos e trabalham nos dois lugares. Transitam, têm visibilidade e são atores sociais nos dois lugares. 4) O *Retorno permanente*: é aquele em que o migrante retorna e consegue estabelecer-se na sua cidade ou país de origem, não pretende emigrar novamente. Conseguem se readaptar ao estilo de vida e creditam a sua condição ao seu projeto migratório. São os que se tornaram autônomos ou conseguiram se inserir no mercado de trabalho; são considerados bem sucedidos, pois concretizaram o projeto de ascensão social ou melhoria de vida. 5) *Os retornados da crise*: a partir do ano de 2007, a crise atingiu diretamente as ocupações dos migrantes no mercado de trabalho, onde houve redução de postos de trabalho e dos ganhos. Nessa situação o custo benefício da emigração deixa de ser positivo e muitos optaram por retornar diante da inviabilidade de continuar vivendo nos EUA e em outros países que foram também atingidos pela crise (Portugal, Itália, Espanha, etc.). Para muitos o projeto emigratório tornou-se um projeto interrompido, frustrado (SIQUEIRA, 2009, p. 169-171).

Em suma, tendo em vista que durante o período de migração, dadas as condições sociais, econômicas e culturais, o projeto migratório é reelaborado e o retorno pode apresentar diferentes nuances, vários autores constataram uma diversidade de perfis de migrantes retornados, o que encontra-se sintetizado na Tabela 02.

**Tabela 02: Tipologias de retorno**

Autor	Tipologia
<b>Cassarino (2004)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Retornados com alto nível de preparo (preperdeness)</i>: são os que organizam o retorno de forma autônoma, considerando o contexto do país de origem e mobilizando os recursos necessários para lá efetivar seus projetos .</li> <li>• <i>Retornados com baixo nível de preparo</i>: são aqueles que têm pouco tempo de migração para acumular os recursos necessários e dependem dos recursos disponíveis na origem para sua reintegração.</li> <li>• <i>Sem nível de preparo</i> para retornar: são aqueles que foram obrigados a retornar (deportação ou recusa do pedido de asilo).</li> </ul>
<b>Durand (2006)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Retorno voluntário do migrante estabelecido</i>: refere-se ao migrante que regressa voluntariamente depois de um grande período no estrangeiro, após ter adquirido os documentos e outra nacionalidade.</li> <li>• <i>Retorno do migrante temporário</i>: refere-se a trabalhadores temporários, os quais se enquadram em programas específicos em que o contrato exige ou obriga o retorno.</li> <li>• <i>Retorno transgeracional</i>: trata-se do retorno dos descendentes dos migrantes – filhos, netos e bisnetos. Utiliza-se os laços sanguíneos e culturais para facilitar o ingresso ou a naturalização.</li> <li>• <i>Retorno forçado</i>: o retorno se dá em condições forçadas por razões econômicas, políticas e raciais – como no caso dos refugiados ou deportados.</li> <li>• <i>Retorno do fracassado</i>: do migrante que se vê forçado a voltar para o país de origem pelas circunstâncias no destino; o fracasso se dá porque não conseguiu cumprir com suas expectativas.</li> <li>• <i>Retorno programado</i>: aquele de caráter oficial, promovido pelos países, visando fomentar a migração de retorno e manter vínculos formais com a população que reside no exterior.</li> </ul>
<b>Siqueira (2009)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retorno <i>temporário</i>: é aquele em que o migrante define o país de destino como seu local de moradia, fazendo visitas esporádicas ao país de origem.</li> <li>• Retorno <i>continuado</i>: refere-se ao migrante que ao retornar não obtém sucesso em sua reinserção e em sua readaptação à vida no país de origem e com isso re-emigra.</li> <li>• O Retorno <i>permanente</i> é aquele em que o emigrante retorna e consegue estabelecer-se na sua cidade ou país de origem, não pretende emigrar novamente.</li> <li>• O <i>transmigrante</i> é aquele que vive nos dois lugares. Em sua maioria são documentados, têm vida estabilizada no país de destino e no Brasil. Transitam, têm visibilidade e são atores sociais nos dois lugares.</li> <li>• Os <i>retornados da crise</i>: refere-se aos imigrantes que foram atingidos pela crise econômica, que se deu a partir de 2007, os quais optaram por retornar diante da inviabilidade de continuar vivendo nos EUA e em outros países que foram também atingidos pela crise (Portugal, Itália, Espanha, etc.).</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria com base em Cassarino (2004); Durand (2006) e Siqueira (2009).

### **O retorno à luz de Abdelmalek Sayad**

Feita essa revisão teórica, conceitual e tipológica, e à luz da análise de Abdelmalek Sayad, autor clássico sobre o tema, temos o retorno como a categoria fundamental do fenômeno migratório, caracterizando-se como o elemento constitutivo da condição do migrante.

Cavalcanti e Boggio (2004) ajudam na reflexão quando chamam atenção para a forma como a condição de imigrante pode ajudar a compreender a dinâmica do retorno. Primeiramente, as diferenças presentes nas denominações de *estrangeiro* e de *imigrante* implicam em diferentes estatutos sociais, diferentes tratamentos jurídicos, diferentes deveres e direitos no que diz respeito à presença e à permanência dentro dos limites de um território nacional. Ao passo que ao estrangeiro se associa um país desenvolvido e as possibilidades de enriquecimento para o país de acolhida, o imigrante é sempre visto como proveniente de um país subdesenvolvido, o qual representa um problema para a sociedade receptora.

Ao relembrem a condição transitória inerente ao termo imigrante (conjugado no participio do presente), os autores afirmam que esta condição provisória se observa tanto na sociedade de emigração quanto na de imigração. Na primeira, percebe-se a tendência de se preservar o lugar social, com a ilusão e a exigência, explícita ou implícita, de um retorno, no qual o benefício para o grupo supere os custos e as dores da emigração, o que permite, em geral, obter reconhecimento do grupo de origem e negociar o sentido de sua emigração e de sua ausência. Já na segunda, o imigrante é sempre classificado a partir do critério de nacionalidade, o que, por definição, o coloca na condição de estranho. Isso também corrobora para a situação de transitoriedade, não se reconhecendo a possibilidade de ser algo definitivo (CAVALCANTI; BOGGIO, 2004).

Dito isso, o imigrante é essencialmente uma força de trabalho – provisória, temporária e em trânsito – uma vez que é o trabalho que justifica sua emigração (SAYAD, 2000, p. 21). Esta condição provisória do imigrante faz com que ele seja um ser social ao qual se atribuiu naturalmente a possibilidade de uma volta ao seu grupo nacional, o que contribui para que o retorno seja parte inerente do processo migratório. Assim, a ideia do retorno é algo central no fenômeno migratório e se conforma como uma questão que perpassa as sociedades de emigração e de imigração transpassando de modo transversal o projeto migratório (CAVALCANTI; BOGGIO, 2004, p. 10).

Essa ideia de transitoriedade e projeção do retorno consiste em uma dupla contradição, segundo Sayad (1998). Ao mesmo tempo em que vigora o entendimento do estado provisório da migração há o prolongamento desse estado por tempo indeterminado.

No caso dos brasileiros nos Estados Unidos retratado por Margolis (1994) é possível perceber bem essa contradição que Sayad (1998) nos apresenta. Há um desejo de voltar para casa manifestado pelos imigrantes e que faz parte de seus projetos migratórios, porém, antes do retorno definitivo, eles vão e voltam<sup>10</sup> diversas vezes, caracterizando uma migração do tipo iô-iô (MARGOLIS, 1994).

Neste sentido, é factível afirmar que o retorno acompanha o migrante durante toda sua jornada migratória, envolvendo o período pré-partida, a efetivação da migração e os planos de voltar ao país de origem. Em outras palavras, o retorno, ou pelo menos a intenção

---

<sup>10</sup> É importante ressaltar que a *migração iô-iô* seria um privilégio das pessoas que conseguem obter a documentação, haja vista as dificuldades, os riscos e os altos custos que diversas travessias pela fronteira com o México implicariam.

de retornar, encontra-se implícita ao próprio ato de emigrar, preexistindo à partida, e sendo programado ao longo de toda a ausência (SAYAD, 2000).

Assim, no fenômeno migratório, a coesão entre os acontecimentos e os significados percebidos e atribuídos ao longo da experiência em um país estrangeiro, de indivíduos e grupos sociais, é possível devido ao retorno. É a noção de retorno que confere sentido e explica a unidade das relações complexas entre emigração e imigração, ausência e presença, exclusão e inserção, sendo a nostalgia e saudade da origem que confere a uma pessoa sua condição de migrante (SAYAD, 2000).

Sayad (2000) apresenta como o retorno remete, necessariamente, às relações do migrante com o tempo, o espaço físico e com o grupo. Primeiramente, o migrante e seu grupo de origem concebem o *tempo* como uma retrospectiva à emigração, onde a memória está atrelada à nostalgia, na qual sempre se sente falta da situação inicial que não pode mais voltar, constatando-se a impossibilidade de verdadeiramente retornar ao idêntico: ao tempo de partida, de tornar-se novamente o que era ou às mesmas situações. Quanto ao *espaço*, geográfico ou social, este é sempre compreendido como algo nostálgico e carregado de afetividade. Por fim, sobre o *grupo*, tanto no país de origem quanto no de destino, forma-se uma relação ambígua, pois o indivíduo é afetado pelas relações desses dois grupos simultaneamente. Por um lado, deseja manter as relações no país de origem para assegurar que este não foi “abandonado” afetivamente e, por outro, há a necessidade de interação e inserção na sociedade de destino buscando a adaptação (SAYAD, 2000, p. 12-13).

Além disso, consta no imaginário do emigrante que, em sua volta, ele irá reencontrar o grupo como se nada tivesse acontecido, como se nada tivesse mudado durante a sua ausência e, sobretudo, como se o tempo de emigração não houvesse mudado a si mesmo. Tais ilusões se inscrevem no migrante e se traduzem nos sentimentos de nostalgia, sendo que toda essa carga de dramaticidade, compartilhada entre os que partem e os que ficam, faz com que a migração seja sempre pensada como provisória, por mais longa que seja e mais durável que se enuncie. É por isso que o retorno não diz respeito ao espaço físico em si, mas principalmente ao espaço social, o que implica em uma grande impossibilidade prática, pois o migrante nunca retorna à mesma estrutura social que havia antes de migrar, apesar de estar de volta ao espaço físico (SAYAD, 2000, p. 14), ainda que esse espaço físico tenha se modificado.

Em suma, os migrantes que retornam são homens do *entre-deois* – entre-dois-lugares, entre-dois-tempos, entre-duas-sociedades – são também, e principalmente, homens-entre-duas-maneyras-de-ser ou entre-duas-culturas. Assim, o retorno une esses dois aspectos e ilustra simultaneamente a relação que o emigrante estabelece com a sociedade de origem, da qual se separou devido à migração, e também a relação que ele mantém com a sociedade de imigração e sua condição de imigrante.

Em outras palavras, trata-se de um *emigrante-imigrante*, que está aqui e está lá, presente e ausente ou ausente e presente. Está duas vezes presente e duas vezes ausente: aqui, ele está presente física e materialmente e de maneira corporal, mas ausente moral e

em espírito. Lá, ele ausente física, material e corporalmente, mas está presente moral, mental, imaginária e espiritualmente. Tudo isso consiste em um dos paradoxos da imigração: ausente onde está presente e presente onde está ausente (SAYAD, 2000, p. 19-20).

### **Preparação do retorno e reinserção na sociedade de origem**

Entendendo o retorno como um processo, os temas de preparação e de reinserção na sociedade de origem se fazem pertinentes na discussão aqui proposta.

Para Rivera-Sánchez (2013) o estudo sobre a reinserção social e laboral dos migrantes retornados a um espaço urbano pode contribuir para entender os efeitos sobre: 1) A probabilidade de conseguir emprego no mercado de trabalho local, as formas como opera o capital social, a escolaridade e em geral as habilidades e capacidades adquiridas na estada como imigrante internacional ao regressar ao país de origem; 2) As relações familiares e pessoais, o processo de reajuste a outra dinâmica social em um contexto que se modificou, isto é, o efeito da readaptação ou reincorporação, o ajuste de expectativas ou de conflitos, que geram as mobilidades humanas; 3) A relação mobilidade-estabelecimento (RIVERA-SÁNCHEZ, 2013, p. 58).

O entendimento de Cassarino (2004) sobre o impacto do retorno no local de origem revela a relação existente entre retorno e desenvolvimento. Na tentativa de superar a dicotomia sucesso/fracasso, o autor conjuga os fatores de nível micro e macro que configuram os padrões de retorno e a volta dos migrantes como potenciais atores de desenvolvimento local (CASSARINO, 2004, p. 274).

Para esse autor, o *preparo do retorno*, a *mobilização de recursos tangíveis (capital financeiro)* e *intangíveis (contatos, relações, habilidades)* adquiridos na experiência migratória e também os recursos que o migrante leva consigo de seu país de origem (capital social) somado ao *ato voluntário do migrante*, que é suportado pelo acúmulo de recursos e informações sobre as condições de pós-retorno na origem, indo além da livre escolha, explicam o porquê de alguns migrantes se tornarem atores de desenvolvimento no local de origem e outros não (CASSARINO, 2004).

Dessa forma, tal perspectiva colabora na desconstrução da ideia de que o retorno seria um ato voluntário, isto é, não se trata de o migrante *querer* regressar, mas sim de *estar preparado* para tal, o que implica reunir recursos e informações acerca das condições posteriores ao retorno para poder proceder ao processo de reintegração no seu país de origem. Assim, o retorno se refere a um *processo* através do qual os emigrantes valorizam os recursos disponíveis, de acordo com as circunstâncias específicas existentes no país emissor e receptor, para garantir sua reintegração (CASSARINO, 2007, p.73)

Nesta perspectiva, o tipo de retorno pode afetar o *status* ocupacional dos retornados no país de origem. Ademais, a duração da experiência migratória também é uma variável explicativa da reintegração social e profissional dos retornados. Essas duas variáveis não

podem se afastar do marco analítico que inclui as condições prévias e posteriores ao retorno, uma vez que tais fatores contextuais são parte integrante do processo de preparação do retorno (CASSARINO, 2007, p.74).

Sobre a duração da experiência migratória, Cassarino (2007) argumenta que a migração pode ter um impacto positivo sobre a capacitação profissional, especialmente dos emigrantes que decidiram retornar, e isto estaria relacionado à *duração ótima*, isto é, nem tão curta que não dê para aprender nenhuma habilidade e nem tão longa a ponto de romper com a origem e impedir que se tenha tempo e energia para utilizar os conhecimentos e capacidades adquiridas (KING RUSSEL, 1986 *apud* CASSARINO, 2007, p. 75).

Também sobre este tema, Durand (2006) sugere que existe uma *estratégia do retorno*, a qual seria uma maneira de fixar limites, impor objetivos e de obrigar-se de algum modo a retornar. Alguns voltam quando tem condições financeiras de adquirir as metas estabelecidas, por exemplo, comprar a casa ou quitar dívidas. Outros retornam após conseguirem a documentação, o que lhes permite transitar com mais facilidades entre os países de origem e destino. A partir da documentação é possível que os migrantes experimentem a vida novamente no país de origem, mantendo a possibilidade de remigrar, caso a reinserção não seja bem sucedida (DURAND, 2006, p. 181).

No âmbito familiar também há uma relação direta entre a duração da migração, o retorno e os custos que deve suportar a família do migrante. Em muitos casos o dilema se resume em optar entre o nível e a qualidade de vida; entre um maior ingresso econômico e um menor ritmo e pressão de trabalho; mais tempo de descanso, ambiente conhecido e contato familiar (DURAND, 2006, p. 184).

A duração da experiência migratória é apenas um dos fatores que explicam a capacidade dos emigrantes em investir em negócios empresariais em seu retorno. Esta capacidade varia de acordo com o país e com a maneira com que os emigrantes percebem as mudanças e as reformas que aconteceram em seu país de origem. Isso acontece porque o retorno não é somente uma questão pessoal, mas também contextual. Assim, investir em uma atividade empresarial ou não varia com a duração da migração, o contexto do país de origem, as políticas governamentais, as remessas, o apoio familiar e a rede social na qual o migrante se insere, as habilidades profissionais adquiridas no estrangeiro e as visitas periódicas ao país de origem (CASSARINO, 2007).

Considerar se o retorno se dá ou não por escolha própria é fundamental no momento de identificar os fatores adicionais que caracterizam as condições prévias e posteriores ao retorno. Sendo assim, a distinção entre aqueles que voltaram por própria iniciativa e aqueles que se viram obrigados a retornar constitui uma outra variável fundamental para explicar as perspectivas de reintegração sócio-profissional dos retornados uma vez de volta a sua origem (CASSARINO, 2007, p.66).

Se, por um lado, a vivência no estrangeiro permite ao migrante adquirir certos ofícios ou habilidades que fazem com que o retorno seja factível em melhores condições (DURAND, 2006), por outro, podem representar entraves à integração (HIRANO, 2005). Na primeira

perspectiva, o capital humano – idioma ou o domínio de ferramentas modernas – adquirido durante a estada fora do país de origem poderia converter-se em estímulo ao retorno e facilitar a obtenção de um melhor emprego ou a abertura do próprio negócio (DURAND, 2006, p. 182).

Já na segunda perspectiva, as habilidades adquiridas na migração não seriam aproveitadas no retorno ao Brasil, em virtude de os migrantes terem exercido trabalhos de pouca qualificação. Além disso, devido à sua ausência do mercado de trabalho, o migrante estaria desatualizado profissionalmente para assumir um posto de trabalho no país de origem.

Dessa forma, a reintegração dos migrantes de retorno se torna um processo difícil e que, em muitos casos, estimula uma nova migração ou adiando o regresso. Tomando como exemplo as dificuldades enfrentadas pelos migrantes *decasséguis* que retornaram ao Brasil, temos: 1) atender às exigências do mercado de trabalho; 2) conseguir um emprego satisfatório e bem pago; 3) retornar ao emprego anterior; 4) o medo de abrir um pequeno negócio e perder todo o capital poupado; 5) não ter capital suficiente para abrir o próprio negócio (SASAKI, 2000 *apud* HIRANO, 2005, p. 4).

Na pesquisa feita por Siqueira (2009) com migrantes retornados dos Estados Unidos em Governador Valadares, os principais problemas encontrados no local de origem, foram: falta de conhecimento do mercado local e de como administrar um empreendimento; o estranhamento do local de origem; a idealização do local de origem enquanto esteve fora (SIQUEIRA, 2009, p. 143).

Além desses fatores, as mudanças que ocorreram no estilo de vida e no consumo que também podem representar entraves à reintegração na sociedade de origem. Tais dificuldades influenciam a criar uma compreensão sobre o migrante retornado como um sujeito “eternamente insatisfeito”, uma vez que ao comparar as sociedades de destino e de origem podem manifestar sentimentos de frustração e a sensação de não pertencerem aquele lugar. Em última instância corrobora para novos e constantes deslocamentos (LUCENA; DIAS, 2013, p. 8-9).

Por fim, ressalta-se os impactos que a migração e o retorno podem ter no aspecto psicológico. O estranhamento causado pelo “estar aqui, mas com vontade de estar lá”, o medo em relação às expectativas criadas sobre o retorno, o medo de perder a poupança acumulada no exterior e da reinserção familiar e laboral, saudade do estrangeiros dos hábitos, costumes, amizades, desapontamentos em relação às expectativas do projeto migratório, que são as situações de estresse vivenciadas pelo migrante, podem ser percebidas enquanto obstáculos na sociedade de acolhida quando do retorno (SIQUEIRA; BRANDES, 2014).

## A interface entre migração de retorno e mobilidade social

O termo mobilidade social se refere às mudanças na posição que um indivíduo ocupa numa hierarquia de um determinado sistema de estratificação social, a qual pode ser *ascendente ou descendente* – isto é, envolvendo melhora ou piora nas condições de vida, respectivamente – ou *horizontal*, implicando uma alteração que não acarreta perdas ou ganhos substanciais para o indivíduo (ALBUQUERQUE, 2008, grifos nossos).

Enquanto os estudos sobre estratificação sublinham a estabilidade na posição que os indivíduos ocupam num sistema social, os de mobilidade social acentuam as oportunidades de mudança e os movimentos entre posições sociais ao longo da vida dos indivíduos. Dito isso, o nosso propósito é o de entender em que medida a migração influencia nas oportunidades de mobilidade ascendente dos migrantes retornados no Estado de Goiás.

Isso é possível porque o projeto migratório, por vezes, se caracteriza como estratégia para se conseguir ascensão social e econômica no local de origem, ou como possibilidade de manutenção da posição social já estabelecida. Em suma, um dos fatores que motivam a emigração é a busca por essas possibilidades de melhorar de vida, caracterizando uma interface entre esses dois campos de estudo.

Os estudos sobre mobilidade social remetem, necessariamente, a uma sociedade estratificada, entretanto os critérios para a definição das classes não são um consenso. De forma simplificada, podemos afirmar que estes diferem basicamente pelo critério da remuneração – a partir da renda e do consumo – ou a partir das ocupações (SCALON; SALATA, 2012). Nessa querela, a análise das ocupações tem se destacado nos estudos mais recentes, uma vez que sintetiza uma série de outros indicadores relativos à situação educacional e profissional do indivíduo, inclusive os rendimentos (ALBUQUERQUE, 2008).

A intersecção de diferentes tipos de capital determina as relações de poder e de hierarquia entre os indivíduos e os grupos na estrutura social. Sendo assim, deve ser analisada simultaneamente, nos processos de estratificação e de mobilidade social, a existência (ou não) de *capital econômico* (propriedades e rendimentos), de *capital cultural* (herança familiar, no que diz respeito aos níveis de escolaridade e de cultura), de *capital social* (as redes de relações sociais, que permitem aos indivíduos ter acesso aos recursos dos membros do grupo ou da rede (BOURDIEU, 1980) e de *capital simbólico* (prestígio). Assim, importa considerar na análise da estratificação e da mobilidade social “não apenas as inserções individuais ou familiares de classe, mas também os contextos onde se desenrola a ação do indivíduo: o território onde habita, o grupo de amigos, as associações a que se pertence, a escola que se frequenta (ALBUQUERQUE, 2008, p. 121).

É reconhecida a importância dos fatores estruturais na discussão de mobilidade social. Por outro lado, analisar como os recursos individuais, e o impacto que as novas

experiências adquiridas via a migração possuem na trajetória dos indivíduos na escala social, constituem um desafio.

Segundo de Haas (2009), devido à capacidade de agência que os indivíduos têm, a migração tem um potencial para gerar mudanças estruturais, isto é, pode consistir em um fator relevante de alteração nas condições sociais e econômicas tanto nos países de origem quanto nos de destino, tendo em vista que afeta o acesso aos recursos sociais, econômicos e humanos. Entretanto, como existem fatores estruturais que limitam isso, é importante considerar a análise da agência e da estrutura simultaneamente.

Dessa forma, os impactos da migração tendem a ser altamente heterogêneos e complexos, a depender das condições específicas nas quais o deslocamento ocorre. Por exemplo, teria resultados muito diferentes entre aqueles que migraram por aspirações econômicas e os que migraram num contexto de refúgio. Em última instância, isso significa que, a depender das circunstâncias, a mobilidade humana pode gerar efeitos positivos, menos positivos ou até negativos para o processo geral de desenvolvimento, uma vez que sob condições desfavoráveis, pode reverter-se numa diminuição das capacidades das pessoas (de HAAS, 2009).

Esse autor identifica três mecanismos pelos quais a mobilidade <sup>11</sup> e o desenvolvimento humano estão inter-relacionados. Primeiro, as pessoas precisam ter o mínimo de acesso a recursos sociais e econômicos para efetivarem a migração. Segundo, a migração tem um potencial de afetar o bem-estar dos migrantes, suas famílias, comunidades e nações. Isso porque as melhorias alimentadas pela migração nos padrões de vida e bem-estar, através de melhores condições de moradia, saneamento, comida, roupas e equipamentos eletrônicos, o que comumente é rotulado como um tipo de consumo improdutivo e ostentatório, de forma indireta pode melhorar a situação econômica do migrante e sua comunidade. Terceiro, a migração pode ser um instrumento fundamental para aumentar as capacidades das pessoas para melhorar seus meios de vida e contribuir para o crescimento econômico e para a mudança social, sendo que os benefícios podem também afetar aos não migrantes. Entretanto, os frutos da migração não são sempre distribuídos igualmente entre os diferentes membros da comunidade, o que pode aumentar ou diminuir as desigualdades.

Nesse sentido, o autor sugere que a partir da criação de mais canais legais, inclusive para os migrantes com pouca qualificação, a migração poderia diminuir custos e conseqüentemente a seletividade da migração, com limitados, mas potenciais efeitos positivos na redução da pobreza nos países de origem.

Os estudos sobre mobilidade social no Brasil concentram-se em cinco campos de pesquisa: mobilidade ocupacional intergeracional e intrageracional; mobilidade e segmentação do mercado de trabalho entre os setores formal e informal da economia; mobilidade de renda; e mobilidade educacional (ANDRADE; RODRIGUES, 1995). Dessa

---

<sup>11</sup> A partir da nossa tradução livre, no presente trabalho, *mobilidade humana* – ou *mobility*, conforme o termo utilizado por de Haas (2009) – será utilizada como sinônimo da palavra *migração*.

forma, os estudos são predominantemente quantitativos e utilizam como indicadores de mobilidade social: o *status* ocupacional, o nível educacional, renda, *status* migratório, idade, sexo e raça.

Scalon (1999) lança mão de alguns conceitos importantes acerca da mobilidade social. Primeiramente, define como *imobilidade* a situação em que há reprodução da posição social de origem nos estratos de destino. Já a *mobilidade estrutural*, refere-se às mudanças entre os estratos de origem e de destino que acontecem devido mudanças estruturais na economia, as quais abrem novas posições no mercado de trabalho ou novos postos ocupacionais, como, por exemplo, aquelas oriundas dos processos de urbanização e industrialização.

A *mobilidade de circulação ou por troca* acontece devido à movimentação do mercado de trabalho, ou seja, um indivíduo depende que a sua posição de destino seja desocupada por outra pessoa por motivos de aposentadoria, morte ou mobilidade social ascendente ou descendente, por exemplo. Devido ao fato das mudanças de posições não resultarem da abertura de novas posições, mas sim da disponibilização de vagas já existentes, a mobilidade de circulação depende basicamente dos recursos individuais, destacando-se o papel da educação e do treinamento neste processo.

Outra forma bastante recorrente de se medir mobilidade é a partir da comparação entre o estrato ocupado pelo pai no momento em que o indivíduo obteve seu primeiro emprego – sendo este entendido como estrato de origem – com o estrato do indivíduo no momento em que entrou no mercado de trabalho (primeiro emprego) – sendo este o estrato de destino, o que é chamado de *mobilidade intergeracional*. Essa será ascendente quando as posições de origem e destino são diferentes, sendo esta última melhor remunerada e/ou com mais prestígio social.

Já a *mobilidade intrageracional ou de carreira* refere-se à mobilidade experimentada pelo indivíduo durante seu ciclo de vida de trabalho. Aqui, a origem é definida pela posição ocupada pelo indivíduo no momento em que entrou no mercado de trabalho (primeiro emprego) e o destino é definido pela sua posição atual. Assim, é possível aferir o padrão de movimentação durante sua vida economicamente ativa (ciclos de vida/trajetória individual). Uma vez que as posições de origem e destino são diferentes, sendo esta última melhor remunerada e/ou com mais prestígio social, há mobilidade social ascendente.

Por fim, a *mobilidade total* se refere aos movimentos entre estratos observados com base na ocupação do pai no momento em que o indivíduo teve seu primeiro emprego e na sua ocupação atual, incluindo, assim, a mobilidade de geração (intergeracional) e de carreira (intrageracional).

Em suma, a mobilidade social pode ser entendida a partir da combinação de recursos individuais e estruturais (Pastore, 1979). Entre os fatores estruturais destacam-se os níveis de emprego, a diferenciação ocupacional, a urbanização e industrialização, entre outros. No tocante aos recursos individuais, a ênfase recai sobre a educação, idade, treinamento, experiência, dentre outros.

Se nas sociedades em processo de industrialização prevalece a mobilidade estrutural, nas sociedades mais desenvolvidas o tipo de mobilidade predominante é a de circulação. Nesse caso, as variáveis individuais, tais como educação, exercem maior influência nas chances de mobilidade ascendente nesses mercados porque são determinantes para a mobilidade circular.

As articulações entre mobilidade social e migração interna aparecem na produção de um corpo expressivo de pesquisadores brasileiros (PASTORE, 1979; VALLE SILVA, 1979; PELIANO, 1992; PATARRA, 1996; MARTINE, 1980, JANNUZZI, 2000), sendo a questão da inserção ocupacional do migrante no mercado de trabalho e da adaptação na sociedade de destino temas recorrentes. Para alguns autores, a migração teria sido um meio de ascensão social para seus protagonistas e um fator estruturalmente importante para explicar a intensa mobilidade social no Brasil no período de 1950 a 1970. Para outros, a mobilidade espacial seria uma das poucas estratégias de sobrevivência básica e para garantir sua posição na estrutura social (JANNUZZI, 2000, p. 5).

Já no âmbito da migração internacional, a questão da mobilidade social ainda é pouco explorada. Scudeler (1999) buscou verificar a existência de uma correlação positiva entre a escolaridade e a inserção ocupacional dos emigrantes de Governador Valadares no mercado de trabalho dos Estados Unidos. Segundo ela, haveria uma possibilidade de melhora ocupacional, a variar de acordo com o tempo da experiência migratória, porém em um nível muito restrito, isto é, o alcance dessa mudança não seria suficiente para alterar o perfil de sua inserção no mercado de trabalho do país de destino.

Por outro lado, quando consideramos o tema da mobilidade social a partir dos fluxos migratórios de retorno, percebemos uma correlação, direta ou indiretamente, nos estudos em que se analisa o sucesso ou o fracasso do *projeto migratório* (SIQUEIRA, 2009).

Essa perspectiva se baseia na premissa de que as pessoas emigram por terem um projeto migratório que tem como principal motivação trabalhar, ganhar dinheiro e melhorar o padrão de vida no Brasil (SIQUEIRA, 2009). Isso porque a migração permitiria acumular um capital e a inserção num patamar de consumo que dificilmente se concretizariam com os rendimentos obtidos no Brasil (SOARES, 1999). Dessa forma, vislumbram a possibilidade de ascensão social, concretizada através da compra da casa, da aquisição de bens de consumo duráveis e não duráveis, da abertura de empresas, entre outros.

Percebe-se, então, que é no momento do retorno ao país de origem que o migrante reflete sobre sua experiência de migração e, especialmente, avalia se os objetivos inicialmente traçados – tais como a compra da casa, do carro ou as metas de poupança e/ou investimentos – foram alcançados. Sendo assim, é na volta ao país de origem que se torna possível mensurar o movimento que o migrante retornado teve na escala social, isto é, sua mobilidade social, o que se dá normalmente através de indicadores econômicos (como os bens adquiridos, do emprego obtido, etc.). Em suma, analisa-se a posição desse indivíduo na estrutura social buscando aferir se este, após ter migrado, teve mobilidade social ascendente ou descendente (SIQUEIRA, 2009).

Essa questão da mobilidade social é importante, pois os migrantes consideram que foram bem sucedidos, e são reconhecidos como tal, se for percebida a mudança em sua posição social e econômica. Nesse sentido, a mobilidade social, obtida via migração, teria também o papel de justificar a ausência desses migrantes.

Os familiares que permanecem nas cidades de origem também podem experimentar uma mobilidade, mesmo que de curta duração, pois as remessas enviadas pelo emigrante possibilitam o acesso a uma habitação melhor e ampliam as possibilidades de consumo.

É possível perceber que a mobilidade ascendente atingida pelo emigrante se dá por uma via dupla, uma vez que com o aumento dos rendimentos, conseqüentemente, há um incremento das possibilidades de consumo. Torna-se possível consumir bens a que antes não tinham acesso, tais como viagens de férias, produtos alimentares mais caros e variados, educação e plano de saúde, etc. (SIQUEIRA, 2009).

Além disso, a economia do local de origem também pode ser beneficiada com os investimentos dos migrantes retornados, como no caso estudado por Soares (1999), no qual se destaca os investimentos no setor imobiliário de Governador Valadares por parte dos migrantes retornados.

Em um cenário de mobilidade circular, tal como o experimentado pela sociedade brasileira atualmente, onde se valoriza as características pessoais e a trajetória de cada indivíduo para qualquer aspiração à ascensão social, a experiência de migração e os fatores por ela gerados confeririam aos indivíduos um diferencial na entrada ou reentrada no mercado de trabalho (BOTEGA, 2011).

Nunan e Fernandes (2006) buscaram identificar a relação entre experiência internacional e empregabilidade no mercado formal de trabalho brasileiro, de forma a mapear junto aos demandantes por mão-de-obra quais aspectos são cruciais para reinserção do retornado ao mercado de trabalho. No senso comum, há o sentimento de que o investimento pessoal irá reposicionar o indivíduo no mercado formal de trabalho. Porém, esta nova inserção pode ser ilusória frente as reais demandas do mercado prejudicando a reinserção.

Nesse sentido, a hipótese de que experiência internacional adquirida seja um diferencial ao novo perfil exigido pelas empresas, visto que possibilita o desenvolvimento dessas competências de capacidade empreendedora, de trabalho em equipe, de inovação e capacidade de liderança, e que este fato seja um fator decisivo no momento da seleção de pessoas, tornando a migração internacional um investimento valioso na carreira profissional deve ser vista com ressalvas. Essa experiência internacional será valorizada e efetivamente representará um diferencial competitivo no mercado formal brasileiro quando agregar valor a outras competências que o candidato já possui ou que foram desenvolvidas ao longo do tempo, durante o período da emigração (NUNAN; FERNANDES, 2006).

Segundo esses autores, dentre as variáveis que interferem nesse processo de valorização da experiência internacional, a mais relevante, tanto na emigração quanto no retorno, é o foco/objetivo. Se a atividade executada no país de destino for similar àquela executada no país de origem, isso será visto pelos empregadores como um valor agregado.

Porém, quando não é identificado o profissional pode ser considerado excluído do mercado de trabalho, por ter se distanciado do seu foco (NUNAN; FERNANDES, 2006).

O conhecimento de uma língua estrangeira é quase que um pré-requisito para a contratação, porém a vivência internacional não garante o aprendizado, sobrepondo-se à um candidato que tenha estudo outra língua sem ter saído de seu país (NUNAN; FERNANDES, 2006), além disso, conforme argumenta Scudeler (1999), o intenso ritmo de trabalho que os migrantes têm no local de destino dificulta o aprendizado da língua e questiona sobre a real melhora nas aptidões quanto ao idioma (SCUDELER, 1999, p. 208).

Nesse aspecto podemos retomar a interface deste assunto com o fenômeno da migração, tendo em vista que o migrante durante a estada em outro país terá acesso a novas experiências de vida e no mercado de trabalho, ao conhecimento de outra realidade, ao aprendizado de outro idioma e tantas outras novidades. Entretanto, se, por um lado, a vivência no estrangeiro permite ao migrante adquirir certos ofícios ou habilidades que fazem com que o retorno seja factível em melhores condições (DURAND, 2006), por outro, pode representar entraves à integração (HIRANO, 2005), sendo necessário investigar em que condições se dá a reinserção do migrante retornado no mercado de trabalho do local de origem

## 2. A EMIGRAÇÃO PARA OS ESTADOS UNIDOS E OS FLUXOS DE RETORNO PARA O BRASIL

O fenômeno migratório brasileiro é algo bastante dinâmico e diverso, se revelando como um complexo objeto de estudo. Para compreender a migração de retorno, faz-se necessário entender as fases e processos da migração no país.

Solé, Cavalcanti e Parella (2011) analisam a migração brasileira a partir de *idades* (SOLÉ; CAVALCANTI; PARELLA, 2011, p. 25-47). Desde essa perspectiva, a “primeira idade” refere-se ao período de intenso recebimento de imigrantes europeus, no século XIX e XX, provenientes da Itália, Alemanha, Portugal e Espanha. A “segunda idade” diz respeito aos fluxos de migração interna, no início do século XX, sendo estes também marcados pelos processos de urbanização e de industrialização no país. Neste contexto, os deslocamentos de êxodo rural e, posteriormente, os fluxos interregionais para os grandes centros urbanos do Sudeste, com destaque para São Paulo e Rio de Janeiro, e do Sul do país, caracterizavam-se como uma estratégia para alcançar mobilidade social.

A “terceira idade” se dá no contexto da estagnação do número de imigrantes internacionais e se caracteriza, principalmente, pelo aumento da emigração. Os fluxos emigratórios para os Estados Unidos, Japão, países da Europa, como Reino Unido, Portugal e Espanha, e, na América do Sul, para o Paraguai, Argentina e Uruguai, ganham destaque. Disto, pode-se inferir a heterogeneidade da migração brasileira e é preciso lembrar que cada um desses fluxos migratórios possui sua especificidade e características próprias. Por fim, a “quarta idade” é marcada pela diversificação dos fluxos e pelo acontecimento simultâneo de emigração e imigração. A partir de uma análise contemporânea dos fluxos migratórios no Brasil, a esta quarta idade, acrescentamos a imigração de retorno.

Em suma, o histórico brasileiro acerca do fenômeno da migração internacional foi tradicionalmente retratado na literatura a partir de dois períodos: primeiramente, no século XIX, no qual o país recebia imigrantes (europeus, africanos, orientais entre outros); e posteriormente, ao final do século XX – décadas de 70 e 80 – no qual os brasileiros se tornam emigrantes e deixam o país em direção aos Estados Unidos, Canadá, Europa Ocidental e Japão. Assim, o Brasil teria se incorporado, pouco a pouco, ao conjunto das nações que abastecem o mercado mundial com trabalhadores, a partir da emigração (SALES, 1999, 2001; ASSIS, 1999; FUSCO, 2001; FLEISCHER, 2002; MARGOLIS, 2003; SIQUEIRA, 2009). Entretanto, a análise contemporânea do cenário migratório brasileiro deve considerar a exportação de emigrantes em paralelo com a entrada de imigrantes no país, o que seria, uma nova questão social situada no contexto da globalização (PATARRA, 2005, p. 25). Dessa forma, a crise financeira, o estancamento do processo de desenvolvimento, o excedente de mão de obra, a pobreza, a ausência de perspectiva de mobilidade social ascendente, entre outras causas, seriam os principais determinantes para a emigração dos brasileiros na década de 1990.

## Contextualização da emigração brasileira para os Estados Unidos

O movimento emigratório em direção aos Estados Unidos tem início na década de 1960 e se caracterizava como algo esporádico, tendo como origem emigrantes provenientes da Microrregião de Governador Valadares (Estado de Minas Gerais) e que inseriram-se no mercado de trabalho secundário, inicialmente na região de New York (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013).

Ao longo das duas décadas seguintes uma rede foi se consolidando, o que resultou no *boom* migratório da segunda metade dos anos de 1980 quando constatou-se um aumento da migração brasileira para este país, incluindo também emigrantes provenientes de outras regiões do Brasil (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013; p. 123).

Ribeiro (1999), ao estudar os elementos identitários dos emigrantes brasileiros na Califórnia, já destacava a presença de goianos na região da *Bay Area* e especialmente em São Francisco (RIBEIRO, 1999).

No período da década de 1980, a chamada “década perdida”<sup>12</sup>, as motivações para emigração eram predominantemente econômicas, haja vista as crises econômicas que atingiram o Brasil neste período, os períodos inflacionários, a falta de oportunidade de emprego, a decepção com a era Collor, os problemas de segurança urbana, entre outros. Toda essa situação demonstrava um ambiente instável e inseguro, se comparado com o cenário americano, sendo esta uma das possíveis causas de explicação do fomento da emigração brasileira (SALES, 2001).

Segundo Solé, Cavalcanti e Parella (2011), todos estes fatores estruturais da economia brasileira na década de 1980 são determinantes para que a classe média, cada vez mais debilitada, vislumbresse o estrangeiro, especialmente os Estados Unidos. Assim, a emigração para este país se inicia como uma alternativa para manter os recursos da classe média e para garantir alguns capitais de classe, como a educação superior ou o nível de renda, entre outros, os quais estavam ameaçados pela continuada crise econômica do país (SOLÉ; CAVALCANTI; PARELLA, 2011; p. 35).

Entretanto, a partir do período da década de 90 e começo desse século, a migração não pode ser somente atribuída às crises econômicas e ao cenário negativo do Brasil, mas, ao invés disso, às boas condições econômicas do país que permitiram aos indivíduos de classe média arcar com as despesas e os custos que a migração exige e efetivá-la (SIQUEIRA, 2009).

Diante disso, o perfil do emigrante brasileiro nos Estados Unidos pode ser descrito como: jovem, com nível médio de instrução, pouco conhecimento do idioma, de classe

---

<sup>12</sup> Expressão utilizada pelos economistas latinoamericanos da CEPAL na década de 1980 para expressar uma etapa na história econômica da América Latina em que se notou uma decadência dos indicadores econômicos devido a sucessivas crises que afetaram os países da região e geraram um momento considerável de desigualdade e pobreza.

média, que lança mão da entrada clandestina e que atua nos serviços de baixa qualificação (rejeitados pela população americana), mas com boa remuneração se comparado com a renda no Brasil e a situação de desemprego (PATARRA, 2005).

Para entender o contexto brasileiro, em específico, não se pode perder de vista a dinâmica laboral dos fluxos migratórios internacionais em geral. Neste sentido, os imigrantes que se identificam no perfil descrito acima constituem um grupo laboral ideal para ocupar o mercado de trabalho secundário, devido à vulnerabilidade criada por sua situação irregular (PORTES; GUARNIZO, 1991). Este segmento do mercado de trabalho se refere às atividades de pouco prestígio social e de baixo salário nos parâmetros da sociedade americana.

Diante disso, o caso dos emigrantes brasileiros não seria diferente. Eles realizam um tipo de trabalho que provavelmente não realizariam no Brasil, com uma carga de trabalho exaustiva e sob condições precárias de trabalho, mas que permite a eles ganhar uma quantia de dinheiro superior ao que ganhavam e também viver com melhor qualidade de vida, haja vista as possibilidades que se têm de usufruir de serviços públicos tais como educação e saúde (em geral, com condições superiores aos serviços brasileiros) e ainda terem acesso à esfera do consumo (SALES, 1999; SIQUEIRA, 2009; ASSIS, 2011).

Em suma, o caso dos emigrantes brasileiros segue uma tendência presente nos fluxos migratórios internacionais, dos ditos “migrantes econômicos”, uma vez que se sujeitam a um rebaixamento de seu status social em prol da recompensa financeira imediata, tendo em vista que, no Brasil, a falta de oportunidade de emprego e o longo período de recessão econômica bloqueiam sua ascensão social. Assim, a imigração se tornaria uma boa estratégia econômica (PATARRA, 2005; p. 27).

Além disso, ao se tornarem imigrantes nos EUA, os indivíduos têm geralmente por objetivo trabalhar e juntar dinheiro para adquirir bens ou iniciar seu próprio negócio ao retornar ao Brasil (SIQUEIRA, 2009). Desempenham atividades do mercado de trabalho secundário, principalmente na construção civil, no serviço doméstico e na jardinagem. Os imigrantes brasileiros em São Francisco, conforme relatado por Ribeiro (1999), estavam predominantemente trabalhando em pizzarias, na faxina, entregando jornais ou como motoristas de taxi. Em outras regiões existe uma forte presença de estabelecimentos de comércio de produtos brasileiros, roupas, cosméticos, produtos alimentícios, etc. (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013).

Devido à intenção de retornar para o Brasil e aos seus vínculos mantidos com a terra natal, muito imigrantes brasileiros relutavam em investir na construção da comunidade nos Estados Unidos, o que se reflete na ausência de organizações comunitárias (MARGOLIS, 2003, p. 59).

No período da década de 90 em diante dois aspectos ganham relevância nos estudos migratórios, não somente no Brasil, mas também na América Latina (PEDONE, 2008): as remessas (PATARRA, 2005) e a questão da reunião familiar (ASSIS, 1999), o que

marcaria também o início da inserção das mulheres no processo migratório<sup>13</sup>. Neste contexto, aspectos como, descendência familiar dos indivíduos, crises familiares (divórcios, busca por emancipação), laços afetivos e redes sociais também se apresentavam como estímulos para a emigração (ASSIS, 1999), indo além da visão tradicional que se restringe às motivações de cunho econômico.

Para Sales (2001) o processo emigratório brasileiro estaria organizado em fases (ou gerações), isto é, houve uma primeira fase temporária que foi cedendo espaço para uma segunda fase, sendo esta permanente ou com estadas mais longas. A primeira geração diz respeito aos emigrantes da década de 80, os quais tinham por objetivo ir para outro país para conseguir ascensão social (“fazer fortuna”) e voltar para seu país de origem. Já por volta dos anos 90, haveria uma segunda geração composta pelos filhos ou familiares desses migrantes primários, os quais teriam nascido no estrangeiro ou teriam nascido no Brasil, mas emigram para se juntar aos seus pais e/ou familiares. Para estes a preocupação é a inserção na cultura e na sociedade americana, vislumbrando possibilidades de se inserirem em melhores posições no mercado de trabalho nos Estados Unidos (PORTES; HALLER; FERNANDÉZ-KELLY, 2008).

Nos estudos sobre emigração de brasileiros para os Estados Unidos o uso da teoria de redes sociais chama a atenção. As redes, por atuarem tanto no país de origem dos migrantes – concedendo suporte enquanto estes planejam sua viagem e durante sua estadia fora do Brasil – quanto no país de destino, auxiliando na adaptação inicial e direcionando ocupações no mercado de trabalho, trazem o entendimento da migração enquanto um projeto familiar, afetivo e econômico. Além disso, induzem ao processo de formação das chamadas “comunidades filhas” e pressupõem um redirecionamento no fluxo migratório para lugares específicos (FUSCO, 2001).

Margolis (2003), na tentativa de mapear os migrantes brasileiros nos Estados Unidos a partir dos dados do Censo de 2000, demonstrou que a maioria (75%) morava nos seis estados mais tradicionais (desde a década de 1980): Nova York, New Jersey, Connecticut, Massachusetts, Flórida e Califórnia, sendo que as maiores concentrações estavam nas áreas metropolitanas de Nova York, Boston e Miami. Consideráveis enclaves de brasileiros também foram encontrados por ela em Washington/DC, Filadélfia, Chicago, Houston, Los Angeles, São Francisco e San Diego.

Essa autora já evidenciava que os brasileiros, assim como outros imigrantes recentes que chegavam aos Estados Unidos, estavam se dirigindo para regiões que não eram polos tradicionais de recebimento de estrangeiros, como o caso de Atlanta. Além disso, ainda que houvesse uma proeminência no número de brasileiros provenientes de Governador Valadares (Minas Gerais), havia indícios de uma diversificação dos locais de

---

<sup>13</sup> Sabe-se que a migração feminina tem uma complexidade própria e não se dá unicamente motivada por questões de reunificação familiar, entretanto esta discussão não faz parte do escopo deste projeto. Sobre este tema ver Assis (2011).

origem, apontando a relevância de outras localidades, tais como Rio de Janeiro, Goiás e São Paulo (MARGOLIS, 2003, p. 55).

As dificuldades em se mensurar o número de brasileiros morando no exterior, e nos Estados Unidos em particular, já foi amplamente retratada na literatura. Margolis (2003) argumenta que um dos fatores que dificulta determinar o tamanho da população brasileira nos Estados Unidos diz respeito à situação irregular de documentação. Outra dificuldade abrange questões relativas a raça e etnicidade, uma vez que o Censo dos Estados Unidos não possui uma categoria específica para os brasileiros e os computa na categoria de hispânico/latino (MARGOLIS, 2003, p. 54).

Diante destas dificuldades, os dados divulgados pelos órgãos brasileiros – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Ministério das Relações Exteriores (MRE) – são importantes fontes de consulta, ainda que não consigam retratar a totalidade e que existam divergências entre suas estimativas.

Segundo os dados do Censo Demográfico de 2010, 491.243 brasileiros residiam no exterior, sendo que 23,8% desse total estavam nos Estados Unidos no ano da realização da pesquisa. As principais regiões de origem desses emigrantes, segundo o Censo, eram: Minas Gerais (43,2%), Rio de Janeiro (30,6%), Goiás (22,6%), São Paulo (20,1%) e Paraná (16,6%). Aqui cabe ressaltar que Goiás foi o estado de origem com maior proporção de emigrantes – 5,92 pessoas para cada mil habitantes (IBGE, 2011).

As estimativas do MRE (2013) foram construídas com base nas informações dos Relatórios Consulares (RCNs) e também reflete as dificuldades de estimar a população brasileira nas comunidades nos Estados Unidos, tendo em vista a situação irregular de documentação.

O número de brasileiros estimado nos Estados Unidos pelo MRE (2013) é de 1.006.842. A tabela 03 apresenta as cifras nas principais cidades, vejamos:

**Tabela 03: Estimativa do número de brasileiros nos Estados Unidos (MRE, 2013)**

<b>Brasileiros nos Estados Unidos</b>	
Nova York	285.000
Miami	250.000
Boston	86.842
Atlanta	80.000
Houston	70.000
Hartford	60.000
Chicago	55.000
São Francisco	50.000
Washington	40.000
Los Angeles	30.000
Total	1.006.842

Fonte: elaboração própria com base nos dados do MRE (2013)

No que diz respeito ao fluxo migratório Brasil – Estados Unidos, nos anos 2000, dois acontecimentos são significativos e desencadeiam ações que afetam diretamente a população migrante no que se refere ao direcionamento, ao volume e à intensidade dos

fluxos: os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 e a crise econômica desencadeada a partir de 2007-2008.

O primeiro pode ser considerado, para a história da migração para os Estados Unidos, um marco de mudança definitiva, pois, ainda que o país já adotasse medidas restritivas às migrações, é a partir deste momento que a questão se torna mais fortemente associada a uma ameaça à segurança interna no país. Várias medidas foram tomadas pelas autoridades americanas, inclusive em parceria com o governo do México, o que aumentou as dificuldades e os riscos para aceder aos Estados Unidos via este país.

Margolis (2003) relata os impactos dos atentados de 11 de setembro sob os brasileiros, os planos de retorno e o desestímulo à emigração daqueles que estavam planejando ir para os Estados Unidos. Muitos procuraram registrar seus filhos nascidos nos Estados Unidos nos consulados brasileiros para assegurar que os mesmos tivessem também a cidadania brasileira. Deste modo, na eventualidade de haver mais ataques, eles teriam a opção, sem atrasos burocráticos, de voltar ao Brasil com seus filhos. Além da perda de segurança, o aumento da discriminação contra os imigrantes fez com que alguns brasileiros questionassem seu projeto de morar nos Estados Unidos. Outros anteciparam o retorno por cautela e também por pressão dos familiares que estavam no Brasil preocupados. Mesmo não havendo um êxodo em massa para o Brasil após os ataques terroristas, os Estados Unidos se tornaram um lugar menos atraente para imigrantes brasileiros, inclusive porque se tornou mais difícil entrar no país (MARGOLIS, 2003, p. 65-66),

O segundo fator, a crise econômica e suas consequências sobre o emprego e a cotação do dólar, atua como fator de desestímulo à permanência dos brasileiros no país. A crise atingiu principalmente o mercado imobiliário e, conseqüentemente, a construção civil, nicho de trabalho de grande parte dos brasileiros, chegando também a afetar outros nichos de trabalho como serviço doméstico e o mercado étnico. Para o trabalhador a crise se traduziu em redução de oferta de trabalho e redução do valor pago pela hora de trabalho. Além disso, com a queda do valor do dólar em relação à moeda brasileira houve uma redução do dinheiro enviado para o Brasil (FERNANDES; KNUP, 2012).

A significativa redução dos ganhos e um aumento do custo de vida somado ao medo da deportação, tornou o custo benefício da emigração negativo em termos econômicos para o emigrante brasileiro. Por outro lado, não se pode perder de vista a situação da economia brasileira que, no momento de crise e em anos posteriores, teve respostas positivas que levaram à criação de postos de trabalho e à ampliação da renda dos trabalhadores. Em suma, por um lado, estão as dificuldades legais e a conjuntura da economia americana dificultando a permanência de brasileiros nos EUA, funcionando como fatores de “expulsão”, e, por outro lado, as melhorias na condição de trabalho no Brasil funcionando como fatores de “atração” (FERNANDES; KNUP, 2012). No entanto, é importante ressaltar que os fluxos migratórios vão além das questões econômicas.

Analisando essas evidências empíricas à luz dos dados do Itamaraty, os quais indicam que o número de brasileiros no exterior diminuiu 20% nos últimos anos (passando de 3 para 2,5 milhões), é possível inferir uma associação entre os movimentos de retorno para o Brasil e a crise econômica. Essa informação, se interpretada de maneira associada aos valores das remessas enviadas para o Brasil, que vem diminuindo desde 2010 e que em 2013 teve uma queda de 18,4%, segundo dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID (2013), reforça essa hipótese.

Dito isso, todo esse cenário contribuiu para que vários brasileiros resolvessem retornar ao Brasil, movimento que já podia ser observado em 2007, mas que toma maior amplitude após 2008. Dessa forma, o grande número de retornados no país revela as dificuldades com a readaptação na vida no Brasil, colocando para alguns um forte desejo de remigrar (FERNANDES; KNUP, 2012).

### **O fluxo Goiás – Estados Unidos**

A migração, seja ela interna ou internacional, marca fortemente o Estado de Goiás. Segundo Chidiac (2014), a emigração goiana em grande escala começou na famosa “década perdida”, nos anos 1980. Porém, atualmente, a região também é marcada por receber fluxos de imigrantes árabes e, mais recentemente, de asiáticos e de cidadãos de Leste europeu (CHIDIAC, 2014, p. 157).

Segundo esse autor, os goianos, dentre os brasileiros, são o maior contingente de pessoas que saem e voltam ao País, sem a fixação de residência no exterior, ficando atrás somente dos mineiros. Além disso, Goiás é um dos estados brasileiros que mais contribuem com o fluxo migratório de mulheres para a prostituição na Europa, sendo relevante também a questão do tráfico de pessoas para fins de exploração sexual (CHIDIAC, 2014).

Ribeiro (1999) foi um dos primeiros a perceber a grande concentração de goianos em San Francisco/Califórnia e na *Bay Area* e a formação de redes sociais determinando esse fluxo migratório. Esses encontravam-se trabalhando em pizzarias, na faxina, com entrega de jornais e como motoristas de táxi.

Ao estudar as questões identitárias dos migrantes nos Estados Unidos, Ribeiro (1999) percebeu que a tradição rural, onde os valores da vida familiar são altamente presentes, marcava a inserção desses imigrantes em San Francisco, uma vez que os goianos tendiam a viver juntos ou próximos uns aos outros, vivendo nos mesmos edifícios, compartilhando apartamentos e mantendo suas redes sociais baseadas em relações já existentes em Goiás ou construindo novas com os goianos que conhecem em São Francisco “*Gente, saí de Goiânia e de repente me encontrei em outra Goiânia*” (RIBEIRO, 1999, p. 49). Por outro lado, esses elementos das identidades regionais, tão importantes internamente ao país, eram subsumidas sob a nacional. Na verdade, as identidades regionais e locais perdem seu peso relativo quando o outro é um estrangeiro mas mantêm sua eficácia na organização

da experiência migratória e internamente ao cotidiano da “comunidade” brasileira em São Francisco.

Margolis (1994) ressalta que o destino preferencial dos brasileiros eram os Estados Unidos, devido à atratividade das empresas estadunidenses, que criaram uma imagem de possibilidades de melhores salários em solo estadunidense. Com o aumento das dificuldades e dos custos da migração clandestina via o México, os países da Europa, especialmente Portugal, se tornaram a segunda opção.

Dessa forma, a partir de 2005, quando o México passou a exigir passaporte dos brasileiros que viajavam para o país para tentarem entrar nos Estados Unidos, ocorreu uma inversão na rota de imigração dos goianos. Afirma que, em média, 80% dos imigrantes que saíam de Goiás tinham os Estados Unidos como destino, mas a crise econômica enfrentada pelos norte-americanos, aliada à queda do preço do dólar, motivou os brasileiros a procurarem o sonho de uma vida melhor na Europa, principalmente em países como Portugal, Espanha e Reino Unido (PEREIRA, 2009).

Segundo dados do IBGE (2011), mais de cem mil (106.758) emigrantes provenientes do Estado de Goiás estavam fora do país quando da realização do censo demográfico de 2010. Entretanto, para o governo do Estado, a estimativa é ainda maior, com cerca de 300.000 goianos no exterior, sendo aproximadamente 200.000 nos Estados Unidos, predominantemente nas cidades de Atlanta, São Francisco, Nova Iorque e Boston, e 100.000 na Europa, onde os principais destinos são Portugal, Espanha, Itália, Inglaterra e França (DIAS, 2013, p. 7; CHIDIAC, 2011).

No que se refere ao retorno dos goianos, Chidiac (2014) afirma que a crise econômica internacional exerce uma forte influência, especialmente a partir do final de 2008. Entre 2009 e 2010, a Secretaria estima que retornaram para Goiás, seja de forma voluntária ou por deportação, 40.000 pessoas.

Segundo Chidiac (2014), seria inquestionável o reflexo econômico, no Estado de Goiás, da emigração goiana. Os emigrantes tentam sempre enviar dinheiro para os parentes que permaneceram, tanto para a subsistência da família, quanto para o investimento em negócios. Nos dez últimos anos chegaram a Goiás, em forma de divisas dos emigrantes goianos, bilhões de reais. A estimativa de remessas enviadas ao Brasil por goianos que residem fora, em 2007, foi de 2 bilhões de reais e, em 2011, de 1 bilhão. Acredita-se que esse decréscimo se deu principalmente em função de crises financeiras internacionais (CHIDIAC, 2014).

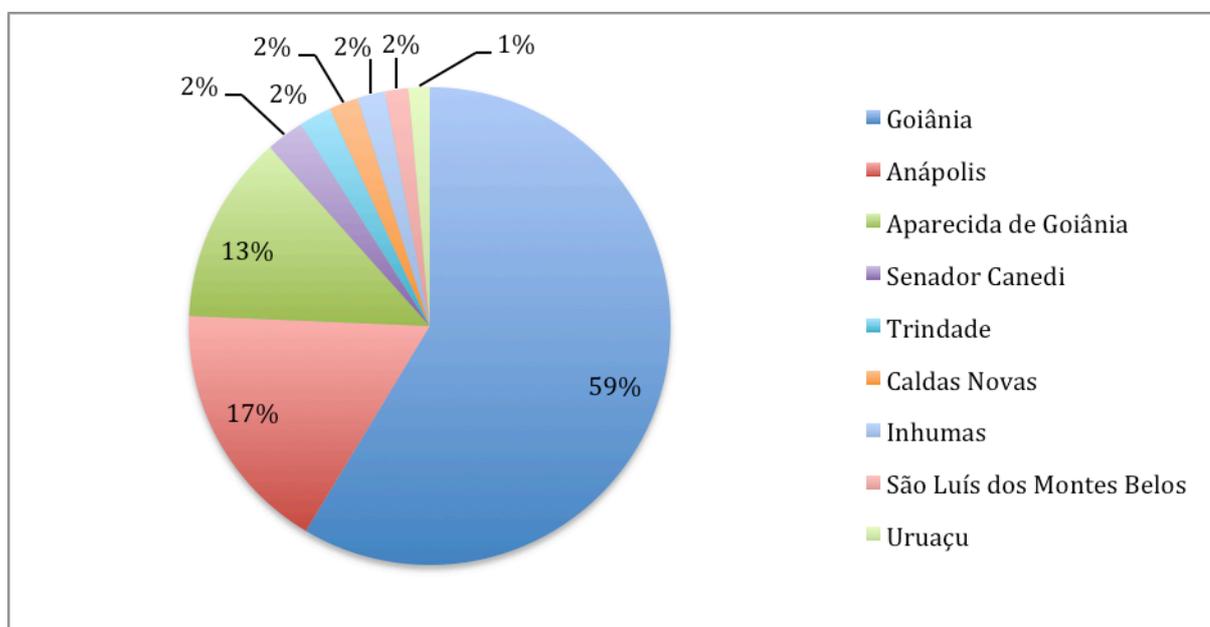
São notáveis os investimentos no mercado imobiliário – a compra de apartamentos – e em terrenos rurais – compra de pequenas fazendas e, em decorrência disso, compra de gado para essas fazendas. Também se observa essa movimentação na compra de lotes ou de casas nos condomínios fechados. E, com o regresso de emigrantes devido à crise econômica, tem-se observado, nos últimos quatro anos, o investimento em atividades profissionais aprendidas no exterior: restaurantes, faxina a grande escala e prestação de

serviços em geral, uns serviços para os quais se adquiriu experiência fora (CHIDIAC, 2014, p. 160).

Em relação à ocupação profissional dos goianos no exterior, há casos muito particulares, como o dos açougueiros de Piracanjuba concentrados na Irlanda. Mas, em geral, as principais ocupações são as de pedreiro, entregador de pizza, arrumadeiras – faxina em geral –, garçonetes, cabeleireiras e cabeleireiros, dançarinas e a prostituição (CHIDIAC, 2014).

Segundo o Censo de 2010, Goiás é relevante no cenário nacional por ocupar o terceiro lugar dentre as unidades da federação que mais exportam pessoas, atrás apenas de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Especificamente, destacam-se como locais de origem os municípios de Goiânia, com 41.526 emigrantes; Anápolis, com 12.102 e Aparecida de Goiânia, com 9.061 (DIAS; OLIVEIRA, 2014). Vejamos a distribuição no gráfico a seguir:

**Gráfico 01: Emigrantes internacionais nos municípios goianos**



Fonte: Elaboração própria com base em: DIAS; OLIVEIRA, 2014.

Dessa forma, constata-se que a região metropolitana de Goiânia e a região chamada de centro goiano abrigam as localidades de onde tem saído o maior número de emigrantes internacionais. Um bom exemplo é o caso da cidade de Anápolis (localizada no Centro Goiano), que ocupa a 10ª posição no *ranking* das cidades que mais têm habitantes emigrados internacionalmente. Chama muito a atenção o fato de a maioria absoluta dos emigrados de Anápolis escolher como destino preferencial a República da Irlanda, este fluxo está diretamente associado ao fechamento do frigorífico Bordon, comprado pelo grupo JBS em 1993 e localizado na Vila Fabril, em Anápolis. Daí teria sido desencadeada uma complexa rede migratória entre os dois locais, que levaria a uma caracterização da cidade goiana como a maior “exportadora” de trabalhadores para a Irlanda, com desdobramentos para toda a Europa (SILVA, 2011).

No geral há um predomínio de mulheres goianas que migram se comparado ao número de homens. Além disso, embora a permanência daqueles que vão para os Estados Unidos seja maior (6,3 anos), o continente europeu, destacadamente Espanha e Portugal, tem sido eleito como rota preferencial (DIAS, MONSUETO E CARRIJO, 2014).

Os dados apresentados reforçam a importância que os fluxos migratórios internacionais têm no Estado de Goiás, o que envolve não somente as cidades maiores – como Goiânia e Anápolis – mas também as cidades interioranas, as quais constituem grandes polos de saída de migrantes. Dias e Oliveira (2014) constataram no âmbito da pesquisa *Goianos/as pelo Mundo: fluxos migratórios internacionais e políticas públicas* que a presença de pessoas (ou instituições) que pudessem oferecer apoio no país receptor, fossem elas parentes, amigas ou conhecidas (amigos de amigos) foram fundamentais para explicar as rotas preferenciais, a duração dos fluxos migratórios, as ocupações e as atividades de trabalho desenvolvidas no país receptor, as negociações e os acordos que envolvem inclusive empréstimos em dinheiro para viabilizar a saída, assegurar a permanência no local de destino e eleger o momento do retorno (DIAS; OLIVEIRA, 2014, p.17).

#### Os fluxos de retorno dos Estados Unidos para o Brasil – Censo de 2010

Segundo dados do Censo de 2010, que 65,6% dos imigrantes que entraram no Brasil são nacionais, ou seja, brasileiros que residiram no exterior, o que chamamos de *imigrantes de retorno* (OLIVEIRA, 2013). Se considerarmos os estrangeiros, os brasileiros natos e as pessoas naturalizadas brasileiras chegaremos a um total de 455.335 migrantes internacionais retornaram ao Brasil, o que corresponde a 73%.

Dito isso, a distribuição dos fluxos migratórios por nacionalidade, segundo país de residência anterior, pode ser observada na Tabela 04.

**Tabela 04: Fluxos migratórios por nacionalidade, segundo país de residência anterior**

Fluxos migratórios por nacionalidade, segundo país de residência anterior - Brasil, 2010				
País de residência anterior	Nacionalidade			
	Total	Brasileiros natos	Naturalizados brasileiros	Estrangeiros
<b>Total</b>	<b>455335</b>	<b>298864</b>	<b>33627</b>	<b>122844</b>
Estados Unidos	79327	64138	5767	9422
Japão	61694	53825	4016	3853
Portugal	35653	26609	2291	6753
Paraguai	44335	26274	6573	11488
Reino Unido	21284	18391	719	2174
Espanha	22854	17884	1305	3665
Itália	20026	14254	1066	4706
Demais países e ignorados	170162	77489	11890	80783
Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2010				

Fonte: BOTEGA; CAVALCANTI; OLIVEIRA (2015)

Conforme os fluxos emigratórios já consolidados historicamente, os principais países de última residência desses imigrantes de retorno são: Estados Unidos (17,42%), Japão (13,54%), Paraguai (9,73%), conforme apresentado na Tabela 01.

**Tabela 05: Fluxos imigratórios para o Brasil, segundo país de residência anterior**

<b>Fluxos migratórios, segundo país de residência anterior Brasil, 2010</b>	
<b>País de residência Anterior</b>	<b>Total</b>
<b>Total</b>	<b>455335</b>
Estados Unidos	79327
Japão	61694
Portugal	35653
Paraguai	44335
Bolívia	27261
Reino Unido	21284
Espanha	22854
Itália	20026
Demais países e ignorados	142901

Fonte: BOTEGA; CAVALCANTI; OLIVEIRA (2015)

Ainda de acordo com os dados do Censo de 2010, e conforme encontra-se ilustrado na Tabela 03, dentre as principais Unidades da Federação que receberam fluxos de imigrantes internacionais estão: São Paulo (30,7%), Paraná (14,6%), Minas Gerais (9,8%) e Rio de Janeiro (7,6%), o que evidencia a importância das regiões Sudeste e Sul no que diz respeito ao fenômeno migratório no Brasil.

**Tabela 06: Fluxos migratórios segundo as principais Unidades da Federação**

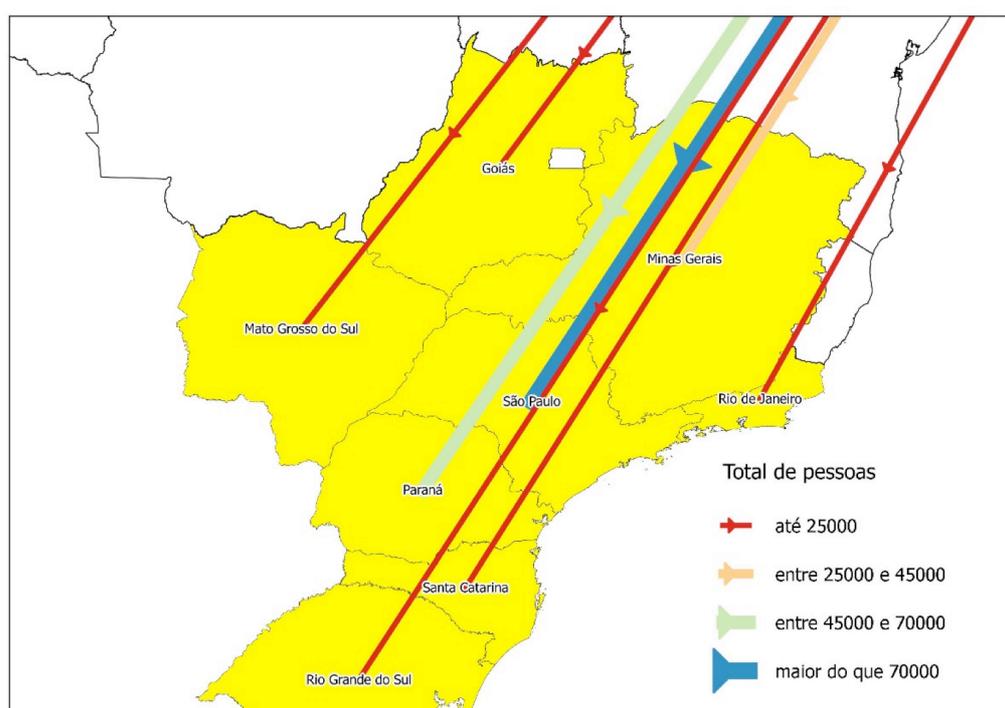
<b>Unidade da Federação</b>	<b>Total</b>	<b>Unidade da Federação</b>
<b>Brasil</b>	<b>455335</b>	<b>Brasil</b>
São Paulo	139 940	Minas Gerais
Paraná	66 732	São Paulo
Minas Gerais	44 649	Paraná
Rio de Janeiro	34 808	Rio de Janeiro
Rio Grande do Sul	23 923	Goiás
Santa Catarina	20 872	Espírito Santo
Demais UFs	124 411	Demais UFs

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2010

Fonte: BOTEGA; CAVALCANTI; OLIVEIRA (2015)

Especificamente, no que se refere à distribuição de migrantes de retorno por Unidades da Federação, o Mapa 01 evidencia que: São Paulo é o principal Estado, com um fluxo de mais de 70.000 pessoas; o Paraná aparece em segundo lugar com um fluxo que compreende de 45.000 a 70.000 pessoas, seguido de Minas Gerais, com um fluxo de 25.000 a 45.000 pessoas. Os Estados do Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás e Mato Grosso do Sul, ocupam a mesma categoria recebendo até 25.000 pessoas retornadas.

**Figura 01: Fluxos migratórios de brasileiros retornados, segundo as principais UFs de residência**



Fonte: BOTEGA; CAVALCANTI; OLIVEIRA (2015)

### *Perfil dos migrantes de retorno no Brasil*

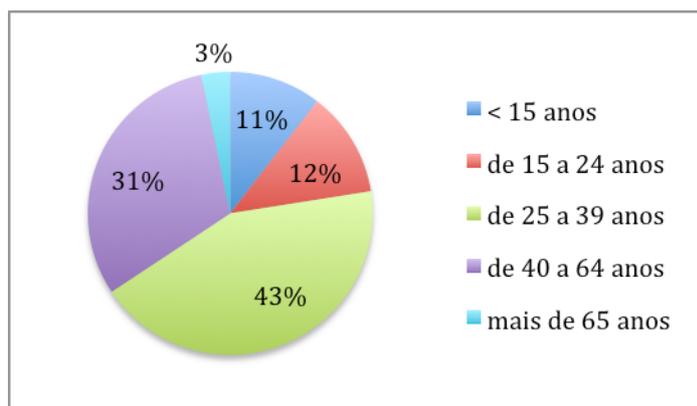
Nesta seção será apresentado o perfil dos migrantes de retorno no Brasil, que tiveram os Estados Unidos como último país de residência, com base na análise dos dados do Censo de 2010, segundo os critérios de: *sexo, grupo de idade, nível de instrução, condição de atividade, condição de ocupação, grupos ocupacionais e rendimento médio mensal* (BOTEGA; CAVALCANTI; OLIVEIRA, 2015).

Os dados sobre a distribuição dos fluxos migratórios de brasileiros retornados segundo o sexo revelam que 52,5% dos migrantes que retornam ao Brasil são homens e 47,5% são mulheres. No caso dos que tiveram os Estados Unidos como último país de

residência, esse predomínio de homens perante o número de mulheres se mantém, 56% e 44%, respectivamente.

Ainda de acordo com os dados do Censo de 2010, no que se refere à faixa etária dos migrantes que retornaram dos Estados Unidos, temos a seguinte distribuição: 43% estão no intervalo etário de 25 a 39 anos; 31% no de 40 a 64 anos; 12% no de 15 a 24 anos; 10% com menos de 15 anos; e 3% com mais de 65 anos.

**Gráfico 02: Distribuição de migrantes retornados desde os EUA, por grupo etário, segundo o Censo de 2010**



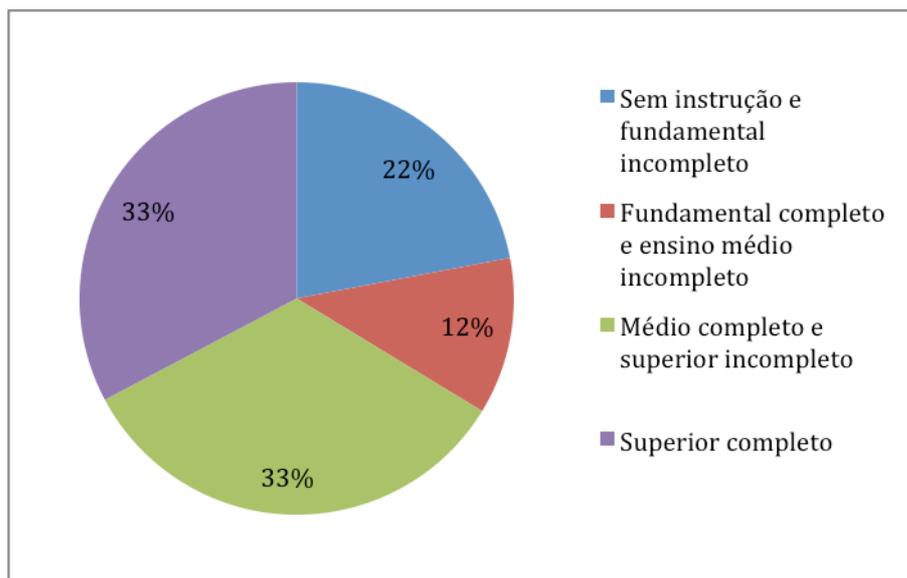
Fonte: Elaboração própria, com base em: BOTEGA; CAVALCANTI; OLIVEIRA (2015)

O predomínio de migrantes retornados dos grupos etários entre 25 e 39 anos (43%) e de 15 a 24 anos (31%), revela uma população jovem que ainda tem idade para ocupação do mercado de trabalho no Brasil.

A faixa mais expressiva compreende a idade economicamente ativa de 25 a 39 anos, o que revela a conexão da emigração com motivos de trabalho. Ademais, não se pode desconsiderar o efeito da crise econômica que atingiu aos Estados Unidos, Japão e países da Europa a partir de 2007 e também o momento de expansão e estabilidade econômica que se tem projetado sobre o Brasil no cenário internacional.

A distribuição de migrantes retornados dos Estados Unidos, segundo o nível de instrução, pode ser sintetizada da seguinte forma: 33% se inserem na categoria de nível médio completo e superior incompleto; 33% de nível superior completo; 22% sem instrução e nível fundamental incompleto e 12% com nível fundamental completo e ensino médio incompleto.

**Gráfico 03: Distribuição de migrantes retornados desde os EUA, por nível de instrução, segundo o Censo de 2010**



Fonte: Elaboração própria, com base em: BOTEGA; CAVALCANTI; OLIVEIRA (2015)

Este quadro reproduz a tendência geral de que, no tocante ao nível de instrução dos migrantes brasileiros retornados, temos uma população com nível médio de escolaridade – abrangendo o nível médio completo e o nível superior incompleto. Porém, se consideramos também o percentual com nível superior completo, é possível inferir que os migrantes brasileiros retornados possuem um nível de instrução de médio a alto.

A distribuição de brasileiros retornados dos Estados Unidos, por condição de atividade<sup>14</sup>, semelhante ao que ocorre para os outros países, é a seguinte: 72% são economicamente ativos e 28% não economicamente ativos. Quanto à condição de ocupação: 93% ocupados e 7% desocupados.

Ao analisarmos os fluxos migratórios de brasileiros retornados, segundo grupos ocupacionais, que tiveram os Estados Unidos como país de residência anterior, temos um predomínio dos profissionais das ciências e intelectuais (28%), seguido dos diretores e gerentes (14%) e dos trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados (13%). Tal quadro reproduz as tendências gerais e aparece especificado na tabela abaixo.

<sup>14</sup> Segundo o IBGE, população economicamente ativa compreende o potencial de mão-de-obra com que se pode contar o setor produtivo. Isso envolve a população *ocupada* – empregados, os que trabalham por conta própria, os empregadores, e os não remunerados, e a população *desocupada* – que compreende aqueles que não têm um emprego no momento, mas estão a procura de um no mercado de trabalho. Já a população não economicamente ativa, envolve aqueles que não são classificados como ocupados e nem como desocupados. Maiores informações estão disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme/pmemet2.shtm>.

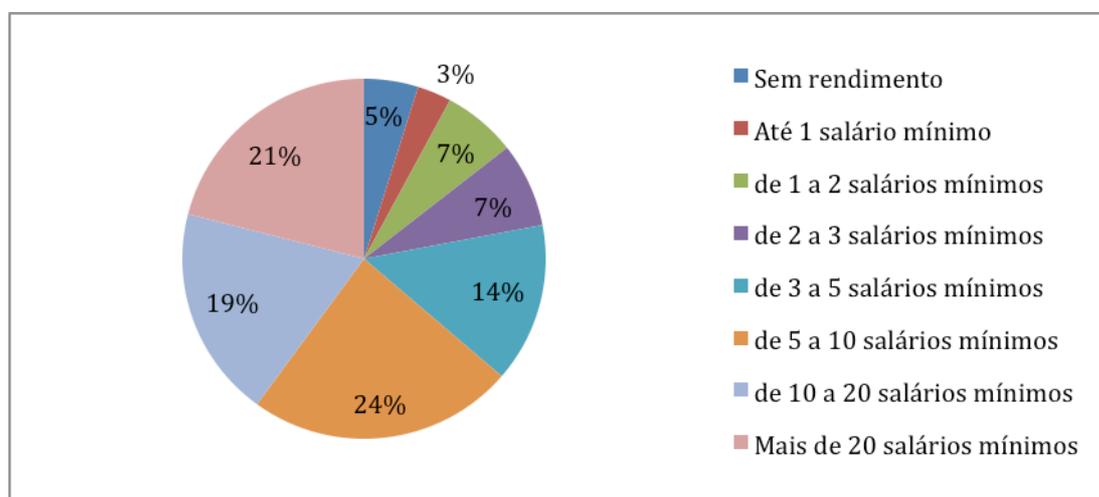
**Tabela 07: Distribuição de migrantes retornados desde os EUA, segundo grupos ocupacionais, Censo 2010**

Ocupações mal definidas	8%
Diretores e gerentes	14%
Profissionais das ciências e intelectuais	28%
Técnicos e profissionais de nível médio	9%
Trabalhadores de apoio administrativo	5%
Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados	13%
Trabalhadores qualificados da agropecuária, florestais, da caça e da pesca	5%
Trabalhadores qualificados, operários e artesãos da construção, das artes mecânicas e outros ofícios	8%
Operadores de instalações e máquinas e montadores	5%
Ocupações elementares	4%
Membros das forças armadas, polícias e bombeiros militares	1%

Fonte: Elaboração própria, com base em: BOTEGA; CAVALCANTI; OLIVEIRA (2015)

Por fim, quanto ao rendimento médio<sup>15</sup> mensal domiciliar per capita, dos brasileiros retornados dos Estados Unidos, assim como na média geral, temos uma predominância entre os maiores níveis salariais: 26% recebia de 5 a 10 salários mínimos; 18% de 3 a 5; 17% mais de 20 salários mínimos; 14% de 10 a 20 salários mínimos; 10% de 2 a 3 salários mínimos, conforme segue ilustrado na figura abaixo.

**Gráfico 04: Distribuição de migrantes retornados dos EUA, por rendimento médio mensal domiciliar per capita, em salários mínimos, segundo o Censo de 2010**



Fonte: Elaboração própria, com base em: BOTEGA; CAVALCANTI; OLIVEIRA (2015)

De acordo com os dados apresentados, é possível afirmar que o perfil do migrante retornado que teve os Estados Unidos como último país de residência é caracterizado por: predomínio de homens, de idade entre 25 e 39 anos, cujo nível de instrução varia entre o ensino médio completo ao nível superior completo. São pessoas economicamente ativas, ocupadas e inseridas, predominantemente, nos grupos ocupacionais de profissionais das

<sup>15</sup> Com base no salário mínimo da época, que era de (R\$510,00).

ciências e intelectuais, diretores e gerentes e trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados, o que lhe concede como rendimento entre 5 e 10 salários mínimos.

### O retorno para o Estado de Goiás

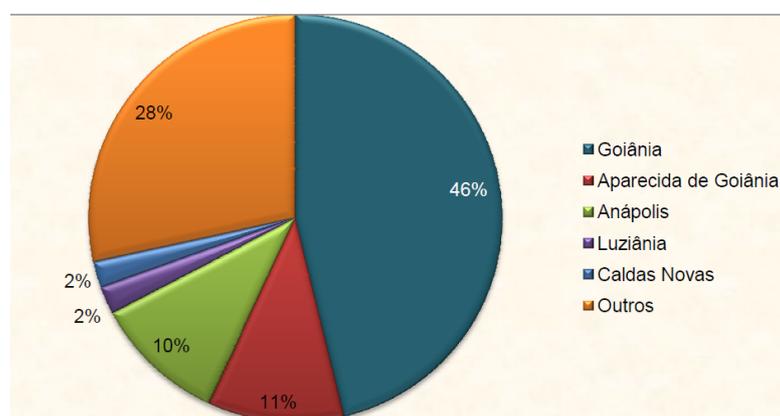
Conforme apresentado no tópico anterior, a busca por melhores condições de vida também é um dos principais fatores de estímulo para a emigração de goianos/as. A partir de 2008, todavia, percebe-se a intensificação do número de migrantes que retornam ao seu local de origem. As dificuldades causadas pela crise enfrentadas por vários migrantes e as melhorias nos indicadores econômicos e sociais do Brasil incentivaram esse movimento de retorno. Por outro lado, temos o retorno dos indivíduos que planejaram, para os quais a crise pode ter tido pouco ou nenhum efeito na sua decisão de retornar (SOUSA *et al*, 2014).

Sousa *et al* (2014) perceberam em seus estudos que os migrantes que retornam ao Estado de Goiás têm algumas características comuns: são majoritariamente casados ou solteiros, executam atividades econômicas nas indústrias de transformação, no setor agrícola e no setor de construção, têm idade que varia entre o fim da adolescência e o início da “terceira idade”.

As migrações internacionais ocupam um lugar importante na estrutura do governo do Estado de Goiás, o que tem favorecido a realização de estudos e pesquisas sobre o tema. Nesse âmbito, destacamos a publicação *Panorama da Migração em Goiás*, de 2014, do Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos da Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento do Estado de Goiás – SEGPLAN/GO, que fornece elementos que caracterizam o quadro dos migrantes de retorno na região.

Segundo tais dados, em 2010, havia em Goiás 3.618 brasileiros natos retornados do exterior. Desses, 72% estavam concentrados, principalmente, nos seguintes municípios: Goiânia (46%), Aparecida de Goiânia (11%) e Anápolis (10%).

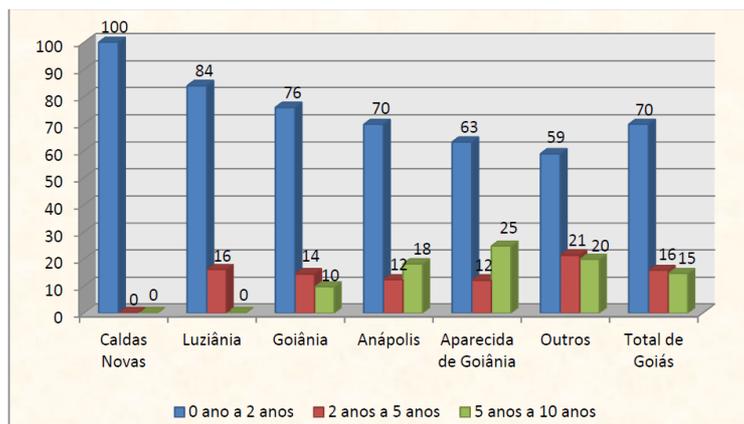
**Gráfico 05: Porcentagem de retornados do exterior por município de residência – Goiás – 2010**



Fonte: IMB/SEGPLAN/GO (2014)

Em geral, o tempo de moradia nas cidades goianas após o retorno é curto, com menos de dois anos, conforme retratado no gráfico abaixo. O que evidencia um recente incremento dos fluxos de retorno pós-crise econômica de 2008 e aponta também para uma migração do tipo *ioiô* (MARGOLIS, 2003). Esta se caracteriza pelas diversas idas e vindas dos emigrantes entre os Estados Unidos e o local de origem.

**Gráfico 06: Porcentagem de retornados do exterior por município e tempo de moradia – Goiás - 2010**



Fonte: IMB/SEGPLAN/GO (2014)

Como era de se esperar, quanto aos países de onde os goianos retornaram, o estudo aponta um maior percentual para as regiões que tradicionalmente recebem mais emigrantes goianos e fornece a seguinte distribuição: 48,8% da Europa e 30,7% da América do Norte ou América Central, sendo 29,6% dos Estados Unidos.

**Tabela 08: Total e porcentagem dos retornados do exterior por continente e país de moradia anterior – Goiás - 2010**

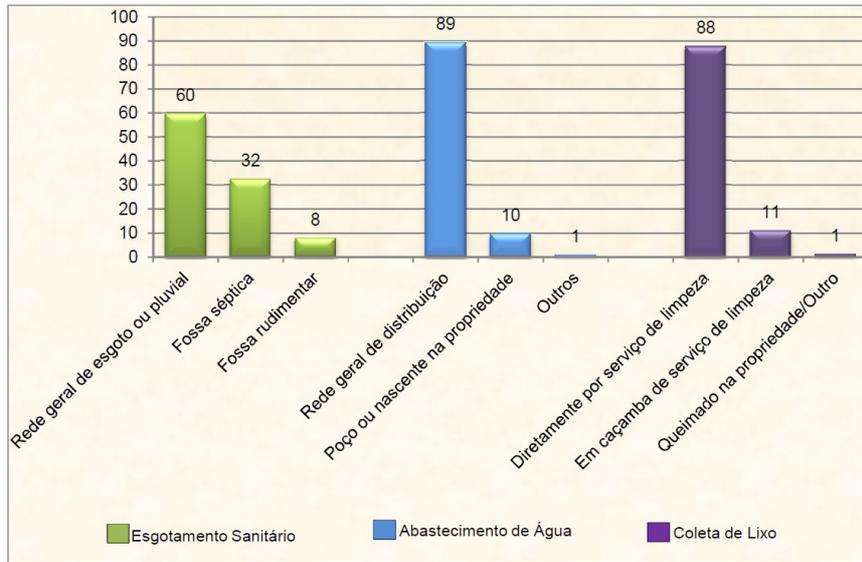
Continente/País	Retornados	%
<b>Europa</b>	<b>1.769</b>	<b>48,8</b>
Espanha	478	13,2
Portugal	424	11,7
Escócia	279	7,7
França	139	3,8
Itália	128	3,5
Outros	321	8,9
<b>América do Norte e Central</b>	<b>1.108</b>	<b>30,7</b>
Estados Unidos	1.071	29,6
Panamá	28	0,8
República Dominicana	9	0,3
<b>Ásia</b>	<b>395</b>	<b>10,9</b>
Japão	352	9,7
Irã	28	0,8
Outros	15	0,4
<b>América do Sul</b>	<b>144</b>	<b>3,9</b>
Paraguai	33	0,9
Bolívia	28	0,8
Argentina	23	0,6
Outros	60	1,6
<b>África</b>	<b>41</b>	<b>1,2</b>
República Democrática do Congo	14	0,4
Zâmbia	14	0,4
África do Sul	13	0,4
<b>Ignorado/Não sabe o país</b>	<b>161</b>	<b>4,4</b>

Fonte: IMB/SEGPLAN/GO (2014)

Sobre as condições socioeconômicas em Goiás, o estudo compara a situação da população geral do Estado e a dos migrantes retornados a partir dos seguintes critérios: *acesso a serviços*, o que inclui: esgotamento sanitário, abastecimento de água e coleta do lixo; *ocupação do domicílio*; *escolaridade*; e *atividade produtiva*.

No que se refere ao acesso aos serviços públicos, há uma similaridade com os padrões obtidos com a população total do Estado, entretanto, no caso do esgoto, os que utilizam a rede de geral totalizam 60%, quase o quase o dobro da média de Goiás (IMB/SEGPLAN/GO, 2014, p. 22).

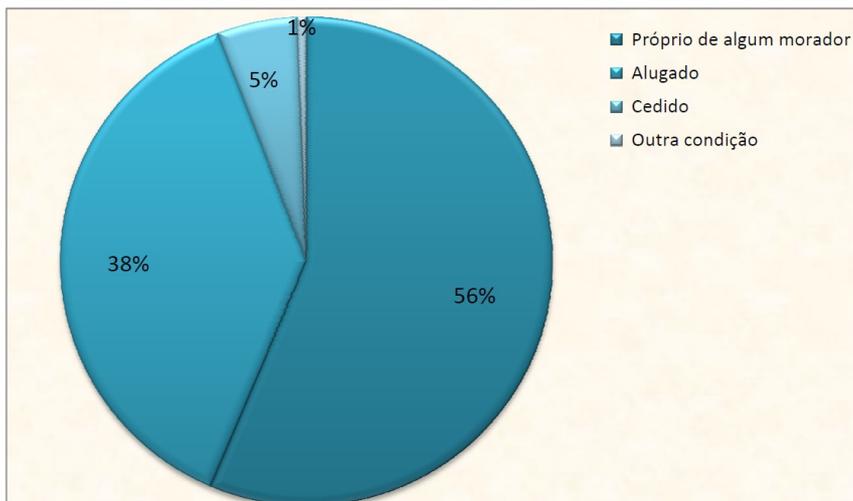
**Gráfico 07: Porcentagem de retornados do exterior por acesso a serviços públicos – Goiás - 2010**



Fonte: IMB/SEGPLAN/GO (2014)

Outro critério considerado é o *tipo de ocupação do domicílio*, onde aparece a alta participação dos que têm moradia própria (56%) e dos que moram pagando aluguel (38%), sendo 58% superior à média do estado (IMB/SEGPLAN/GO, 2014, p. 22). Isso estaria relacionado ao período curto de residência pós-retorno (2 anos) e também ao fato de não terem decidido ter uma moradia fixa o que aponta para a possibilidade de novas emigrações.

**Figura 7. Porcentagem de retornados do exterior pela condição de ocupação do domicílio – Goiás – 2010**



Fonte: IMB/SEGPLAN/GO (2014)

No quesito *escolaridade*, os dados revelam as seguintes informações: 39% dos retornados possui ensino médio completo, 31% não tem instrução ou ensino fundamental

incompleto, 16% tem ensino fundamental completo e 14% possui ensino superior. Chama atenção a representatividade dos que possuem curso superior, sendo mais que o dobro da média do Estado (IMB/SEGPLAN/GO, 2014, p. 22).

Como o grau de instrução interfere diretamente no *salário do trabalhador*, é justificado o fato do rendimento total dos retornados ser 2,5 vezes maior do que a média do total de goianos, segundo dados do censo de 2010. Para esse período, os retornados apresentavam renda média de R\$1.950,00 enquanto em Goiás o rendimento era de aproximadamente R\$787,00 (IMB/SEGPLAN/GO, 2014, p. 22).

Quanto à distribuição dos retornados de acordo com o *tipo de atividade* produtiva em que estavam trabalhando no período do Censo de 2010, os dados apontam que a maioria estava desempenhando alguma atividade ligada ao comércio (22%) e à indústria de transformação (15,4%), com destaque para essa última, onde provavelmente estavam inseridos os retornados com nível superior devido às exigências técnicas específicas da atividade. A construção e outras atividades de serviços aparecem com 7,9 e 6,1%, respectivamente (IMB/SEGPLAN/GO, 2014, p. 23).

**Tabela 09: Porcentagem de retornados do exterior ocupados por grupos de atividade produtiva em que trabalham – Goiás - 2010**

Grupos de Atividade Produtiva	%
Comércio; Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas	22,0
Indústrias de Transformação	15,4
Construção	7,9
Outras Atividades de Serviços	6,1
Informação e Comunicação	5,6
Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura	4,4
Alojamento e Alimentação	4,2
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	4,1
Atividades Administrativas e Serviços Complementares	3,8
Educação	3,7
Transporte, Armazenagem e Correio	3,3
Outras	19,6

Fonte: IMB/SEGPLAN/GO (2014)

Em suma, podemos estabelecer um perfil do migrante retornado no Estado de Goiás: trata-se de um fluxo recente, no qual a maioria dos retornados reside nas cidades de Goiânia, Aparecida de Goiânia ou Anápolis e teve os Estados Unidos, Espanha ou Portugal como último país de residência.

A partir dos dados analisados temos que os migrantes retornados apresentam melhores condições do que os outros habitantes do estado nos critérios de *acesso a serviços, ocupação do domicílio*, onde aparece a alta participação dos que têm moradia própria (56%).

No quesito *educação*, chama atenção a representatividade dos que possuem curso superior, sendo mais que o dobro da média do Estado, o que se reflete também na análise

do *salário do trabalhador*, sendo que os retornados tem um rendimento 2,5 vezes maior do que a média do total de goianos.

Quanto à distribuição dos retornados de acordo com o *tipo de atividade produtiva* os dados apontam que a maioria estava desempenhando alguma atividade ligada ao comércio (22%) e à indústria de transformação (15,4%), com destaque para essa última, onde provavelmente estavam inseridos os retornados com nível superior devido às exigências técnicas específicas da atividade.

### **Políticas públicas sobre o retorno no Brasil**

Segundo Oliveira (2013), os fluxos de retorno trouxeram para o Brasil uma mão de obra qualificada e jovem, que, ao mesmo tempo, agregaria valor ao mercado de trabalho e minimizaria os custos de investimento na formação de capital humano (OLIVEIRA, 2013, p. 201). Entretanto, é válido ressaltar que nem todas as habilidades e os conhecimentos adquiridos pelos migrantes são aproveitados no momento de seu retorno ao país de origem (HIRANO, 2005), sendo necessária a implementação de políticas públicas voltadas aos migrantes de retorno, tanto a nível nacional, estadual e municipal.

Para fins desta pesquisa, vamos analisar os principais projetos no que se refere ao fluxo migratório de retorno em geral e aqueles que diretamente atendem aos migrantes goianos, ou seja, as ações do Ministério das Relações Exteriores e da Secretaria de Assuntos Internacionais do Estado de Goiás.

Conforme vimos, no final da década de 1980 e início da década 90, o Brasil acompanhou movimentos intensos de emigração para o exterior. Acompanhando essa tendência, a atenção governamental nessa época, no que diz respeito a migração, concentrava-se nos emigrantes brasileiros no exterior. Houve um esforço importante no sentido de implementar ações para proteger e assegurar o estatuto de cidadãos aos brasileiros que vivem fora do Brasil. Isso pode ser percebido a partir das ações implementadas pelo decreto do MRE 7.214/2010<sup>16</sup>, o qual teve por objetivo estabelecer os princípios e as diretrizes da política governamental brasileira para as comunidades no exterior, e criou a Conferência Brasileiros no Mundo – CBM e o Conselho de Representantes de Brasileiros no Exterior – CRBE. Dessa forma, pode-se afirmar que no contexto do começo dos anos 2000 o retorno não ocupava um lugar central nas políticas públicas voltadas para migração.

Entretanto, a partir de 2007, devido à crise econômica, houve uma significativa mudança na trajetória de migração desses brasileiros, notadamente, a partir de movimentos de retorno e de remigração para outros países. As principais causas de remigração seriam a incapacidade em reinserir-se no mercado de trabalho; o insucesso dos empreendimentos no

---

<sup>16</sup> Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/apresentacao/decreto-7.214-de-15-06-2010>

Brasil; e a queda de nível de vida e de renda em relação ao período passado no exterior. Dessa forma, o retorno se mostrou um desafio não só para os migrantes, mas também para o governo, que passou a ser demandado a orientar esses brasileiros que queriam voltar ao país.

Nesse contexto, em 2007, o Ministério das Relações Exteriores, com o apoio do Ministério do Trabalho e Emprego, do Ministério da Previdência Social, da Secretaria de Políticas para as Mulheres, da Secretaria da Receita Federal, da Caixa Econômica Federal e do SEBRAE, fez sua mais importante ação no que diz respeito ao retorno: lançou<sup>17</sup> o Portal do Retorno<sup>18</sup>, um site destinado aos emigrantes brasileiros que desejam retornar em definitivo ao país e para os que estão em maior situação de vulnerabilidade.

No sítio é possível encontrar dicas e informações sobre documentação, linhas de crédito, locais de atendimento ao migrante, orientações sobre empreendedorismo, programas de apoio ao retorno e etc. Na tentativa de manter o retorno em uma posição de destaque nas políticas migratórias, em 2014, o Plano de Ação da IV Conferência Brasileiros no Mundo<sup>19</sup> evidenciou o retorno no *Eixo II – Trabalho, Remessas, Investimentos, Empreendedorismo e Retorno*. Nessa oportunidade, ficou estabelecido, entre outras coisas, a atualização permanente do Guia do Retorno e a implementação de programas de qualificação profissional e empreendedorismo no exterior, o que indiretamente faz interface com a temática de preparação do retorno.

#### *As ações da Secretaria de Assuntos Internacionais do Estado de Goiás*

Com o intuito atender as demandas crescentes de familiares de goianos/as vivendo no exterior, o governo do estado de Goiás instituiu a prestação de serviços de assistência consular, passando a envolver serviços de assistência aos familiares de goianos/as em casos de falecimento no exterior, detenção, desaparecimento, repatriação, tráfico de pessoas, dentre outros temas. As estimativas de atendimento registrado e não registrado (estes restritos a orientação, encaminhamento etc.) estão na ordem de 3.200 pessoas por ano (CHIDIAC, 2014).

Nos anos de 2003 e 2004, houve uma série de três voos *charters* fretados pelo governo norte americano para que os detidos e liberados pela imigração desembarcassem em Minas Gerais e de lá seguiriam viagem para outros estados. A Secretaria de Assuntos Internacionais ofereceu apoio disponibilizando cartões telefônicos, remédios, alimentação e se responsabilizou pelo traslado de vários para Goiás (CHIDIAC, 2014).

Em julho de 2005, o governo de Goiás oficializou a criação do *FUAVE (Fundo de Auxílio Funerário aos Goianos Vitimados no Exterior)*, com o objetivo de garantir recursos

---

<sup>17</sup> Fonte: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/lancamento-do-portal-do-retorno/> ; <http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Retorno/pt-br/file/Portal%20do%20Retorno%20Release.pdf>

<sup>18</sup> Para mais informações, vide Anexo II e no site <http://retorno.itamaraty.gov.br>

<sup>19</sup> Fonte: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/plano-de-acao/>

financeiros e diminuir a burocracia na prestação de auxílio às famílias de goianos/as mortos/as fora do país. Trata-se do único fundo desse tipo no Brasil, cujo objetivo é ajudar financeiramente o repatriamento de cinzas ou do corpo dos falecidos no exterior (CHIDIAC, 2014).

Ainda em 2005 teve início a execução da primeira etapa do *Projeto Andorinhas*<sup>20</sup> - *Migrante Empreendedor*, criado pelo Governo do Estado de Goiás, por meio da Secretaria de Assuntos Internacionais e do Sebrae Goiás, em parceria com o Ministério das Relações Exteriores, Banco do Brasil e Organização das Nações Unidas.

O Projeto Andorinhas tem como objetivo oferecer capacitação e consultoria para os/as goianos/as que estão no exterior e para seus beneficiários/familiares residentes em Goiás a partir da realização de oficinas de trabalho. Desta forma, espera-se reduzir os riscos de aplicar os recursos obtidos lá fora e aumentar as chances de sucesso dos novos empreendimentos.

No decorrer do Projeto Andorinhas serão oferecidos cursos aos/às emigrantes goianos/as nos EUA e Europa, por meio de plataforma virtual de educação à distância, abordando temas sobre orientações e gestão de negócios; tendências de mercado, oportunidades de investimentos, palestras e outros. Para os familiares de remessas residentes em Goiás serão oferecidos prioritariamente cursos presenciais e consultorias *in loco*. Dentre as propostas do Projeto Andorinhas estão: apresentar linhas de crédito disponíveis aos/às emigrantes goianos/as, oferecer cursos de gestão financeira e ferramentas para tornar seus projetos viáveis e bem sucedidos. Conseqüentemente, estas ações resultarão na abertura de novos postos de trabalho em Goiás (CHIDIAC, 2014).

A primeira etapa do projeto foi realizada nos EUA entre os dias 7 e 15 de setembro de 2013. Nesse período, representantes do Governo do Estado de Goiás, SEBRAE-GO, Banco do Brasil e Ministério de Relações Exterior puderam conhecer um pouco mais sobre a realidade dos/as goianos/as brasileiros/as nas cidades de Atlanta, Austin, Dallas e São Francisco e contribuir de alguma forma na construção de um futuro melhor para essas famílias (CHIDIAC, 2014).

Entre os projetos desenvolvidos pelo Governo do Estado de Goiás em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD/ONU foram consideradas as ações voltadas a orientar e conscientizar os/as emigrantes goianos/as sobre formas seguras e viáveis para aplicação de suas remessas, bem como apresentar oportunidades de capacitação e investimentos tanto para os emigrantes quanto para seus familiares em Goiás. Concomitantemente, o estado de Goiás junto com altos níveis das diplomacias nacionais, internacionais e organismos internacionais multilaterais, tem buscado regularizar a situação dos/as emigrantes não documentados/as e garantir seus direitos civis, trabalhistas, bem como na elaboração de políticas de combate ao tráfico de seres humanos (CHIDIAC, 2014).

---

<sup>20</sup> Fonte: <http://www.conselhodecidadania.ch/informes/notcias/169.html>

### 3. O DESEJO DE MELHORAR DE VIDA E A VOLTA PARA O LOCAL DE ORIGEM: UMA ANÁLISE SOBRE MOBILIDADE SOCIAL

Conforme exposto anteriormente, a perspectiva da mobilidade social acentua as oportunidades de mudança e os movimentos entre posições sociais ao longo da vida dos indivíduos. O nosso propósito é o de entender como a migração influencia nas oportunidades de mobilidade ascendente dos migrantes retornados no Estado de Goiás. Para tanto vamos analisar, neste capítulo, os dados obtidos a partir da realização de entrevistas.

Abaixo segue uma breve apresentação dos interlocutores, cujos nomes são fictícios para garantir a privacidade.

- **Edna\*** tem 54 anos e mora em Anápolis. Foi para os Estados Unidos em 2002 em busca de um sonho: conhecer uma nova cultura e melhorar a vida financeira da família. Antes de emigrar, possuía o nível médio completo e trabalhava em escritório, como auxiliar administrativa.

Edna foi para os Estados Unidos acompanhada pelos dois filhos, todos com visto de turista. Um ano depois o marido foi encontrá-los. Do momento da chegada até o primeiro mês teve o auxílio dos sobrinhos, que já moravam nos Estados Unidos.

Viveram na Filadélfia por 6 anos e durante esse tempo nunca voltaram ao Brasil devido á situação de documentação. Nos Estados Unidos, Edna sempre trabalhou fazendo faxina, onde tinha seu *schedule* em sociedade com a filha. Relata não ter tido tempo para estudar inglês.

Em 2008 toda a família retornou devido o estado de saúde da mãe de Edna. Inclusive a filha mais velha, que tinha acabado de se divorciar do marido brasileiro, e a neta, que nasceu nos Estados Unidos.

Edna relata dificuldades na adaptação do filho mais novo, especialmente na escola, e também para se reinserir no mercado de trabalho. Como não conseguiu arrumar um novo emprego e nem voltar para o antigo, decidiu abrir uma loja (franquia) de perfumes nacionais junto com a filha, entretanto, a filha não se adaptou e voltou para os Estados Unidos.

Com a volta da filha para os Estados Unidos, Edna ficou cuidando da neta por um ano e também assumiu os cuidados da mãe, o que a levou a vender a loja. Desde então está desempregada e se dedica às atividades da igreja evangélica que frequenta.

Apesar de estar no Brasil há 7 anos, Edna tem o sonho de voltar a morar nos Estados Unidos. Com o falecimento de sua mãe, segundo ela, nada mais a prende aqui. Nos próximos meses a filha mais velha fará a aplicação para a cidadania nos Estados Unidos, pois se casou com um americano, com quem teve outra filha, e essa é a esperança de Edna e de toda a família de conseguirem o visto para

voltarem a morar no país. O seu objetivo é o de reunir a família nos Estados Unidos, onde seu filho mais novo planeja fazer faculdade.

- **Ana Maria\*** tem 58 anos e mora em Anápolis. Migrou para os Estados Unidos em 1976, assim que terminou o ensino médio. O objetivo era o de estudar inglês e foi uma decisão tomada principalmente pelos pais, já que ela tinha apenas 17 anos. Segundo ela, já se tratava de uma tradição em sua família, pois o pai era pastor e tinha vários contatos com missionários em Michigan que recebiam os estudantes. Durante os 25 anos que ficou fora do Brasil morou a maior parte do tempo em Los Angeles. Foi casada com um americano por 20 anos e é cidadã americana. Tinha o costume de voltar ao Brasil a cada 3 anos. Nos Estados Unidos fez três cursos superiores, aprendeu o inglês e o espanhol. Sua história é marcada por uma intensa mobilidade, pois já morou em diversos países.

Retornou há 14 anos por motivos de sucessivos falecimentos de familiares – o marido e a mãe no mesmo ano e dois anos depois o pai – o que a desestruturou emocionalmente. Após a morte de seu pai precisou voltar ao Brasil para o recebimento da herança. Entre outras coisas, herdou um sítio, o qual foi importante para que ela se centrasse, pois se revelou como uma estratégia de superação da morte do pai.

Relata dificuldades na adaptação, especialmente por ser uma mulher de 58 anos, sem filhos e sem marido. Diz que sente falta da liberdade que tinha nos Estados Unidos.

Atualmente, trabalha por conta própria no campo de artes e também dando aulas particulares de inglês. Afirmar estar pensando na possibilidade de sair do Brasil e que está a procura de um lugar que a acolha na velhice.

- **Marcela\*** tem 33 anos e mora em Goiânia. Morou 2 anos nos Estados Unidos, na Carolina do Sul, no período de 2005 a 2007. Antes de migrar era dona de casa e se dedicava ao cuidado da casa e das filhas. Atualmente, trabalha com o marido na área do comércio, com lojas de autopeça. Seu nível de formação é o nível médio incompleto.

Marcela migrou para acompanhar o marido **Marcos\*** (vide descrição abaixo) em busca de uma vida melhor. Ambos tiveram o pedido de visto recusado e a estratégia utilizada para entrarem nos Estados Unidos foi via o México, através do intermédio de coites. Durante a travessia foram presos e encaminhados para uma prisão federal. Marcos foi encaminhado para a imigração e para posterior deportação e Marcela foi autorizada a permanecer nos Estados Unidos por três meses, pois deveria comparecer à corte para prestar um novo depoimento. Devido ao medo de ser deportada e por ter sido desaconselhada por outros brasileiros que conheceu nos Estados Unidos, Marcela não compareceu em nenhum desses compromissos

com a justiça americana. Com a ajuda de familiares de Marcos, ficou morando em Atlanta até que o marido fosse encontrá-la, o que levou mais ou menos 2 meses, e de lá foram para a Carolina do Sul.

Durante a entrevista, Marcela faz referências à novela América<sup>21</sup>, pois diz que tudo que foi mostrado na televisão aconteceu com seu marido. Ficou evidente em seu relato o medo que tinha em ser abordada pela polícia e de ser deportada. Isso delineou sua inserção na cidade de destino – ia de casa para o trabalho e do trabalho pra casa, não frequentou escola e nem saía nas horas livres para conhecer a região.

Relatou um grande sofrimento devido à distância das filhas, que permaneceram no Brasil sob cuidados da avó paterna. Isso foi o motivo que a levou a retornar em 2007. Além disso, segundo ela, o retorno foi para verificar como estava a situação em Goiânia e, no caso de não estar boa, iria voltar para os Estados Unidos levando as duas filhas, também pelo México. Isso não aconteceu, pois, depois de um ano, Marcos retornou para o Brasil.

Apesar de afirmar que o objetivo era melhorar de vida, Marcela relata que a família já possuía bens (casa, lojas, carros) e que tudo isso foi utilizado para bancar os custos com os coites nas tentativas de entrar nos Estados Unidos (3 por parte do marido e 1 dela).

No final do ano passado, tentaram tirar o visto de turista para ir aos Estados Unidos de férias e para que as filhas conhecessem o local em que haviam morado, mas tiveram o pedido negado. Diz que tem muita vontade de morar novamente nos Estados Unidos, pois acredita que lá seja um lugar melhor de criar as filhas, entretanto, diz que só faria isso de forma legalizada.

- **Marcos\*** tem 42 anos, vive em Goiânia e é marido de **Marcela\***. Possui o ensino fundamental incompleto e sempre foi comerciante, atuando no ramo de lojas de autopeças.

Decidiu ir para os Estados Unidos em 2005 motivado por outras pessoas (primos e amigos) que conhecia e que “estavam bem de situação lá”. Depois de ter o visto de turista negado, Marcos fez três tentativas de entrar nos Estados Unidos via o México, sempre contando com o intermédio de coites. Na primeira vez, passou pelo deserto e diz ter sido uma experiência horrível, onde viu “coisas bem ruins”. Foi preso próximo a Fênix, no Arizona, e depois de quatro meses e meio foi deportado, à época em que o senador Marcelo Crivella negociava com o governo estadunidense o repatriamento de brasileiros presos. Após seis meses que estava no Brasil, fez uma nova tentativa, dessa vez acompanhado da esposa (Marcela), e via o Texas. Foi

---

<sup>21</sup> Novela transmitida pela Rede Globo em 2005, na qual a protagonista, em busca de uma vida melhor, investe na tentativa de emigrar para os Estados Unidos. Após ter o visto negado, recorre a coites para entrar de maneira irregular pelo México.

preso e deportado e sua esposa permaneceu nos Estados Unidos (vide relato anterior). Seis dias depois de chegar ao Brasil, fez a terceira tentativa, desta vez pela Califórnia, por onde conseguiu entrar. De lá pegou um voo para Atlanta, onde seus parentes o esperavam, e partiu com Marcela para a Carolina do Sul.

No relato de Marcos é muito evidente a frustração de ter sido deportado e as dificuldades que enfrentou para realizar o sonho de chegar aos Estados Unidos, pois vendeu tudo o que tinha para pagar os coites. Segundo ele, tudo o que ganhou lá era enviado para o Brasil para repor o que tinha investido. Além disso, destaca o sentimento de medo, devido a falta dos documentos e ao seu histórico de duas deportações.

Relata que trabalhou na construção civil e que não conseguiu se adaptar, pois era “explorado pelos brasileiros”. Depois conseguiu ajuda e abriu sua própria oficina mecânica para a venda de peças. Considera que perdeu tempo, pois ficou quase um ano tentando entrar nos Estados Unidos e que ter emigrado foi uma burrice, pois não alcançou aquilo que tinha como meta.

Ao entrar nos Estados Unidos estabeleceu um prazo de três anos para cumprir seus objetivos. Voltou para o Brasil em 2008, um ano depois de Marcela. Relatou que passou por uma grande ansiedade nos dias que antecederam a viagem de volta para o Brasil devido ao medo de passar na imigração.

Mesmo após 7 anos de sua experiência nos Estados Unidos, ao final da entrevista, disse que não gosta de falar sobre o assunto, pois tem consciência de que o que fez foi errado e que não gostaria de induzir ninguém ao mesmo erro contando suas histórias. Dessa forma, não aconselha ninguém a ir para os Estados Unidos, porque, segundo ele, é muito sofrido.

Atualmente, tem duas lojas (ainda no ramo de autopeças) e considera que está melhor do que estava antes de ir para os Estados Unidos, não por ter migrado, mas por ter retornado para o Brasil, o que lhe permitiu recuperar tudo que tinha e seguir em frente.

- **Tiago\*** tem 35 anos e vive em Goiânia. Antes de ir para os Estados Unidos trabalhava em uma oficina mecânica e estudava. Trancou o primeiro semestre da faculdade, em 1998, para ir para os Estados Unidos em busca de uma vida melhor. Durante os dez anos que esteve no país, morou em San Rafael, Atlanta e Richmond. Em seu relato fica evidente a importância da mãe em momentos importantes de sua trajetória como imigrante. Primeiro, foi ela quem realizou todo o procedimento do visto. Em segundo lugar, quando Tiago estava na Califórnia e tinha dificuldades para tirar a carteira de motorista, foi a mãe (que estava no Brasil) quem o informou de que em Atlanta seria possível tirar a carteira sem dificuldades. Ela teve acesso a essas informações através da igreja evangélica que participava. Em terceiro lugar, era a

mãe quem recebia as remessas enviadas por Tiago e as administrava para fazer os investimentos de compra dos terrenos no Brasil.

Tiago trabalhou em diversas ocupações (cozinheiro, faxineiro) até conseguir trabalho na construção civil, onde, depois de algum tempo, montou sua empresa.

Apesar de sua situação de documentação, Tiago retornou ao Brasil uma vez para visitar a família e quando voltou para os Estados Unidos levou o pai consigo. Seu irmão também emigrou por sua influência e hoje mora nos Estados Unidos sem pretensão de voltar para o Brasil.

Tiago retornou quando atingiu a meta estabelecida inicialmente. Está no Brasil há 7 anos e desde então trabalha por conta própria, construindo e vendendo casas. Trouxe experiências e habilidades sobre construção que aprendeu durante seus trabalhos nos Estados Unidos e as aplica nas casas que constrói.

Considera que a migração melhorou não só a sua vida, mas a vida de toda a sua família. No momento, não tem vontade de remigrar, mas deseja ir para passear para ver a família, já que seu irmão e seus sobrinhos moram lá.

- **Joaquim\*** tem 61 anos e vive em Goiânia. Foi para os Estados Unidos em 1996, com visto de turista, para a cidade de Atlanta, onde tinha um amigo que iria ajudá-lo e também por causa dos Jogos Olímpicos. Além de Atlanta, morou na Carolina do Sul, Flórida e Nova Orleans.

Relata que não foi para os Estados Unidos somente para ganhar a vida, mas também para se reestruturar e ter um recomeço. Isso porque teve uma grande decepção com a política, área na qual tinha uma trajetória, uma vez que já tinha sido vereador e ocupado outros cargos de confiança, e ficou desempregado. Além disso, estava psicologicamente abalado em decorrência do término do primeiro casamento. Tudo isso aconteceu num momento em que a economia brasileira “estava bem difícil e tudo era muito caro”.

Nos Estados Unidos, sempre trabalhou na construção civil, onde abriu sua empresa. Ficava sabendo das informações sobre trabalho em lojas brasileiras e ia se mudando de cidade a partir dessas oportunidades de trabalho. Em 2005, devido ao furacão Katrina<sup>22</sup>, se mudou para Nova Orleans, pois acreditava que teria bastante trabalho, já que boa parte da cidade tinha sido destruída, e que seria sua oportunidade de “fazer a América”. Considera que só não conseguiu realizar isso devido a uma sociedade mal sucedida com um americano que lhe deu um golpe.

---

<sup>22</sup> Em agosto de 2005 aconteceu um dos piores desastres naturais da história dos Estados Unidos. O furacão Katrina – de categoria 4 – provocou a devastação na área de Nova Orleans, no estado da Luisiana. Saiba mais em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/6018/hoje+na+historia+2005++furacao+katrina+devastacao+nova+orleans.shtml>

Enquanto estava nos Estados Unidos os filhos foram morar com ele para poderem estudar. Relata que eles tiveram muita dificuldade de adaptação e que logo que terminaram o *high school* voltaram para o Brasil.

Joaquim não fez nenhum investimento no Brasil enquanto estava nos Estados Unidos. Apenas mandava dinheiro para pagar a faculdade dos filhos. Considera que para fazer esses investimentos teria que ter tido uma vida muito regrada e esse não era o objetivo. O importante para ele era viver bem, passear, viajar e conhecer bem os lugares onde estava.

Joaquim voltou duas vezes ao Brasil para passear e visitar os filhos. Segundo ele, naquela época, antes dos atentados do 11 de setembro, era muito fácil passar pela imigração sem precisar renovar o visto de turista.

Decidiu retornar definitivamente devido motivos pessoais e familiares: pela saudade da atual esposa, que conheceu na casa de amigos goianos em Atlanta, e pela vontade de estar mais próximo dos netos e de sua mãe, já idosa.

Está há sete anos no Brasil e desde que voltou continuou trabalhando na construção civil. Porém, há um ano e meio sofreu um infarto, que o impede de continuar trabalhando. Desde então está desempregado. Atualmente, tem planos de abrir seu próprio negócio, a partir da produção e venda de equipamentos para trabalhadores da construção civil, com peças inspiradas nas que ele mesmo utilizava em seu trabalho nos Estados Unidos.

Joaquim relatou dificuldades de reinserção em seu retorno ao Brasil, pois “tinha ficado muito antissocial”. Avalia também que provavelmente se tivesse ficado no Brasil estaria melhor financeiramente, pois ficou desconectado de tudo. Diz que não se arrepende porque valoriza muito a experiência de vida e o conhecimento que teve morando nos Estados Unidos e que isso teria mais valor do que o dinheiro em si. Por fim, ressalta que sem a esposa não teria dado conta de se manter financeiramente, pois tinha conseguido dar a independência financeira para os filhos, mas não tinha alcançado a sua própria.

Considera que o Brasil está num momento muito bom e não deseja remigrar.

- **Luís\*** tem 25 anos e mora em Goiânia. Foi para os Estados Unidos em 2008 com a mãe **Irene\*** (vide descrição abaixo). Relata que os pais haviam terminado o casamento por motivo de traição e que a mãe entrou numa forte depressão. Como eles tinham parentes nos Estados Unidos, resolveram ir para Califórnia, o que levou Luís a trancar o primeiro semestre da faculdade de sistema de informação. Relata que a motivação para ir para os Estados Unidos foi pessoal e não a de fazer dinheiro e investir no Brasil, por isso gastavam o dinheiro que ganhavam lá passeando, viajando, etc. Diz que foi muito importante para sua mãe ter ido, pois foi uma nova vida.

Trabalhou cuidando de cachorro, entregando jornal, fazendo faxina e em restaurantes. Considera que foi azarado, pois emigrou numa época de grave crise e relata as dificuldades que os imigrantes tinham para conseguir trabalho e do período em que ficou desempregado. Segundo ele, a falta de emprego foi o principal motivo para seu retorno ao Brasil.

Voltou para o Brasil duas vezes, a primeira com sua mãe, para cumprir o tempo determinado pelo visto de turista, que exigia a volta ao Brasil a cada seis meses. E a segunda, em 2010, quando voltou sozinho devido a falta de emprego. Sua intenção foi a de dar um tempo e esperar as coisas melhorarem nos Estados Unidos. Seis meses depois tentou voltar para Califórnia e foi barrado no aeroporto devido ao prazo de validade do visto que já tinha expirado. Relata o constrangimento que foi passar por um longo interrogatório e ter sido deportado. Depois disso não tentou mais e resolveu focar na vida no Brasil.

Depois que retornou, Luís fez faculdade de gastronomia e atualmente trabalha numa unidade de uma rede nacional de restaurantes, que fica no shopping de Goiânia. Considera que a experiência de trabalho que teve nos restaurantes nos Estados Unidos o ajudou a desenvolver esse “talento” e a buscar se aperfeiçoar. Avalia que hoje sua situação laboral é melhor do que a que tinha nos Estados Unidos, pois tem carteira assinada, horário definido e um salário fixo.

Por fim, disse que tem projetos de se mudar de Goiânia, talvez para o Rio de Janeiro, pois o restaurante irá abrir novas unidades e essa seria uma oportunidade de promoção profissional. Além disso, ressalta que Goiânia é muito “limitada” e que se morasse numa cidade melhor não teria a necessidade de remigrar para os Estados Unidos.

- **Irene\*** tem 50 anos, mora em Goiânia, e é a mãe de **Luís\*** (vide relato acima). Migrou com o filho para os Estados Unidos em 2008 devido ao divórcio. Relata que com o fim de um casamento de quase 20 anos “Goiânia ficou pequena” e ela sentia a necessidade de sair “para viver”. Por isso aceitou o convite de sua irmã que já morava na Califórnia. Em todo seu relato ressalta que a separação a deixou muito abalada psicologicamente e que migrar fez muito bem para sua saúde.

Durante os 4 anos e meio que ficou lá, trabalhou fazendo faxina. Como nunca teve o objetivo de juntar dinheiro ou fazer uma poupança, trabalhava 4 horas por dia, o suficiente, segundo ela, para sustentar a si e ao filho e mandar presentes para o outro filho que ficou no Brasil. Fala do quanto se sentiu orgulhosa por ter trabalhado fazendo faxina e ganhado o seu próprio dinheiro, pois, no Brasil, era dona de casa e aquela foi a primeira vez que trabalhou para outras pessoas.

Irene voltou para o Brasil em 2013 e diz que o motivo foi o filho (Luís), que precisava de seu apoio. Ficou evidente que se não fosse isso ela não teria retornado.

Relata dificuldade na adaptação no retorno a Goiânia, pois nos Estados Unidos se sentia livre e era independente, saía para restaurantes, cinemas e dirigia. Já em Goiânia, se sente muito dependente dos filhos pra fazer essas atividades e tem medo de dirigir.

Atualmente, trabalha prestando serviços gerais para uma empresa que alugou sua antiga casa. Apesar de receber a pensão de seu ex-marido, considera importante trabalhar para ocupar a mente e se mostra orgulhosa por controlar as finanças da casa.

Avalia que se não tivesse migrado não teria se recuperado psicologicamente e não teria se tornado uma mulher independente. Tem muita vontade de remigrar, mas tem consciência de que por enquanto não conseguiria tirar o visto, devido ao tempo que ficou irregular nos Estados Unidos. Além disso, afirma que só iria depois que Luís (que, atualmente, mora com ela) tivesse sua própria família.

A tabela 11 sintetiza as informações dos interlocutores:

**Tabela 11: Informações dos interlocutores**

Nome	Idade	Cidade de residência	Local em que morou nos Estados Unidos	Escolaridade	Ocupação	Tempo de emigração	Tempo de retorno
<b>Edna*</b>	54 anos	Anápolis	Filadélfia	Médio completo	Desempregada	6 anos (2002-2008)	7 anos
<b>Ana Maria*</b>	58 anos	Anápolis	Los Angeles	Superior completo	Conta própria	25 anos (1976-2001)	14 anos
<b>Marcela*</b>	33 anos	Goiânia	Carolina do Sul	Médio incompleto	Conta própria	2 anos (2005-2007)	8 anos
<b>Marcos*</b>	42 anos	Goiânia	Carolina do Sul	Fundamental completo	Trabalha por conta própria	3 anos (2005-2008)	7 anos
<b>Tiago*</b>	35 anos	Goiânia	San Rafael / Atlanta / Richmond	Médio completo	Trabalha por conta própria	10 anos (1998-2008)	7 anos
<b>Joaquim*</b>	61 anos	Goiânia	Atlanta / Carolina do Sul / Flórida / Nova Orleans	Superior incompleto	Desempregado	12 anos (1996-2008)	7 anos
<b>Luís*</b>	25 anos	Goiânia	San Mateo – Califórnia	Superior completo	Empregado	2 anos (2008-2010)	5 anos
<b>Irene*</b>	50 anos	Goiânia	San Mateo – Califórnia	Médio completo	Empregado	4 anos e 6 meses (2008-2013)	2 anos

Fonte: Elaboração própria

A análise das entrevistas foi feita a partir das seguintes categorias de análise: 1) o *projeto migratório*, que é social, familiar, coletivo, afetivo e econômico (SIQUEIRA, 2009) e que tem o retorno (ou a perspectiva de retornar) como componente (SAYAD, 2000). A conexão existente entre os que partiram e os que ficaram, isto é, entre os locais de origem e de destino, traz a importância de considerar as 2) *redes* envolvidas no processo tanto de

emigração quanto no de retorno. A análise sobre a 3) *inserção social e laboral do migrante no local de destino* também é relevante nos estudos sobre retorno, no sentido de verificar como o projeto de volta para o país de origem foi sendo elaborado e reelaborado, segundo as condições de inserção no mercado de trabalho do país de destino e a de interação social, delimitada a partir da situação de documentação. Além disso, é ainda na sociedade de emigração que esse retorno é *preparado* através dos laços mantidos com a origem, o envio de remessas e a realização de investimentos. Por fim, o 4) *retorno* e suas implicações no que diz respeito da adaptação, reinserção no local de origem e os possíveis planos de remigração. A avaliação do projeto migratório e do retorno, assim como a interface com a mobilidade social também serão analisadas nesse tópico.

### “Ir para voltar”: o retorno no projeto migratório

É lugar comum na literatura migrações internacionais em geral, e no caso dos brasileiros em particular, que a emigração pode ser uma estratégia utilizada na busca por melhores condições de vida. Dessa forma, existe um *projeto migratório* (SIQUEIRA, 2009) que tem como principal motivação a possibilidade de ganhar dinheiro no exterior e de melhorar o padrão de vida *no Brasil* quando do retorno.

Nesse sentido, percebe-se que o retorno acompanha o migrante durante toda sua jornada migratória, envolvendo o período pré-partida, a efetivação da migração e os planos de voltar ao país de origem. Em outras palavras, o retorno, ou pelo menos a intenção de retornar, encontra-se implícita ao próprio ato de emigrar, pré-existindo à partida, e sendo programado e reprogramado e constantemente atualizado, ao longo de toda a ausência (SAYAD, 2000).

Dessa forma, o retorno perpassa tanto a sociedade de emigração, quando a de imigração, transpassando de modo transversal o projeto migratório (CAVALCANTI; BOGGIO, 2004, p. 10). Como veremos em seguida, o retorno também delimita a vivência no local de destino. Os casos de Edna, do casal Marcos e Marcela e de Thiago são elucidativos nesse sentido.

*Eu tinha um sonho de ir conhecer outro país, aquela esperança de ir e melhorar a vida financeira, sabe? Eu tinha muita vontade [...] O objetivo era melhorar de vida, que é o sonho de todo brasileiro que tá lá, e pra meus filhos estudarem... **Ganhar um pouco mais pra viver melhor aqui** (Edna, 54 anos, retornou há 7 anos, grifos nossos).*

*Pra ter uma vida melhor [...] acho que todo mundo tenta é isso, né? [...] Eu sabia que se eu entrasse no avião eu não ia ter como voltar. Então eu tinha uma meta e eu tinha que alcançar... Viver sem ter dívida, **dar uma vida melhor pros filhos aqui né?** (Marcela, 33 anos, retornou há 8 anos, grifos nossos).*

*Eu trabalhava como mecânico numa oficina [...] então eu queria novas oportunidades. **A meta era poder vir embora e trabalhar pra mim mesmo.** Eu pensava 'vou comprar uma casa pra mim e outra pra vender e um carrinho'... (Tiago, 35 anos, retornou há 10 anos, grifos nossos).*

Entretanto, não é somente por motivações econômicas que as pessoas emigram, como é o caso de Ana Maria, que foi para estudar, e os de Joaquim, Luís e Irene que emigraram por motivos pessoais e familiares.

*Eu não fui com objetivo de ganhar a vida somente, era também, mas não era só isso. Eu tinha separado da minha primeira mulher e a gente fica abalado, dá uma desestruturada. E aí eu fiz um balanço da minha vida, quando surgiu a oportunidade de ir pra lá, pra mim foi a oportunidade de um recomeço. Então eu também fui com esse objetivo. E também eu não queria voltar a me envolver diretamente com a política... e fora dessa área eu não tava conseguindo trabalho, isso era em 1996, não tinha trabalho pra ninguém, tava muito difícil, eu num tinha chance nenhuma... e surgiu essa oportunidade... e era uma chance de eu me recuperar dos dois lados ne? (Joaquim, 61 anos, retornou há 7 anos)*

*A gente foi pra lá, foi uma questão pessoal mesmo, não foi questão de dinheiro não. Eu fui pra lá devido ao divórcio que rolou entre minha mãe e meu pai. Minha mãe tava muito mal, a gente tinha um parentesco lá fora e surgiu essa possibilidade da gente ir pra lá e a gente foi [...] Foi muito bom a gente ter ido. Foi muito bom pra minha mãe, sabe? Ela tava numa depressão aqui horrível, sabe? Meu pai também apoiou. Porque ele viu que ele tinha feito... esse divórcio veio devido a uma traição, sabe? Então foi uma coisa bem complexa dentro de casa mesmo. Quando ele viu minha mãe toda desestruturada ele viu que essa mudança era o melhor pra ela (Luís, 25 anos, retornou há 5 anos).*

*Foi do nada, eu não tinha nem vontade de ir... Foi as circunstâncias... aconteceu umas coisas aí [...] Nós divorciamos... e aí Goiânia ficou pequena [risos] depois de quase 20 anos de casamento... meu outro filho me deu muita força, disse que ia ser bom pra mim. Eu esperei só ele casar pra mim ir [...] eu queria sair daqui, eu fui pra viver. Trabalhava pouquíssimo, 4h por dia de segunda a sexta... pra viver. Porque, bom, eu não fui pra juntar dinheiro (Irene, 50 anos, retornou há 2 anos).*

Evidencia-se que tanto o projeto de emigração quanto o de retorno tem caráter social, familiar, coletivo, afetivo e econômico (SIQUEIRA, 2009).

*[...] Da segunda vez, meu esposo chegou a falar pra mim 'eu só vou se você for' da primeira vez não, por isso que ele foi sozinho... então como a gente tava passando... porque assim ele fez um negócio e deu errado... e aí ele ficou pensando 'nossa, se eu tivesse entrado nos Estados Unidos eu num tinha passado por isso'... e aí foi a hora que ele começou 'eu tenho coragem de ir, mas eu só vou se você for'... e eu falava que eu num ia sem as meninas... então, tipo assim, eu fiquei com aquilo na cabeça 'a primeira dificuldade que a gente passar ele vai jogar na minha cara', então eu tive que pagar um preço. Aí minha sogra e minha cunhada falou 'vai, vocês juntos, vocês são trabalhador a gente fica*

*com as meninas' e a época que eu fui o dólar tava bão, eu peguei até mais de 3 reais [...] Elas entendiam que a gente tava ali pra dar uma vida melhor pra elas, mas assim, não é fácil (Marcela, 33 anos, retornou há 8 anos).*

*Eu levei uns 3 meses pra me organizar. Arrumar minhas coisas, passar o schedule das casas pra outra pessoa, foi coisa rápida mesmo. Porque era algo que eu não queria ne? Que era vir, mas o dia que eu tomei a decisão, falei 'não, eu preciso ir logo', com dois, três meses eu já tava aqui [...] todos me falavam 'não vem, que aqui segue igual', 'você vai arrepender'. Mas assim, O que você faz por um filho você não se arrepende, sabe? Então você tem que ter consciência disso, é a sua vida que tá ali... (Irene, 50 anos, retornou há 2 anos).*

Os motivos que levaram cada um dos interlocutores a emigrar são importantes para entendermos as motivações que os trouxeram de volta para o Brasil. Para aqueles que tinham motivações predominantemente econômicas, ainda que o projeto de migração seja o de ir para voltar, o retorno efetivo é condicionado ao cumprimento do tempo estabelecido inicialmente pelo migrante, o qual muitas vezes é negociado com o grupo familiar, e ao alcance das metas estabelecidas, tais como o pagamento de dívidas, a aquisição de bens e investimentos ou o acúmulo de uma poupança. Para Durand (2006), essa forma de fixar limites, impor objetivos e de obrigar-se de algum modo a retornar consiste em uma *estratégia do retorno* (DURAND, 2006; p. 181, grifos nossos).

*No dia que eu cheguei eu marquei minha data de sair eu marquei 'deu três anos eu vou embora, deu o que deu eu vou embora'... eu num vim antes porque eu precisava pelo menos resgatar o que tinha gastado. E o dia que eu consegui isso, consegui até um pouco a mais, eu vim embora. Eu comprei minha passagem com um ano antes. A minha esposa voltou um ano antes, por causa dos filhos, mãe você já viu ne? Ai ela veio e eu fiquei. Eu até queria vir junto, mas não dava pra largar tudo do dia pra noite também (Marcos, 42 anos, retornou há 7 anos).*

*[Eu decidi voltar] quando eu acabei aquela casa ali. Minha mãe disse 'tá pronta' e eu perguntei 'dá pra vender?' ela disse 'dá'. Aí eu falei 'vamo embora!' [...] Ai eu falei 'não mãe, tá bom de mais' e o povo falava 'rapaz, você é burro? Agora que você tá ganhando dinheiro', e eu falava 'eu pedi um trem pra Deus e ele já me deu, deixa eu ir embora' e eu vim embora. (Tiago, 35 anos, retornou há 10 anos).*

É importante percebermos que tanto o projeto de emigração quanto o de retorno é dinâmico e vai sendo construído e reconstruído não somente pelas condições e pela vivência na sociedade de destino, mas simultaneamente às circunstâncias econômicas e familiares que acontecem no local de origem. Por essa razão, o retorno está sempre passível de ser antecipado ou adiado.

*Tem dia que dá saudade, aquele vazio, aquela vontade de vir embora e você não pode vir, porque você vem mas não volta né? Então como eu tinha programado um tempo, eu projetei de ficar*

uns 6 anos. [...] eu fui com o objetivo de voltar porque eu deixei a minha mãe. Eu tinha que voltar, tanto é que eu voltei por causa dela [...] Então quando eu tava programando de vir embora em 2008, em 2006/2007 ela [minha filha] engravidou. Eu tinha programado de vir em setembro pro aniversário da minha mãe, aí minha filha me fez uma surpresa de que tava grávida e aí eu tive que mudar todos os meus planos. E fiquei até a minha neta nascer, depois de um ano eu vim pra cuidar da minha mãe (Edna, 54 anos, retornou há 7 anos).

Porque meu marido faleceu de câncer, ele ficou doente e faleceu em três meses. Porque minha mãe faleceu no mesmo ano e meu pai faleceu logo depois. Foi muita coisa! [...] Eu fiquei bem perdida depois que meu marido faleceu. Eu fiquei perambulando uns 5, 6 anos [...] depois que meu pai faleceu que eu decidi. As coisas foram se acomodando e eu voltei... (Ana Maria, 58 anos, retornou há 14 anos).

Foram 3 motivos. Depois que ela [minha esposa] veio embora em dezembro, em julho do outro ano eu vim. O outro motivo era minha netinha que eu não tinha contato e eu tava precisando ter esse contato. E minha mãe já tava com 80 anos então eu tinha pouco tempo pra aproveitar com ela... então eu tinha que voltar. Economicamente, aquele era o melhor momento. Eu já tinha conquistado meu espaço, eu já tinha me reestruturado, eu tinha a agenda lotada [...] Ai eu voltei porque eu via as notícia e via que o Brasil ia me dar oportunidade... E ai eu pensei que ia ser mais fácil me readaptar no Brasil já que tava num momento bom e empreender um trabalho, porque o Brasil tá diferente, tá oferecendo oportunidade [...] Ai eu peguei uma casa e eu falei 'quando eu terminar essa casa eu vou embora'. E foi assim. Sobrou uns 10, 12 mil dólares eu vim embora. Não quero levar dinheiro, eu vim pra cá por outras coisas... então já deu (Joaquim, 61 anos, há 7 anos no Brasil).

Foi meu filho [Luís]. Ele me ligava 'mãe você não vem, mãe?'... e ele tava aí só né? Então, foi isso. Se não eu ficava lá até hoje [risos] [...] Eu achava que eu precisava de estar com ele [...] O que você não faz por um filho? Não tinha como mais adiar [...] Ele voltou ficou com minha mãe, depois com o pai dele, aí depois ficava com meu outro filho. Então ele tava, tipo assim, ele num tinha um teto definido. Ele muito rebelde, 'ah hoje eu não vou ficar aqui, hoje eu vou pra ali...', muito imaturo, não estava trabalhando, eu senti assim... ele estava me cobrando isso. Ai eu pensei que talvez era isso que ele precisava de um apoio. E fiz. E foi realmente isso. Não me arrependo totalmente por isso, porque era algo que ele precisava mesmo. E estamos juntos até hoje. Ele se sente meio culpado, mas não adiantava eu tá lá muito feliz, e realmente eu tava, e ele aqui desse jeito... (Irene, 50 anos, retornou há 2 anos).

Foi a dificuldade mesmo que eu tava passando lá [...] Fiquei muitos meses desempregado, aí quando eu vi que realmente tava complicado... as vezes eu paro pra pensar assim, que se eu tivesse aguentado mais um pouquinho eu teria conseguido ficar lá tranquilo, entendeu? (Luís, 25 anos, retornou há 5 anos).

Dos relatos acima, destacamos o de Luís, no qual foi possível perceber indícios de que a crise econômica e os impactos causados na vida dos migrantes nos Estados Unidos

seja também um fator importante para explicar a decisão de retornar para Goiás, tal como já foi apontado por outras pesquisas (FERNANDES; CASTRO, 2013)

### **O elo entre origem e destino – a influência das Redes Sociais**

No campo de estudo das migrações, a análise das redes sociais surge a partir da necessidade de se explicar duas questões fundamentais: o motivo de alguém escolher se tornar migrante; e, com maior ênfase, o porquê de algumas pessoas optarem pela migração e outras não, haja vista que um seguimento populacional está submetido às mesmas condições estruturais econômicas, políticas e sociais (SOARES, 2003).

Neste contexto teórico-analítico, a migração é pensada como *estrutura comunitária que translada*, uma vez que as unidades efetivas da migração são os conjuntos de pessoas ligadas por laços de amizade, parentesco e experiência de trabalho, que incorporaram o país de destino nas alternativas de mobilidade por eles consideradas (ASSIS; SASAKI, 2000).

Assim, o ambiente social tem um papel efetivo no caso da migração internacional, porque esta só ocorre de fato se a rede social a que pertence determinado ator propicia o conjunto de laços/conexões que permita levá-la a efeito (ASSIS; SIQUEIRA, 2009; SOARES, 2003). No caso de migrações de longa distância, quanto mais estabelecidas são as redes, maiores as chances que o migrante tem de ser bem sucedido na adaptação no lugar de destino (ASSIS; SIQUEIRA, 2009).

A *Rede Social* é o conjunto de atores ou “nós” – organizações ou instituições sociais – que estão conectadas por algum tipo de relação. As redes mais importantes são aquelas fundadas em relações de parentesco, de amizade, de trabalho e origem comum, haja vista que tais relações não se criam pelo processo migratório, mas são reforçadas por ele a partir da experiência comum da migração. Em última instância, propiciam a formação das *Redes Migratórias*, isto é, os laços que ligam as comunidades remetentes aos pontos específicos de destino nas sociedades receptoras (SOARES, 2003).

Desta perspectiva, as redes migratórias podem ser convertidas em robustas matrizes explicativas do fenômeno em tela, sobretudo ao lançarmos luz sobre as especificidades do estado de Goiás (DIAS; OLIVEIRA, 2014). Em nossa pesquisa isso também foi percebido, uma vez que nenhum dos interlocutores teve alguma experiência de migração interna ou pra outro país, ou seja, todos tiveram os Estados Unidos como país de primeira emigração, pois lá conheciam alguém ou tinham familiares. Isso significa que as relações de amizade e/ou parentesco foram fundamentais para a tomada de decisão de migrar dessas pessoas, pois representavam um suporte e uma ajuda inicial nessa empreitada nos Estados Unidos. Essas ajudas apareceram concretamente exemplificadas nas falas dos interlocutores, indo desde o relato de alguém conhecido que foi buscar no aeroporto quando da chegada nos Estados Unidos, até a ajuda com a moradia inicial, informações e indicações de vagas de trabalho.

*Eu não passei nenhuma dificuldade pra chegar lá. Primeiramente porque eu já tinha meu sobrinho e minha sobrinha que já estavam lá, na época quando eu cheguei eu fiquei com ele dividindo apartamento. Fiquei com ele um mês, porque eu também tinha levado uma quantia pra me suprir lá ne? Porque a gente sabe que não é fácil no começo né? (Edna, 54 anos, há 7 anos no Brasil).*

*O primo, ele não é bem primo, na verdade ele era casado com a prima do meu esposo que foi pra lá. Na época que ele foi, bem antes dos atentados, era bem mais fácil... aí ele ligou pro meu esposo falando que lá era muito bom e tal e meu esposo colocou isso na cabeça dele, né? [...] ele pintou os Estados Unidos um arco-íris... e nessa época a gente tava passando por dificuldades financeira... e aí ele falou 'por que você não vem pra cá?', aí com um mês meu marido já tava indo pra lá, foi assim super rápido. Ele colocou na cabeça, e tudo era Estados Unidos. Aí a gente tentou e o visto foi negado [...] daí com 1 semana ele já tava indo ilegal. Arrumou uns coiotes com uns outros pessoal lá do setor que a gente tava morando e ele foi (Marcela, 33 anos, há 8 anos no Brasil).*

*Tinha duas irmãs da minha mãe lá. Um primo e um tio meu lá. Eles ajudaram a gente. A gente sempre morou com essa tia minha [...] Ah [o trabalho] sempre tem alguém que te indica ne? Eu nunca conseguiria assim, senão tivesse alguém lá me indicando, me ajudando, sabe? Minha tia me ajudou, eu tinha um conhecido um amigo em comum meu aqui no Brasil que me apresentou esse amigo lá, e esse cara também me ajudou bastante (Luís, 25 anos, há 2 anos no Brasil).*

*Eu tenho duas irmãs que moram lá, uma sobrinha que foram daqui de Goiânia pra lá também, já estão lá, uma tem 15 anos e a outra 14 anos que moram lá. Lá eu morava com minha irmã, mas todas duas me ajudaram a encontrar emprego. Uma tem uma empresa de housecleaner, aí facilita muito. Me passou algumas casas, facilitou bastante minha vida, se não, não era fácil de viver lá não... (Irene, 50 anos, há 2 anos no Brasil).*

*Eu fiquei na casa da prima dele [do marido] até ele chegar [...] Quando você chega lá, você chega só com a roupa do corpo e sempre tem alguém uma pessoa lá pra te acolher, pra te dar uma roupa essas coisas (Marcela, 33 anos, há 8 anos no Brasil).*

Chama atenção como as informações que circulam são determinantes na construção dos projetos de migração. Por um lado, são informações valiosas e que somente se tornam acessíveis no contexto de uma rede, isso se evidencia, especialmente, no caso da migração irregular.

*[...] Agora que parece que acalmou um pouco esse negócio de ir pros Estados Unidos, eu não sei se é porque eu não quero ir mais, mas na época todo barzinho que você tava o comentário era esse. De ir pros Estados Unidos, de ir pelo México ou de ir legalmente, de várias formas (Marcos, 42 anos, há 7 anos no Brasil).*

Por outro lado, as informações que circulam nas redes podem ser incompletas e não preparar o migrante para a realidade, tal como relatado por Joaquim:

*quando se fala de Estados Unidos só se fala do lado bom, mas não mostra a dificuldade de ser um trabalhador ilegal lá... essas pessoas trabalham sem direitos, sem garantia nenhuma, você não tem aonde recorrer e tudo isso é com a consciência da sociedade americana, lá não fica escondido não... lá eles são coniventes com isso (Joaquim, 61 anos, há 7 anos no Brasil).*

As redes fazem a conexão entre a origem e o destino, através delas transitam informações, desenvolvem-se os mecanismos que facilitam a saída do lugar de origem e a chegada e circulação no local de destino (MARGOLIS, 2003; FUSCO, 2001). Devido o capital social acumulado, a rede permite aos possíveis migrantes do país de origem manter contato com parentes, amigos e conterrâneos, além de obter informações e oportunidades de emprego, hospedagem e assistência financeira no país de destino.

O caso de Tiago é representativo nesse sentido. Primeiramente, ele se utilizou de uma rede de amizade para decidir ir para os Estados Unidos. Em segundo lugar, a partir da troca de informações com a família, que permaneceu no Brasil, decidiu sair da Califórnia e ir para Atlanta. Por fim, a partir da sua influência tanto o pai quanto o irmão mais velho também migraram para os Estados Unidos.

*Me deu na telha e eu fui [...] Quando eu falei pra minha mãe que eu ia ela fez até festa [risos] ela foi lá tirou os documentos [...] Eu liguei pra um rapaz que morava lá que eu conhecia e ele só pegou a gente no aeroporto, me deixou numa casa de uns mexicanos e sumiu... nunca mais eu vi [...] Ai depois, uma semana depois ele levou a gente pro serviço e já tinha arrumado serviço pra nois tudo, os 3 [...] Lá [na Califórnia] tava com a maior dificuldade de tirar a carteira de motorista [...] aí minha mãe ficou sabendo que lá em Atlanta tirava, aí ligou pro pastor, que ele conhecia o povo em Atlanta, e aí eu peguei a mochila e fui pra Atlanta [...] (Tiago, 35 anos, há 10 anos no Brasil).*

*[...] Aí quando meu pai foi eu arrumei vaga na construção civil, que foi o lugar que dava pra ele trabalhar [...] E foi bom porque passou uns 6 meses que eu fui, meu irmão foi. E isso mudou de mais nossa vida da família inteira... (Tiago, 35 anos, há 10 anos no Brasil).*

*E foi engraçado quando ele [o irmão] chegou lá, tipo assim, a vida toda meu pai só conseguiu ter 2 carros, aí quando ele me viu lá, viu o carro que eu tinha ele ficou doido, disse que nunca mais vinha embora daqui. Se em 4 meses você comprou isso, e eu 'comprei, vou te levar ali no serviço'. (Tiago, 35 anos, há 10 anos no Brasil).*

Dessa forma, fica clara a influência que as informações que circulam nessas redes têm nas trajetórias de migração. Vejamos o caso de Joaquim:

*[...] Eu fui pra Carolina do Sul, fiquei lá uns 6 meses na cidade de Charleston. E depois eu fui pra Florida, e fiquei na cidade de Daytona. Onde oferecia trabalho eu ia. Tem uma rede de conexão que você chega em qualquer cidade que você consegue informação. Existem as lojas brasileiras, onde você envia dinheiro pro Brasil, onde você encontra produtos do Brasil, o povo chama de*

*Vigo. Então você chega nesses pontos você tem contato e informação. Quando eu cheguei na Carolina do Sul, um amigo me indicou o serviço lá ai eu fui, isso em 2004, ai eu fiquei morando na casa de uns brasileiros [...] ai quando eu fui pra Florida eles foram também. Ai quando passou o furacão Katrina, já em 2005, eu estava em Daytona e ai eu vi na televisão que o estrago tinha sido grande e eu falei 'tô indo amanhã pra lá'. (Joaquim, 61 anos, há 7 anos no Brasil).*

Muitos estudos reforçam que as redes são fundamentais para explicar os fluxos emigratórios, entretanto não há um consenso sobre essa influência no retorno. Para alguns autores as articulações parecem não se estender para ajudar no retorno, sendo necessário refazer os laços, reinserir-se no mercado de trabalho, nas relações familiares e compreender a dinâmica local, que se revela desconhecida (SIQUEIRA, 2009, p. 17).

Para outros, as redes migratórias são alimentadoras do processo da mobilidade humana, não somente na construção do momento da partida, mas também da permanência e do retorno, influenciando até mesmo uma possível reabertura de outra partida. É por entre as redes migratórias estabelecidas que as informações, inclusive sobre a crise financeira e a melhoria na situação econômica no Brasil, circulam de maneira tão eficaz que impulsionam ações de ir e vir. Dessa forma, as redes migratórias não perderiam força no momento do retorno, pelo contrário, continuariam a orientar fluxos e tendências na mobilidade dos migrantes, inclusive direcionando o retorno ao país (LUCENA; DIAS, 2013, p.11). Essa questão é muito interessante e carece de uma investigação mais profunda, porém os dados encontrados parecem reforçar isso, especialmente a partir das relações familiares:

*[...] Eu falei pra ele [para o pai] que tava difícil lá, que não tava mais dando pra ficar e ele disse 'vem embora (Luís, 25 anos, retornou há 5 anos).*

*Eu vim 1 ano e 2 meses antes do meu marido. Porque as meninas tava, né? E eu tinha que arrumar umas coisas, também, pra já esperar ele, pra ver como que tava aqui, a situação realmente aqui no Brasil. Porque se ele tava lá, era mais fácil eu voltar, do que ele vir e nós voltar junto. Pra ver realmente né? Como que tava, se ia compensar mesmo (Marcela, 33 anos, há 8 anos no Brasil).*

*[...] Financeiramente, economicamente, foi difícil, se eu não tivesse a minha mulher que já tem uma vida estruturada, funcionária pública, tem um salário razoável. Ela deu essa estrutura pra mim. Eu chegar e ter essa possibilidade (Joaquim, 61 anos, há 7 anos no Brasil).*

### **A inserção social e laboral no local de destino e a preparação do retorno**

Tendo em vista que é na sociedade de emigração que o retorno é preparado, através de visitas periódicas, dos laços mantidos com a origem, do envio de remessas e da

realização de investimentos, tornou-se relevante abordar os seguintes aspectos: a inserção no mercado de trabalho no país de destino, as viagens ao Brasil, o acúmulo de poupança e o envio de remessas.

Conforme apresentamos nos capítulos anteriores, e seguindo a tendência dos migrantes internacional em geral, a inserção dos participantes da pesquisa no mercado de trabalho nos Estados Unidos se deu, predominantemente, no mercado secundário de trabalho (PIORE, 1995).

*Eu trabalhei de pizzaiolo, eu entreguei pizza, trabalhei uns 4 anos em Atlanta de limpar casa, aí depois [...] eu arrumei vaga na construção civil, que foi o lugar que dava pra ele trabalhar. E daí pra lá eu fiquei só na construção civil (Tiago, 35 anos, há 10 anos no Brasil).*

*no começo eu cheguei a trabalhar na obra, onde que os brasileiros fazia as casa né? Eu trabalhava na parte da limpeza, aí depois eu fiz uns cartões, aí comecei a soltar uns cartões, o pessoal começou a ligar pra fazer entrevista. Peguei bastante casa, fiquei trabalhando lá de housecleaner, quer dizer, empregada doméstica (Marcela, 33 anos, há 8 anos no Brasil).*

Foi comum entre os interlocutores o fato de terem trabalhado por conta própria nos Estados Unidos, seja tendo o próprio *schedule* de faxina, no caso das mulheres, ou abrindo a própria empresa no caso dos homens que atuaram na construção civil.

*[...] Eu cheguei a ter uma equipe com 30 pessoas, a maioria centro-americano. Lá eu quase fiz a América, quase consegui ganhar muito dinheiro lá... (Joaquim, 61 anos, há 7 anos no Brasil)*

*Eu consegui comprar meu schedule, porque quando você chega você começa a fazer help né? Que é ajudar a limpar a casa. É trabalhoso, não é fácil. A gente passa sempre por muita dificuldade, é aquela adaptação sabe? De você não fazer isso no Brasil e chegar lá ter que fazer. Mas eu sabia que eu ia fazer isso, eu fui preparada (Edna, 54 anos, há 7 anos no Brasil).*

No caso de Irene foi possível perceber que o fato de trabalhar como faxineira nos Estados Unidos foi motivo de orgulho, pois no Brasil era dona de casa e nunca tinha trabalhado fora de casa.

*[...] Eu vou te falar algo que eu acho que você nunca vai ouvir... eu me sentia muito orgulhosa. Nem que seja pra ir limpar a casa daquelas pessoas, porque elas te tratam super bem, não é igual aqui, te trata com respeito e tudo. Então eu sentia orgulho de tá ali ganhando o meu dinheiro e podendo fazer com ele coisas boas, ou ajudando um, ajudando outro e me ajudando mesmo né? (Irene, 50 anos, há 2 anos no Brasil).*

O preparo do retorno a partir de visitar periódicas ao local de origem é privilégio daqueles que possuem documentação que autoriza a residência e o trabalho e que, conseqüentemente, facilita a saída e a entrada nos Estados Unidos. Nos casos aqui

analisados o fato de a maioria não ter documentação regular limitou bastante a realização dessas visitas ao Brasil. Tiago e Joaquim se arriscaram e atribuem que conseguiram ir e voltar para os Estados Unidos porque, à época, a fiscalização não era tão severa e havia brechas no controle migratório.

*[...] Hoje eles criaram muitas regras pra controlar isso, mas antes não era assim. Eles te davam um papel grampeado no passaporte com a data de saída, aí a gente arrancava o papel e falava que tinha sumido. E aí eles faziam outro, então não tinha problema, você nunca tava ilegal. Na época dos atentados terroristas aí ficou diferente... terrível, tinha uma pressão muito grande sobre os imigrantes, era assustador (Joaquim, 61 anos, retornou há 7 anos)*

A exceção é o caso de Ana Maria, que foi casada com um americano e por isso se tornou cidadã americana. Isso a possibilitou a fazer viagens frequentes ao Brasil, a cada 3 anos. Além disso, sua trajetória de migração, marcada especialmente por estudos, também se refletiu em sua inserção no mercado de trabalho americano, favorecendo a ocupação de postos no mercado formal.

*Trabalhei em arte, para o Estado da Califórnia, eu dava aula. Trabalhei como conselheira de uma clínica sobre assuntos de sexualidade. Aprendi muito o espanhol, porque eu trabalhei dois anos na região da fronteira com o México (Ana Maria, 58 anos, há 14 anos no Brasil).*

Ao perguntarmos sobre o acúmulo de poupança, o envio de remessas e a realização de investimentos no país de origem, foi possível perceber dois padrões de comportamento. O primeiro se refere aos migrantes que tinham projetos predominantemente econômicos, onde o principal objetivo era o de economizar e acumular poupança para voltar ao Brasil. Já o segundo, diz respeito aos que optaram por diminuir as possibilidades de poupança para desfrutarem da vida nos Estados Unidos, de forma a terem um tipo de consumo que priorizava o lazer.

No primeiro padrão a questão da poupança era bastante importante e delineava a vivência na sociedade de destino, no sentido de ter uma vida regrada e com longas jornadas de trabalho, na tentativa de economizar ao máximo. Sendo o projeto sempre colocado como temporário e o trabalho uma justificativa para todo esse sacrifício. Além disso, no caso de Marcos e Marcela, ficou evidente que a situação de documentação e o medo da deportação também influenciaram de forma determinante na vivência nos Estados Unidos.

*A gente não saía. Quando a gente saía mesmo era pra fazer compra, supermercado e eu ia pra lavanderia... As praias que eu conheci lá na cidade foi só duas porque era caminho pro serviço quando eu ia limpar as casas. E... não é fácil... como se diz o ditado 'lá é aonde o filho chora e a mão não vê', então não é... é muito difícil, sabe? Então, assim, a pessoa tem que dar muito valor ao dinheiro que ganha lá, porque não é fácil. A gente não saía, que nem tem muitos brasileiros lá que a gente conhecia que era ilegal igual a gente e que saía, viajava, ia pra Nova Iorque, pra Disney,*

*conhecia outras cidades. A gente não. A gente nunca... lá tem um aquário que eu tinha muita vontade de conhecer, espero um dia poder conhecer, que você via tudo ao vivo, era perto, mas eu morria de medo. Só ia mesmo pras casas limpar, quando acabava voltava pra casa, ficava trancada em casa, morria de medo... então a gente pagava tudo direitinho, os impostos, procurava andar na velocidade certa, evitava ficar onde tava um monte de brasileiro pra evitar que eles mexessem com a gente, entendeu? (Marcela, 33 anos, há 8 anos no Brasil).*

*Da primeira vez eu fui sozinho. Foi bem ruim, eu fui... eu tentei visto e aí não consegui. Aí eu resolvi ir pelo México e fui. Até quando eu tava no México foi bão, aí que eu atravessasse a fronteira eles me prenderam, eu fiquei preso né? Fiquei 4 meses e meio mais ou menos e aí fui deportado. Aí eu fiquei 6 meses aqui e tentei de novo aí já fui eu e minha esposa. Eles me prendeu de novo, aí eu peguei e fiquei quase 5 meses preso pra ser deportado de novo. E fui deportado de novo. Só que aí nesse meio termo a imigração deixou ela ir pra dentro e me voltou pra trás. E ela ficou lá e eu fiquei aqui. Deu 6 dias eu voltei de novo, gastei dois meses pra chegar lá... de estrada [...] Aí deu certo, só que eu tinha muito medo de ficar lá dentro [...] é tipo assim, os dois primeiros meses que eu trabalhei pros outros eu tinha a pressão de tudo né? Eu via a viatura na rua eu tinha medo, eu tava nas obra, lá você só escuta assim 'a imigração prendeu tantas pessoas, mandou embora', então cê tinha medo... (Marcos, 42 anos, há 7 anos no Brasil).*

Na fala de Marcela fica evidente que o envio de dinheiro para o Brasil foi além da questão de investimentos, mas tinha um significado de manter a relação com as filhas e cumprir com seu papel de mãe:

*Na primeira semana que eu tava lá eu já mandava [...] Eu pagava as coisa das minhas filhas, elas ficavam na casa da minha sogra, eu ajudava a pagar alguém pra cuidar da casa, pagava transporte escolar, colégio, roupa, mandava dinheiro separado pra comprar lanche essas coisas, mandava caixa de três em três meses pelo correio, essa coisas. Tentava, tipo assim, não fazer com que elas esquecessem que eu tava lá, mas que tinha os benefícios né? (Marcela, 33 anos, há 8 anos no Brasil).*

Por outro lado, o segundo padrão se estabelece quando os migrantes alteram o projeto e adiam o retorno, mudando também seus hábitos de consumo (SIQUEIRA, 2009). A poupança deixa de ser a meta principal e passam a consumir bens que antes não consumiam e gastam mais com o lazer:

*Eu tinha o objetivo de ir, ganhar um dinheiro pra fazer o que eu precisava, de pagar algumas coisas, mas eu não tinha aquela ambição de construir casa, e também quando você vai com família a gente gasta muito. Então como eu não vivia aquela vida muito privada não sobrava muito [...] a renda que a gente tinha dava pra viver bem lá, como se fosse aqui no Brasil, sabe? Dava pra juntar dinheiro, mas não dava pra juntar muito não [...] Eu vivia bem lá, eu não vivia aquela vida que muitos brasileiro tem quando vão pra lá, que vive a pão e água, eu não quis isso pra minha vida e eu não podia fazer isso porque eu não estava sozinha, eu tinha meus filhos lá. Eu num tive uma vida boa, mas deu pra resolver o que eu*

*precisa de resolver aqui e de conhecer a cultura lá (Edna, 54 anos, há 7 anos no Brasil).*

*Mandava pra sustentar meus filhos, pagar a faculdade [...] eu nunca tive como fazer investimento. As pessoas que falam que foram pros Estados Unidos e trouxe dinheiro tem justificativa... ele não fala inglês, não fala espanhol, os valores só são financeiros, ele não aprendeu nada de novo, ele volta pra ser empresário, ele chega aqui compra um prédio e vai viver daquilo ali. Pra mim a vida não se resolve nisso, eu valorizo o conhecimento... e eu não tinha condição de viver da maneira que eles viviam lá, de passar necessidade, de sair pra comer fora nos dias de promoção. Eu vivi, eu participei da sociedade, eu viajava, passeava, eu vivia lá como eu vivia aqui, eu tirava proveito daquilo ali. Ai que tá a diferença, são valores que a gente tem na vida. Pra eu juntar dinheiro eu teria que ter uma vida regrada lá, porque eu vivia lá e ainda mandava pra meus filhos. E eu queria viver lá da melhor forma possível, e eu não me arrependo disso. Eu não tenho bens, eu não tenho patrimônio, mas eu sou feliz... eu tenho história pra contar (Joaquim, 61 anos, há 7 anos no Brasil).*

*O dinheiro que eu ganhava lá era pra me manter e manter o outro filho que estava aqui, que geralmente eu mandava pra dar um extra pra ele ne? Mas era pra eu viver lá, eu não economizava lá, se eu queria comer uma coisa, conhecer lugar X, tudo eu fazia... [...]. Porque, como eu te falei, eu trabalhava pouco e o que eu ganhava era pra me manter lá. Tipo assim, eu queria viver, não esbanjar, mas viver na medida do possível (Irene, 50 anos, há 2 anos no Brasil).*

Fica evidente, quando analisamos a fala desse segundo grupo, a ênfase na distinção entre o estilo de vida que eles levavam e os outros migrantes que esforçavam para poupar e tinham uma vida mais regrada. Isso nos permite inferir que consiste em uma forma de justificar o fato de não terem trazido dinheiro para adquirir algo no Brasil.

Entender o modo de vida no país de destino foi uma das estratégias para analisarmos como o retorno foi sendo preparado ao longo do período de migração. Isso foi possível a partir do entendimento de que o retorno é um *processo*, através do qual os emigrantes valorizam os recursos disponíveis, de acordo com as circunstâncias específicas existentes no país emissor e receptor, para garantir sua reintegração (CASSARINO, 2007). Sendo assim, é importante considerar o *preparo do retorno*, a *mobilização de recursos tangíveis (capital financeiro) e intangíveis (contatos, relações, habilidades)* adquiridos na experiência migratória para entendermos como o retorno efetivamente se dá.

No caso dos relatos abaixo percebemos que também a preparação do retorno é algo dinâmico e que está sujeita às condições tanto no país de destino, quanto na origem. Não se trata de um processo automático e fácil, mas de algo que vai sendo feito aos poucos pelos migrantes.

*Aquele preparado entre aspas ne? Você quer vir, mas tem vontade de não vir, mas assim, eu preparei pra vir [...] ia ser assim, eu ia vir sozinha com meu filho e meu marido ia ficar lá trabalhando, ia cuidar do meu schedule com minha filha, mas aí houve um imprevisto da minha filha, que ela se separou e ganhou bebe e já*

*tinha dado meu tempo de vir embora, porque eu precisa de vir por causa da minha mãe. Ai com a separação dela ate ela veio embora comigo. Aí nós combinamos assim de vir embora todos juntos (Edna, 54 anos, há 7 anos no Brasil).*

*Preparei no sentido de colocar minha casa a venda, de vir aqui fazer alguns tipo de contato com algumas pessoas (Ana Maria, 58 anos, há 14 anos no Brasil).*

*Eu vim 1 ano e 2 meses antes do meu marido. Por causa das meninas e porque eu tinha que arrumar umas coisas também, pra já esperar ele, pra ver como que tava a situação realmente aqui no Brasil [...] pra ver realmente né? Como que tava, se ia compensar mesmo, porque conforme for eu ia pegava as meninas e dava um jeito de voltar pra lá com elas, mesmo sabendo que ia ficar ilegal [...] e conforme meu esposo ia trabalhando lá ele ia comprando as ferramentas e mandando pra cá pelo contêiner (Marcela, 33 anos, há 8 anos no Brasil)*

*Eu já tinha o objetivo de voltar, eu já tinha decidido. Aí era só questão de me organizar, levantar um dinheiro pra poder chegar aqui, porque eu tinha levado um cano, ne? (Joaquim, 61 anos, há 7 anos no Brasil).*

Disto isso, é possível reforçar a ideia de que não se trata apenas de o migrante *querer* regressar, mas sim de *estar preparado* para tal, o que implica reunir recursos e informações acerca das condições posteriores ao retorno para poder proceder ao processo de reintegração no seu país de origem.

Para aferir tais elementos sobre a preparação do retorno fizemos a seguinte pergunta: *o que você diria para alguém que está nos Estados Unidos pensando em retornar para a cidade Anápolis/Goiânia?*. As respostas se deram justamente no sentido de alertar sobre as diferenças e as dificuldades de readaptação e da importância em se ter uma estrutura quando do retorno, seja ela emocional, financeira ou profissional.

*[...] Então a pessoa que tá lá, pra voltar, se ela não tiver uma estrutura financeira e emocional num guenta não. Porque é muita diferença de cultura, principalmente quando a pessoa fica muito tempo. Porque nem a família te ajuda muito, cada um acaba tendo que se virar, eu acho que a pessoa sofre, nessas condições é melhor não voltar (Edna, 54 anos, há 7 anos no Brasil).*

*O mesmo que eu sempre falei enquanto eu tava lá, aprenda uma profissão. Aprenda a fazer alguma coisa pra você levar esse conhecimento pro Brasil. O Brasil precisa do conhecimento que você tá adquirindo aqui. 'Ah quando eu chegar lá eu vou trabalhar, vou comprar uma lanchonete, um lava-jato'. 'Não, você não sabe disso, você não conhece dessa área. Se você é pintor aqui, você vai ser pintor lá. Leve seu material, pra você ser um profissional bom lá. Se profissionalize, leve o equipamento' e falava pra todos eles, não perca tempo, se profissionalize. Aprenda essas técnicas diferentes e leve pra lá, porque nós precisamos dessas inovações, precisamos que você traga isso pro Brasil (Joaquim, 61 anos, há 7 anos no Brasil)*

A partir da fala de **Edna** – de que seria melhor não retornar do que retornar sem uma estrutura financeira e familiar no local de origem – podemos inferir as diversas dificuldades que o migrante retornado encontrará na sua volta ao local de origem e a necessidade de apoio e de uma estrutura já estabelecida para acolhê-lo. De forma complementar, ao focar a dimensão laboral, **Joaquim** reforça a importância de se aproveitar as habilidades e conhecimentos profissionais adquiridos nos Estados Unidos para abrir o próprio negócio ou se reinserir no mercado de trabalho do local de origem. Dessa forma, afirma que a continuidade na sociedade de origem das atividades desempenhadas no local de destino seria um fator importante para a reinserção no mercado de trabalho. No fundo, essas respostas reforçam a importância para o retorno de se estabelecer e manter constantemente os laços entre sociedade de origem e de destino.

### **Voltar para ficar? Percepções e dificuldades no retorno**

Considerar se o retorno se dá ou não por escolha própria é fundamental no momento de identificar os fatores adicionais que caracterizam as condições prévias e posteriores ao retorno. Sendo assim, a distinção entre aqueles que voltaram por própria iniciativa e aqueles que se viram obrigados a retornar constitui uma outra variável fundamental para explicar as perspectivas de reintegração sócio-profissional dos retornados uma vez de volta a sua origem (CASSARINO, 2007, p. 66).

Entretanto, ainda que a pessoa tenha se preparado para voltar, não se trata de uma decisão fácil. Os sentimentos de insegurança, ansiedade de reencontrar a família e recomeçar a vida no local de origem exigem bastante, inclusive psicologicamente, dos migrantes. O caso de Marcos, talvez, illustre uma situação extrema de medo e de angústia em ter que passar pela imigração, tendo em vista seu histórico de deportações, vejamos a seguir:

*Eu me precavi tanto, quando foi chegando os dias de eu embarcar eu tive que tomar calmante. Porque eu pensava que eles iam me checar na hora e realmente eles me checou. Só que como você tá saindo eu acho que eles faz tipo uma vista grossa e te deixa ir embora. Nas minhas deportação eu entrei do aeroporto de Dalas, algemado nas mão, pés, barriga tudo, com a roupa suja de 4 meses atrás, ate entrar no avião... então eu tinha medo. E eu tive que tomar 3 voo ate chegar no internacional (Marcos, 42 anos, há 7 anos no Brasil).*

Por outro lado, a experiência do retorno envolve conflitos, redefinições, reencontros, decepções, sucessos, insucessos, sonhos e frustração (SIQUEIRA, 2009). Em alguns casos, o retorno pode ser uma etapa ou um tempo de espera para em seguida ir novamente para a sociedade de migração (MACHADO, 2014).

*Eu voltei com o intuito de voltar pra lá depois de um tempo, eu ate tentei ir de novo, mas ai eu cheguei lá e meu visto já não dava mais pra entrar. Eu gastei um grana legal dessa ultima vez, isso foi uns 6 meses depois que eu retornei. Foi uma experiência horrível, porque eu peguei um voo de 14, 15h, cheguei lá ai ela olhou lá no computador que eu já tinha passado o limite pra entrar no país ai eles fizeram uma puta de uma entrevista lá comigo, sabe? Fiquei horas e horas lá sendo interrogado, mas foram muitas perguntas repetidas, sabe? Pra ver se você mente, ai depois disso eu peguei um voo de volta, nem tomei banho, nem nada. E peguei mais 14h de voo. Foi horrível. não deu nem pra ver ninguém, eu nem mandei noticias pra minha mãe. Ela tava lá me aguardando, inclusive. E ai eu não cheguei. Ai eu fui conseguir mandar noticia pra ela só no Peru, foi complicado [...] eu voltei mesmo focado em esperar a crise de lá passar, e voltar lá e continuar minha vida lá. Ai como eu fui e vi que não deu certo, ai eu fui e comecei a focar minha vida aqui mesmo. Fui estudar, fui trabalhar, igual hoje (Luís, 25 anos, há 2 anos no Brasil).*

Além disso, o estranhamento depois de um tempo longe, a mudança de local, de hábitos e estilos de vida são comparadas a uma nova emigração. Comumente as pessoas afirmam que “voltar é mais difícil do que ir”.

*quando você chega aqui você sente o impacto. Primeiramente o trânsito. Falta de educação, fora do normal. Lá eu não tive problema nenhum de adaptação, nem eu nem minha família. Mas quando eu voltei, eu entrava em pânico. Eu fiquei um mês sem dar conta de dirigir. Essa questão da cultura, da pessoa não respeitar o seu direito a sua privacidade... então foi esse choque... eu acho que quando eu cheguei lá eu tive menos choque cultural do que na minha volta... eu estranhei muito, até os muros nas casas... (Edna, 54 anos, há 7 anos no Brasil).*

*É mais difícil do que ir. Pra ir é bom de mais, você não conhece nada. Tudo é novidade. Pra voltar é tenso! Porque o Brasil é complicado de se viver né? No caso assim, você tá acostumado a viver lá, todo dia ter o dinheiro, eu cheguei aqui eu nunca trabalhei pra ninguém. Eu trabalho pra mim, entendeu? Eu vejo dinheiro, mas demora a ver dinheiro, uns 6 meses... ate ano... e lá se todo final de semana eu tivesse 5 ou 6 mil dólar eu num ficava lá não. Então essa é a diferença, é o que mais pesa (Tiago, 35 anos, há 10 anos no Brasil).*

*Meu filho teve mais dificuldade de adaptação. Ele chorou muito, ele não queria vir embora, ele chegou aqui falava o português tudo trocado, ele pra ir pra escola deu muito trabalho a questão da adaptação dele... mas depois a gente foi tocando a vida... ele voltou com 13 anos, ele foi alfabetizado lá... então assim, a maior dificuldade que eu tive quando eu voltei foi com ele, a questão de escola (Edna, 54 anos, há 7 anos no Brasil).*

*Cheguei aqui e eu era assim, antissocial, até hoje eu sou assim... eu sofro com esse problema de me reencontrar. Porque primeiro foi uma adaptação pra me aculturar lá, na chegada, depois na volta é muito complicado também. Porque você já esta acostumado com aquele estilo, aquele tipo de trabalho. Ai você volta e tem que recomeçar tudo de novo... [...] quando eu voltei eu tive que conquistar tudo de novo (Joaquim, 61 anos, há 7 anos no Brasil)*

*Eu acho que o mercado de trabalho nosso é o mais difícil, eu acho que essa é a pior dificuldade que você encontra quando volta de lá pra cá. Meu esposo mesmo ficou praticamente 1 ano sem conseguir trabalho, o que conseguia serviço pra pagar 800, 1000 reais. Como um pai de família da conta disso? Ele tinha muita experiência, mas teve essa dificuldade... (Edna, 54 anos, há 7 anos no Brasil).*

Em síntese, as dificuldades encontradas em nossa pesquisa dizem respeito: às diferenças de consumo quando comparado com os Estados Unidos, a adaptação dos filhos, a adaptação ao estilo de vida no Brasil e a reinserção no mercado de trabalho – no que se refere à valorização da experiência e ter salários compatíveis com o que se espera e deseja para manter o nível de vida.

Notamos, inclusive, que para as mulheres os relatos evidenciavam alguns elementos particulares. Ao relatarem problemas quanto à *falta de integração*, à questão da *independência/falta de liberdade* e à *dificuldade de voltar para o mercado de trabalho*, foram citados elementos que, talvez, sejam mais recorrentes sob as mulheres do que entre os homens. Não estamos nos propondo a um estudo com um recorte de gênero, entretanto, cabe ressaltar esse aspecto que poderá inspirar pesquisas futuras.

*[...] Inclusive é muito difícil se reinserir socialmente no Brasil. Por mais que pareça ser fácil, não é. É muito fácil se você volta com uma família, filhos. Eu não tenho filhos. Agora voltar como uma pessoa solteira... eu acho o Brasil muito família e os clãs são muito fechados e a medida que o tempo vai passando e eu vou ficando mais velha eu sinto que isso fica pior. [...] nos Estados Unidos, a maioria dos meus amigos nunca tiveram filhos, não pensaram em ter filhos, eram mulheres solteiras, ótimas e maravilhosas. E eu assumi esse lado também, porque eu nunca pensei em ter filho. E aqui não funciona assim. Aqui é uma questão de honra eu acho, uma questão de inserção, uma questão de futuro até, que você depende de seus filhos... eu hoje eu até que vejo tem alguma razão nisso, eu vejo que uma família é muito importante. Hoje eu vejo. Mas se eu tivesse lá eu não estaria vendo do tanto que eu vejo aqui entendeu? São valores muito diferentes. É difícil aqui ser sozinha, especialmente em Anápolis. Não tem muitos programas, sabe? Por exemplo, nos Estados Unidos tem clubes, onde você encontra um monte de gente solteira e vai acampar num sei aonde, sabe? Aqui não tem essa... não te abraçam como mulher solteira... não mesmo (Ana Maria, 58 anos, há 14 anos no Brasil).*

*Eu era muito independente lá, pegava o carro, saía... aqui não. Aqui se for pra ir no cinema eu preciso de alguém 'filho me leva?' ou pegar um taxi. Lá eu me sentia uma pessoa livre, aqui nem tanto. Você se sente mais... necessita muito de outra pessoa... (Irene, 50 anos, há 2 anos no Brasil).*

*Teve a questão também de você voltar pro trabalho. Nós brasileiros temos a mania de achar que a mulher depois dos 50 anos ela tá velha pra trabalhar, infelizmente, essa é a cabeça dos nossos patrões. Então você sente, tanto é que eu não consegui entrar no mercado de trabalho mais. Apesar de toda a minha experiência que eu tive de trabalho [...] Se eu tivesse no meu trabalho eu estaria lá*

*ate hoje, mas como eu saí eu não consegui voltar. Acho que não conseguiria em questão também muito do preconceito com as pessoas de mais idade, mesmo com a experiência a gente é barrado nesse ponto [...] hoje eu não trabalho mais, porque minha mãe ficou doente e quando eu voltei de lá eu comprei uma loja, depois de um ano mais ou menos que eu tava aqui parada. Ai comprei uma loja Água de Cheiro. Ai devido a doença da minha mãe eu tive que parar de trabalhar, e ai eu fiquei cuidando dela por mais ou menos 1 ano e meio. Tem sete meses que eu a perdi e eu ainda não voltei a trabalhar, não me sinto muito bem pra voltar a trabalhar não (Edna, 54 anos, há 7 anos no Brasil).*

Houve também aqueles que afirmaram não terem tido dificuldade para se reinserir no mercado de trabalho.

*Com 8 dias que eu tava aqui eu já tava trabalhando de novo nas minhas atividades. Eu tive que abrir tudo de novo, eu tive que começar do zero. Não foi difícil porque eu nasci e criei aqui dentro, eu já sabia o que eu tinha que fazer (Marcos, 42 anos, há 7 anos no Brasil).*

*Não tive dificuldade [para voltar para o mercado de trabalho], a experiência me ajudou bastante de ter trabalhado nos restaurantes lá fora. Sempre ajudou, sempre foi um quesito a mais, assim. Eu acho que ter morado fora, quando eu falava e tal, era um diferencial, pesava um pouco... sabe? (Luís, 25 anos, há 2 anos no Brasil).*

É importante contextualizar tais relatos, uma vez que Marcos já tinha experiência em ter o seu próprio negócio e isso foi fundamental para superar os obstáculos quando do retorno. Já Luís, fez faculdade de gastronomia ao voltar para Goiânia, o que talvez tenha sido mais predominante para sua reinserção no mercado de trabalho nessa área.

Difícilmente uma pessoa passa pela experiência de migração sem que isso deixe algumas marcas em sua história de vida. Nesse aspecto surgiu como pertinente questionar sobre o desejo de remigrar, uma vez que o retorno pode ser uma fase de um ciclo que não se fecha (SAYAD, 2000).

Em nossa pesquisa, os resultados se mostraram bastante diversificados. Há aquelas, como Edna e Ana Maria, que têm isso como meta para um futuro próximo e já estão pensando no assunto no momento presente:

*Eu tô na espera, na expectativa. Minha filha vai fazer a prova da cidadania agora mês que vem e logo que ela pegar a cidadania ela vai fazer a aplicação pro Green Card pra nós, então eu tô esperando... meu filho quer muito estudar lá, fazer faculdade lá, nós somos evangélicos, ele tem vontade de fazer um seminário lá, e eu tenho muita vontade de voltar. Primeiramente, o que me prendia aqui, eu voltei por causa da minha mãe, como eu perdi ela agora não tem mais nada que me prenda... tem minha família, mas ai eu posso visitar. Minha filha tá lá, minhas 2 netas estão lá... então se eu não voltar eu vou perder o contato com minha filha e principalmente com minhas netas, então eu desejo todos os dias e rezo pra nos voltarmos (Edna, 54 anos, há 7 anos no Brasil).*

*Eu penso que, já que eu tenho 58 anos, existem 10 anos de qualidade de vida aí pela frente, depois disso é melhor escolher um lugar e ficar numa boa, onde tenha tudo perto, onde eu não precise depender tanto de pessoas. E esse lugar seria o Brasil? Eis a questão... eu realmente não sei. Eu sou a única do meu prédio que não tenho família, sabe? Eu estou estudando, até com certa urgência essa parte, porque se eu decidir sair do Brasil por um tempo eu quero fazer rapidamente um ninho lá fora para que me acolha na velhice. Já é uma preocupação. Aqui eu até teria isso aqui, mas é muito difícil, eu não sei se a segurança aqui te deixa possibilidade para envelhecer aqui, as condições estruturais mesmo, segurança, o INSS. Mas, emocionalmente falando, possivelmente... os vizinhos te ajudam, o porteiro... mas eu acho que o resto aqui não tá rolando. Eu tenho essa preocupação para este ano. Eu quero alugar o sítio, quero que meu amigo fique na minha casa, pague o condomínio, pra eu poder sair fora. Pra ver se ainda da tempo pra alguma coisa, estruturalmente, leva tempo de você se estruturar em qualquer lugar, mas eu já me estruturei em vários lugares, morei no oriente médio, eu sou bem versátil... (Ana Maria, 58 anos, há 14 anos no Brasil).*

Outros, apesar do desejo, têm alguns condicionantes que os fazem adiar essa remigração. Irene, por exemplo, deseja voltar para os Estados Unidos depois que seu filho tiver sua própria família e, enquanto isso, aguarda um tempo para tentar tirar o visto novamente. Já Marcela, acredita que a vida nos Estados Unidos é melhor do que no Brasil e que se tivesse oportunidade iria e levaria consigo as filhas, ainda que novamente de maneira irregular via o México.

*Eu fiquei ilegal lá. Então, eu creio que do dia que eu vim mais ou menos uns 5 anos ou mais pra eu conseguir retornar. Qualquer pessoa que fizer o que eu fiz não adianta só querer voltar, tem esse porém... [...] [daqui a 10 anos] espero que eu esteja lá, e eu não viria tão cedo [risos]. Quando o meu filho tiver a família dele, e ficar só eu, eu quero pensar mais nisso, enquanto isso vai passando esse tempo que eles exigem ne? (Irene, 50 anos, há 2 anos no Brasil).*

*se tivesse oportunidade e essa pessoa [o coio] ainda trabalhasse com isso, com certeza eu iria e inclusive levava a pequena, porque eu acho que mesmo com tudo, lá ainda é um lugar melhor pra se viver do que aqui [...] Você tem muita chance de ter uma vida melhor, lá, se você tiver força de vontade você trabalha e no final do dia você vai lá no Walmart, no supermercado, você enche o carrinho, nem sente no bolso e no outro dia tá com dinheiro de novo. Então você tem uma chance de vida melhor (Marcela, 33 anos, há 8 anos no Brasil).*

Conforme sugere Siqueira (2009), a visão positiva dos migrantes sobre os Estados Unidos está diretamente relacionada às conquistas obtidas via migração no Brasil ao retornar (SIQUEIRA, 2009, p. 121).

O relato de Luís é interessante, pois é o único dos que entrevistamos que atribui seu desejo de remigração a características de Goiânia como possíveis “fatores de expulsão”. Seus planos de remigrar consideram os Estados Unidos ou uma cidade maior, como o Rio

de Janeiro como uma possibilidade, sob a condição de ter uma certeza de que conseguiria um emprego.

*Se tivesse mesmo essa oportunidade essa certeza de que eu vou sair daqui e chegar lá com emprego fixo, moradia, por que não? Se lá é melhor no sentido da infraestrutura de morar, de lazer, lá é bem melhor, então assim, eu trocaria [...] Eu tenho projetos de no próximo ano ir pro Rio de Janeiro. Esse ano o Coco Bambu vai abrir em Miami e no Rio e minha pretensão é ir pra lá. Daqui a 10 anos eu quero estar trabalhando fora do Brasil ou pelo menos em outro estado. Tô saturado já de Goiás, de Goiânia. Sei lá, acho que aqui é meio escasso de lazer, de você sair, é bastante limitado. Assim, eu não trocaria o Rio pelos Estados Unidos, eu acho que o problema e Goiânia que tá bem limitado. Se eu pudesse ir pro sul ou outros estados eu não precisaria ir pra fora, ficaria de boa aqui (Luís, 25 anos, há 2 anos no Brasil).*

Temos também o exemplo de Marcos, que tem o desejo (talvez influenciado pelos anseios de Marcela) de voltar para passear com as filhas para que elas conheçam os Estados Unidos, mas não de morar e trabalhar novamente.

*Eu tenho, mas só pra passear. Inclusive eu tive lá em Brasília no final do ano pra tentar tirar o visto, mas eles negaram... pelo currículo meu lá, o vínculo negro... mas não quero jamais pra morar, trabalhar... eu tenho vontade de levar as minhas meninas lá pra conhecer (Marcos, 42 anos, há 7 anos no Brasil).*

Há os que desenvolveram laços familiares nos dois lugares (Estados Unidos e Brasil) e que, por isso, desejam voltar para visitar a família, é o caso de Tiago.

*Pra morar não. Aqui também tem jeito de ganhar um dinheirinho. Antes é porque você tinha o receio né, vamos supor, eu vim com 600 mil eu já dobrei o dinheiro aqui e eu tô no Brasil. Tô com essa mordomia que a gente tem, o almoço da mãe todo dia, entendeu? Agora que ficou na hora boa que e a de aproveitar, eu num troco aqui por lá não. Eu tenho que voltar lá daqui uns dias pra visitar meu sobrinho, ir pra visitar, numa formatura, essas coisas. Agora tá na hora de conhecer o Brasil [risos] (Tiago, 35 anos, há 10 anos no Brasil).*

Por fim, temos o relato de Joaquim, que parece rejeitar totalmente a possibilidade de voltar para os Estados Unidos, desconsiderando, inclusive, esse país como destino de viagem a passeio.

*Não, nunca. Nem pra passear, pra passear tem o mundo inteiro, os Estados Unidos eu já sei como é... (Joaquim, 61 anos, há 7 anos no Brasil)*

Ainda que em alguns relatos apareça essa falta de vontade de voltar a morar nos Estados Unidos, pode acontecer de, na primeira dificuldade econômica que passarem, a emigração seja novamente uma estratégia a ser considerada para recuperar o capital, conforme Siqueira (2009) revela para o caso de Governador Valadares.

## **A interface entre mobilidade geográfica e mobilidade social**

Conforme já demonstramos, o objetivo desse trabalho é o de entender como a migração influencia nas oportunidades de mobilidade dos migrantes retornados no Estado de Goiás. Isso é possível porque o projeto migratório, por vezes, se caracteriza como estratégia para se conseguir ascensão social e econômica no local de origem, ou como possibilidade de manutenção da posição social já estabelecida. Em suma, um dos fatores que motivam a emigração é a busca por essas possibilidades de melhorar de vida, caracterizando uma interface entre esses dois campos de estudo.

Quando analisamos a interface entre migração e mobilidade social é preciso ter em mente aquilo que Piore (1995) apresenta: os imigrantes internacionais, ao contrário do que se pensa, não estão vinculados às camadas mais pobres nos países de origem. Isso porque os custos para empreender a emigração para os Estados Unidos, seja para adquirir o visto de turista, seja entrando pelo México, são muito elevados.

No caso dos nossos interlocutores, todos afirmaram terem empreendido a migração com recursos próprios. Alguns venderam o carro ou outros bens, mas todos conseguiram levantar os recursos necessários para cobrir os gastos da viagem. Nesse sentido, tendo em vista que se trata de um processo dispendioso, não estamos falando de pessoas que buscam o atendimento de necessidades básicas imediatas, mas daquelas que buscavam uma melhoria da condição de vida ou a manutenção do padrão de vida (SIQUEIRA, 2009, p.76).

Talvez o caso de Marcos e Marcela seja o mais representativo, pois em busca do sonho de melhorar de vida venderam tudo o que tinham no Brasil para investir nesse empreendimento de ir para os Estados Unidos.

*Quando eu fui eu já tinha minha casa própria, eu já tinha dois comércio, como eu tenho hoje, eu já tinha carro, minha esposa tinha um carro, então eu num tinha uma vida ruim [...] Eu não cheguei lá com dívida, graças a Deus, porque a maioria dos que vão chega lá devendo o mundo e o fundo, isso ai eu não tive, ai eu mandava pra ela [mãe] ir comprando o que eu tinha perdido, eu comprei casa, apartamento, terreno, eu fui comprando... eu não comprei muita coisa, porque eu num fiz tanto dinheiro assim. Eu coloquei tudo pra jogo, as duas empresas que eu tinha, eu deixei aqui ai bagunçou meu nome tudo, só pra organizar minha vida com a receita aqui, na época eu gastei quase o que eu gastei pra ir pros Estados Unidos... então cê vê, não foi uma coisa boa que eu fiz. Eu não posso abrir minha boca e dizer que os Estados Unidos meu deu tudo... (Marcos, 42 anos, há 7 anos no Brasil).*

Conforme demonstra Siqueira (2009), também percebemos que a migração seria uma estratégia para ter acesso a bens de consumo que teriam mais dificuldade de adquirir para si e para sua família se permanecessem no Brasil. Além disso, esses bens que foram

adquiridos com o dinheiro poupado a duras penas nos Estados Unidos seria considerado pelos imigrantes uma recompensa pelas dificuldades vividas (SIQUEIRA, 2009, p.76).

*[...] Não que o que a gente tem hoje foi tudo vindo de lá, não, foi um pontapé entendeu? Porque quando a gente chegou lá a gente já num tinha mais casa, e quando a gente voltou a gente já tinha 3 carros, um lote, um apartamento, tinha um dinheiro pra trabalhar... então assim, se a gente não tivesse ido poderia sim ter o que a gente teve quando veio de lá, mas ia ser muito difícil (Marcela, 33 anos, há 8 anos no Brasil).*

Para fazermos essa análise adotaremos como critério as informações sobre *ocupação, renda e capitais acumulados* – indo além do capital econômico, mas considerando também o capital social, o domínio do idioma, as habilidades aprendidas no mercado de trabalho, etc. Assumindo, dessa forma, uma abordagem que considera todos esses tipos de capitais de maneira simultânea.

Dito isso, e tendo em vista que a mobilidade social se refere às mudanças na posição que um indivíduo ocupa numa hierarquia de um determinado sistema de estratificação social, a qual pode ser *ascendente ou descendente* – isto é, envolvendo melhora ou piora nas condições de vida, respectivamente – ou *horizontal* – implicando uma alteração que não acarreta perdas ou ganhos substanciais para o indivíduo (ALBUQUERQUE, 2008, grifos nossos), vamos analisar as mudanças ocorridas na trajetória de cada um dos interlocutores.

A tabela abaixo sintetiza a situação de cada um dos interlocutores antes e depois de migrar, a partir da escolaridade, ocupação e bens/capitais, o que nos ajuda a perceber os movimentos na estrutura social.

**Tabela 12: Movimentos na trajetória individual**

Interlocutor	Situação antes de migrar			Projeto migratório	Situação no retorno		
	Escolaridade	Ocupação	Bens		Escolaridade	Ocupação	Capitais acumulados
<b>Edna</b>	Ensino médio completo	Serviço administrativo	Casa e carro	Melhorar de vida e conhecer uma nova cultura	Ensino médio completo	Quando voltou trabalhou por conta própria. Hoje está desempregada e pretende se dedicar aos trabalhos da igreja que frequenta	Pagou dívidas; não aprendeu inglês, investiu o dinheiro poupado para abrir o seu próprio negócio
<b>Ana Maria</b>	Ensino médio completo	Não trabalhava, só	Não declarou	Estudar	Ensino Superior	Dá aulas de inglês e	Aprendeu inglês e

		estudava			Completo	trabalha como artista	espanhol. No retorno, investiu em imóveis. Retrata dificuldade na adaptação ao estilo de vida do Brasil
<b>Marcela</b>	Ensino médio incompleto	Dona de casa	Casa, carros, lojas	Melhorar de vida – acompanhar o marido	Ensino médio incompleto	Passou a trabalhar com o marido no setor do comércio	Não mudou a escolaridade, não aprendeu inglês. Recuperou os bens
<b>Marcos</b>	Ensino fundamental incompleto	Conta própria – comércio	Possuía casa, carros, lojas e trabalhava por conta própria no setor de comércio.	Melhorar de vida	Ensino fundamental incompleto	Voltou para o mesmo segmento de trabalho no setor do comércio	Não aprendeu inglês. Recuperou os bens que tinha
<b>Tiago</b>	Ensino médio completo	Trabalhava em uma oficina mecânica	Moto	Melhorar de vida	Ensino médio completo	Trabalha por conta própria comprando e vendendo casas	Não mudou a escolaridade, não aprendeu inglês. Comprou terreno e investiu na construção e venda de casas
<b>Joaquim</b>	Ensino médio completo	Situação de desemprego	Possuía um apartamento	Busca por uma nova vida	Ensino médio completo	Trabalhava na construção civil por conta própria, mas atualmente está desempregado	Mandava dinheiro para pagar a faculdade dos filhos. Viajou, conheceu e viveu a cultura nos Estados Unidos. Aprendeu inglês, apesar de não ter frequentado à escola. Não fez investimentos e nem

							acumulou patrimônio
<b>Luís</b>	Ensino médio completo	Estudante	Bem de situação	Busca por uma nova vida – acompanhando a mãe	Nível superior completo em gastronomia	Empregado no mercado de trabalho como chefe de cozinha	Não acumulou capital econômico. Aprendeu inglês, apesar de não ter frequentado a escola por muito tempo. Viajou, conheceu e viveu a cultura nos Estados Unidos
<b>Irene</b>	Ensino médio completo	Dona de casa	Bem de situação	Busca por uma nova vida	Ensino médio completo	Empregada no mercado de trabalho, fazendo serviços gerais	Não acumulou capital econômico. Viajou, conheceu e viveu a cultura nos Estados Unidos. Conquistou autonomia e independência. Não mudou a escolaridade, não aprendeu inglês

Elaboração própria

As perguntas feitas nas entrevistas nos permitiu fazer um desenho e acompanhar as mudanças ocorridas na trajetória de cada um dos participantes. Vejamos os casos de ascensão.

No caso de **Ana Maria** foi constatado a mudança ocupacional de estudante (antes de migrar) para trabalho por conta própria (no retorno). Entretanto, analisando esse dado à luz das outras questões suscitadas na entrevista, percebemos que Ana Maria não depende exclusivamente da renda obtida a partir do trabalho para sobreviver, pois tem a propriedade de um sítio e de diversos imóveis, sendo o aluguel sua principal fonte de rendimentos. Além disso, Ana Maria tem 58 anos e ficou evidente os anseios por uma diminuição de ritmo de trabalho quando retornou ao Brasil, visando ter mais tempo livre para fazer o que tiver vontade e a aposentadoria.

*Eu nunca quis trabalhar aqui no Brasil. Aliás, pra ser sincera, eu sim, trabalhei, mas tudo voluntariamente. Eu reformei um orfanato*

*aqui, artisticamente; eu construí uma escolinha de arte no sertão do Ceará, mas eu nunca trabalhei no Brasil pra ganhar dinheiro. Hoje eu dou aulas e eu cobro... e foi fácil, é só abrir a boca que todo mundo quer, aula de conversação de inglês, brasileiro gosta muito de aprender o inglês [...] agora mesmo, por exemplo, tem um trabalho na embaixada da Alemanha, mas eu não quero... eu já cheguei num ponto que eu não quero mais vender meu tempo, fazer coisas que eu não quero fazer, eu já não faço mais (Ana Maria, 58 anos, há 14 anos no Brasil).*

No que se refere à escolaridade, Ana Maria saiu do Brasil após completar o ensino médio, quando voltou tinha três cursos superiores, todos feitos nos Estados Unidos. Por fim, a partir de sua vivência de mais de 20 anos nos Estados Unidos tem alta proficiência no inglês e no espanhol. Todos os elementos nos permitem inferir uma ascensão social.

O caso de **Luís** também pode ser considerado de ascendência. No quesito escolaridade, a mudança foi do nível médio completo (antes de migrar) para ensino superior completo (retorno). No que se refere à ocupação atual, não ficou claro se o diferencial foi a migração ou o fato de Luís ter formação em gastronomia, que é um segmento específico de mão de obra. O mais importante nesse caso é que a experiência que teve trabalhando em restaurantes nos Estados Unidos o motivou a se formar em gastronomia. De toda forma, há uma ascendência, já que antes de migrar Luís era estudante e hoje está empregado no mercado de trabalho formal como chefe de cozinha. Um dos aspectos mais valorizados por ele foi a melhora nas condições de trabalho atuais – ter carteira assinada, horário e salário fixo etc.

*Eu acho que hoje eu tô mais tranquilo do que lá, sabe porque? Aqui eu tenho um salario fixo e lá não. Tinha mês que eu ganhava bem, mas tinha meses que não. Então assim, essa incerteza eu nunca achei bacana não. Aqui a gente tem um horário específico e lá sempre extrapolava, porque lá a gente ganhava por hora, então se você não trabalhar você não ganha (Luís, 25 anos, há 2 anos no Brasil).*

**Irene** também pode ser incluída nessa categoria de ascensão. Apesar de não ter alterado a escolaridade, percebemos uma melhora na ocupação, pois antes era dona de casa e atualmente é funcionária de uma empresa prestando serviços gerais. Entretanto, mais do que capital econômico (que não acumulou) o “recurso” mais importante obtido via a migração, talvez, tenha sido a conquista de autonomia e o empoderamento.

*antes meu esposo que mantinha a casa, então, eu era neutra em relação a renda dele, eu sabia mais dos gastos... hoje eu sei dominar bem o que eu ganho, tenho uma renda da pensão, do salário e do aluguel da casa, então eu administro bem [risos] sei de tudo, cuido de tudo (Irene, 50 anos, há 2 anos no Brasil).*

Esse trabalho, mais do que o recurso financeiro, representa para ela autonomia, ser dona do próprio dinheiro, controlar as finanças da casa, etc. Dessa forma, é motivo de orgulho, além de ser uma atividade importante evitar crises psicológicas.

**Thiago** também apresenta uma mobilidade ascendente, pois saiu da condição de empregado em oficina mecânica para trabalhador autônomo. Não mudou a escolaridade, não aprendeu inglês, mas conseguiu acumular dinheiro o suficiente para iniciar o próprio negócio de compra de terrenos, construção e venda de casas. Outro aspecto relevante é que a expertise e técnicas de construção civil aprendidas nos Estados Unidos são aplicadas nas casas que constrói no Brasil. Além disso, ressalta que a partir da sua migração, o pai e o irmão também migraram e isso mudou a vida de toda a família para melhor.

*construindo e guardando, eu devo ter 1 e 200 mais uns lotes. Então melhorou muito pra nós. E melhorou pra gente, melhorou pra nós tudo [...] fez a diferença na minha vida e na vida da minha família. Minha mãe já viajou mais de 8 vezes pros Estados Unidos, minha irmã conheceu a Disney, então assim conheceu ne? Viagens, esses negócios, melhorou pra todo mundo (Tiago, 35 anos, há 10 anos no Brasil).*

O caso dos nossos interlocutores podem ser entendidos a partir do conceito de *mobilidade intrageracional ou de carreira* refere-se à mobilidade experimentada pelo indivíduo durante seu ciclo de vida de trabalho (SCALON, 1999). Ainda assim, percebemos que a migração pode ser um instrumento fundamental para aumentar as capacidades das pessoas para melhorar seus meios de vida e contribuir para o crescimento econômico e para a mudança social, sendo que os benefícios podem também afetar aos não migrantes (DE HAAS, 2009).

Por outro lado, há os casos de movimentos de curto-alcance, o que podemos considerar uma mobilidade horizontal, ou seja, não acarretaram perdas ou ganhos substanciais para o indivíduo. **Marcos** e **Marcela** podem representar bem essa situação, tendo em vista que o capital econômico acumulado nos Estados Unidos, segundo eles, teria sido utilizado para recuperar o dinheiro investido para emigrar.

*Eu pensava bem maior. Imagina comigo, você pegar 100 mil reais há dez anos atrás e investir ele aqui, pra você ficar 3 anos e pegar simplesmente os seus 100 mil, então não foi o que eu imaginei [...] hoje tá bem melhor, não porque eu fui pros Estados Unidos, mas porque eu voltei. Eu tô te falando a pior besteira que eu fiz foi ter ido. Porque depois que eu voltei, vamos falar financeiramente, se eu voltei com X, eu voltei e trabalhei tanto que hoje eu tenho 5X, entendeu? Então o meu suor aqui valeu mais do que lá (Marcos, 42 anos, há 7 anos no Brasil).*

Além disso, não houve mudança nos níveis de escolaridade e mantiveram a ocupação no mercado de trabalho – conta própria, com lojas de autopeças – e não aprenderam o inglês. No caso de Marcela, talvez tenha havido um movimento ascendente, no sentido de que ela deixou de ser dona de casa e passou a trabalhar com o marido nos negócios da família. A isso podemos inferir que talvez seja influência de ter trabalhado na faxina nos Estados Unidos.

**Joaquim**, também pode ser enquadrado nessa categoria de movimentos horizontais, pois antes de migrar estava desempregado e no momento também está, apesar de, até

recentemente, ter atuado por conta própria no ramo da construção civil (o mesmo que fazia nos Estados Unidos). Não mudou a escolaridade, mas afirma ter aprendido o inglês, apesar de não ter frequentado a escola. E no quesito de bens e capitais acumulados, afirmou não ter poupado e nem ter realizado investimentos no Brasil, porém ressalta o que adquiriu culturalmente.

*Eu consegui dar independência pros meus filhos, mas eu mesmo não fiquei numa situação boa. Eu não consegui minha independência financeira, eu dependo de trabalho. Não tenho como me aposentar [...] se eu tivesse aqui eu hoje estaria aposentado. Mas eu não troco a minha história, o que eu tenho adquirido culturalmente vale mais que isso (Joaquim, 61 anos, há 7 anos no Brasil).*

Para superar a situação de desemprego, Joaquim está empenhado em um novo projeto que tem por objetivo vender peças e acessórios para profissionais da construção civil. Essa ideia é totalmente relacionada com sua experiência de trabalho nos Estados Unidos, é uma forma de capital acumulado, ainda que não se tenha certeza dos retornos financeiros que isso pode render.

Por fim, o caso de **Edna** pode ser percebido como movimento descendente, pois antes de sair do Brasil estava empregada no setor de serviço administrativo e, atualmente, está desempregada. No retorno não conseguiu voltar para o seu antigo emprego e passou a trabalhar por conta própria, abrindo uma unidade de uma franquia de perfumes nacionais com os recursos obtidos nos Estados Unidos. Acredita que em termos financeiros não houve mudanças, mas valoriza a experiência e a realização do sonho.

*Em questão financeira ficou elas por elas, agora se eu não tivesse ido eu acho que eu ia me cobrar. Eu fui, vi que é bom, mas não é muito fácil, porque lá você gasta muito, como viver aqui também é caro pra viver bem, mas era um sonho e eu realizei esse sonho e não me arrependo (Edna, 54 anos, há 7 anos no Brasil).*

Por motivos familiares (falecimento da mãe) vendeu a loja e depois disso não voltou a trabalhar. No momento não se sente preparada para voltar a trabalhar, o que está relacionado ao luto pela perda da mãe, mas também podemos inferir que seja em virtude das dificuldades que apontou para a volta ao mercado de trabalho. Por fim, outro fator importante é o forte desejo de remigrar.

*Hoje eu não trabalho mais, porque minha mãe ficou doente e quando eu voltei de lá eu comprei uma loja, depois de um ano mais ou menos que eu tava aqui parada. Ai comprei uma loja Água de Cheiro. Ai devido a doença da minha mãe eu tive que parar de trabalhar, e ai eu fiquei cuidando dela por mais ou menos 1 ano e meio. Tem sete meses que eu a perdi e eu ainda não voltei a trabalhar, não me sinto muito bem pra voltar a trabalhar não (Edna, 54 anos, há 7 anos no Brasil).*

Dito isso, a situação de mobilidade descendente que se verifica nos parece mais uma opção do que uma situação estabelecida.

A título de síntese, a mobilidade social pode ser entendida a partir da combinação de recursos individuais e estruturais (Pastore, 1979). Assim, a depender das circunstâncias, a mobilidade humana pode gerar efeitos positivos, menos positivos ou até negativos para o processo geral de desenvolvimento, uma vez que sob condições desfavoráveis, pode reverter-se numa diminuição das capacidades das pessoas (de HAAS, 2009).

### **Melhor do que antes? A avaliação e percepção pessoal sobre o projeto migratório e o retorno**

Na tentativa de reconhecer a importância de valores subjetivos na análise de mobilidade social, de forma a complementar, entendemos ser importante considerar como os migrantes de retorno avaliam e percebem o projeto migratório e sua volta ao local de origem.

Para analisar as respostas que obtivemos sobre a avaliação do projeto migratório partimos da premissa de que o retorno se dá de modo diferenciado para cada pessoa (SIQUEIRA, 2009, p. 137), a depender do contexto da tomada de decisão de cada um e da preparação do retorno (CASSARINO, 2004), o que inclui a manutenção de laços e vínculos com a origem e do acúmulo de capital social, entre outros. Por essa razão optamos por finalizar a entrevista perguntando: *Como você acha que estaria sua vida hoje se você não tivesse migrado?*

No nosso caso, optamos por evitar analisar o projeto migratório em termos de *sucesso ou fracasso* e ter o entendimento de que a remigração seria uma possível evidência de que os planos de migração e de retorno foram mal-sucedidos (SIQUEIRA, 2009). Isso porque entendemos que a noção de “sucesso” ou “insucesso” deve ser relativizada e não deve ser entendida apenas a partir de parâmetros econômicos. As circunstâncias, tais como o projeto inicial de migração para os Estados Unidos, a vivência e a inserção laboral e social na sociedade de destino, possibilitam angariar diferentes formas de capital e isso vai ser determinante para a percepção sobre o retorno e a avaliação como um todo pelos migrantes. Nesse sentido, as diferentes avaliações podem valorizar recursos diferentes e, talvez, corresponder ao alcance do projeto migratório inicial. Vejamos.

**Thiago** avalia como positiva a experiência de migração, valorizando principalmente o impacto que o *capital econômico* trouxe não somente para sua vida, mas para toda sua família. Além disso, destaca que a experiência de trabalho aperfeiçoada nos Estados Unidos seria um diferencial nas casas que constrói e vende atualmente, o que podemos considerar como um tipo de habilidade aprendida e, em última instância, um tipo de capital que também foi acumulado durante a migração. Essa avaliação positiva é reforçada quando relembramos que Thiago afirmou não ter desejo de remigrar, pois no Brasil também seria possível ganhar

dinheiro. Nesse sentido, podemos inferir que o projeto migratório estabelecido inicialmente foi cumprido e o ciclo da migração, a princípio, teria se encerrado.

*Se eu tivesse aqui eu ia ter o que? Meus amigos, os que tem faculdade, ai esses vivem bem, ganha 10, 15 mil, mas eles num juntam, num tem, tipo assim, um patrimônio. Meu irmão hoje deve ter uns 2 milhão em casa, construindo e guardando, eu devo ter 1 e 200 mais uns lotes. Então melhorou muito pra nós. E melhorou pra gente, melhorou pra nós tudo. Meu pai foi lá ficou 2 anos, melhorou pra ele também [...] eu ter ido pra lá, fez a diferença na minha vida e na vida da minha família. Minha mãe já viajou mais de 8 vezes pros Estados Unidos, minha irmã conheceu a Disney, então assim conheceu né? Viagens, esses negócios, melhorou pra todo mundo (Tiago, 35 anos, há 10 anos no Brasil).*

*Eu ajudo meu pai a construir casa desde que eu tinha 6 anos de idade, então nois sempre mexia com isso [...] trabalhando lá, isso aqui ó, o modelinho dos States eu trouxe tudo pra cá, o banheiro, com banheira dentro do chuveirinho, isso ai eu trouxe tudo. Isso ai foi um amadurecimento profissional no caso. Foi bom eu trouxe tudo que eu aprendi fazendo lá [...] Esse negócio do rodapé ai eu trouxe de lá, quando eu cheguei aqui já comecei a usar esse modelo e meu pai falava 'você é louco? Num tem jeito não' e eu falava 'tem pai'. 15 dias depois veio a minha irmã com uma revista, minha irmã faz arquitetura, ai mostrou pro meu pai que era aquele modelo lá que o povo tava usando. [...] Eu coloco a mão na massa. Essas pedras, esse piso, as janelas e portas de vidro foi tudo que instalei, as pias de mármore... eu fazia lá pros outros num vou fazer pra mim? O que quebrou a maioria dos outros que eu conheço que veio dos Estados Unidos foi o seguinte, nego lá limpava 3, 4 casas por dia, limpava pros gringos, ai chega aqui quer 3, 4 empregadas também [risos]. Uai assim num da né? O povo chega aqui e fala 'aqui nois é patrão', tá certo, é patrão, mas não pode esquecer do tanto que foi difícil... (Tiago, 35 anos, há 10 anos no Brasil).*

Por outro lado, ainda que a experiência no mercado de trabalho secundário nos Estados Unidos possibilite angariar o capital inicial para o investimento, pode distanciar o migrante da realidade da economia brasileira e ser uma dificuldade quando do retorno.

O caso de **Joaquim** evidencia que, o tempo fora do Brasil, por um lado, lhe permitiu bancar os estudos dos filhos e dar uma vida melhor para eles, mas não foi suficiente para acumular capital econômico para garantir sua própria independência financeira. Por outro lado, ele trouxe *habilidades e conhecimentos* que o ajudaram a se reinserir no mercado de trabalho. Depois que sofreu um infarto e não pode mais fazer os esforços físicos que o trabalho na construção civil exige, está investindo em um novo projeto, no qual irá produzir peças para profissionais dessa área, as quais ele teve contato nos Estados Unidos.

*Eu perdi um pouco de tempo. Eu me desconectei daqui. Se eu ficasse aqui eu conseguiria tocar outro projeto, pra que eu estivesse hoje financeiramente melhor. Eu sempre consegui. Porque eu não construí, esse tempo que eu fiquei fora foi como se fosse um branco. Mas eu não me arrependo. Foi assim que eu fiz, e fiz porque quis [...] Eu consegui dar independência pros meus filhos, mas eu mesmo não fiquei numa situação boa. Eu não*

*consegui minha independência financeira, eu dependo de trabalho. Não tenho como me aposentar. Isso foi uma coisa ruim, que tem que ser analisada quando você mora fora. Eu abandonei o projeto de Brasil. Se eu tivesse aqui eu hoje estaria aposentado. Mas eu não troco a minha história, o que eu tenho adquirido culturalmente vale mais que isso [...]Eu acho que eu estaria melhor, eu perdi um pouco de tempo. Eu me desconectei daqui. Se eu ficasse aqui eu conseguiria tocar outro projeto, pra que eu estivesse hoje financeiramente melhor. Eu sempre consegui. Porque eu não construí, esse tempo que eu fiquei fora foi como se fosse um branco. Mas eu não me arrependo. Foi assim que eu fiz, e fiz porque quis (Joaquim, 61 anos, há 7 anos no Brasil)*

*[...] Eu nesse momento, depois que eu parei de trabalhar dessa forma, eu falei que eu preciso continuar produzindo... apesar de não poder fazer esforço eu posso usar a cabeça. E ontem eu estava com uma amigo, e nos estávamos fechando um negócio novo. E nos vamos fabricar algumas coisas que não existem aqui e que já é comum lá. Eu trouxe de experiência de trabalhar com essas coisas e que aqui não tem. Aqui no Brasil o pessoal que trabalha na construção não tem poder aquisitivo, não tem equipamento, hoje eles tem acesso a muita coisa. Hoje começou a ser um pouco mais profissional e eles já tem condições de se equipar e ninguém pensou que isso seria um nicho de mercado e não tem produtos pra esse trabalhador específico. Aqui no Brasil ainda se usa pedaço de chinela havaiana pra limpar os rejuntas. Só nesse exemplo tem 3 produtos que eu posso vender... são coisas simples que fazem toda a diferença... a ideia é fazer em um preço acessível pra todo mundo poder comprar. A ideia é montar um kit de 3 ferramentas, fabricar aqui, na casa dele mesmo [...] A remuneração aqui não é a mesma coisa, não valoriza, sabe? Você pensa assim 'um bosta, que num sabe nem falar direito, ganha 80 reais em 5 minutos, e eu que sou formado...' mas você na vê que o cara as vezes fica uma semana sem trabalhar, enfim... o conhecimento dele tem que ser respeitado, e a gente não faz isso no Brasil (Joaquim, 61 anos, há 7 anos no Brasil)*

Ainda que o capital econômico não tenha correspondido às expectativas do migrante, os outros capitais acumulados a partir da experiência da migração também são reconhecidos e valorizados por ele.

*eu acho que eu não teria feito o que eu fiz se eu não tivesse saído do Brasil. Foi o que me fez crescer. É tanto que hoje eu sinto que se eu não sair rapidamente daqui eu vou me atrofiando... e ai eu vou... a cada dois anos eu volto lá... (Ana Maria, 58 anos, há 14 anos no Brasil).*

*Eu acho que hoje eu tô mais tranquilo do que lá, sabe porque? Aqui eu tenho um salário fixo e lá não. Tinha mês que eu ganhava bem, mas tinha meses que não. Então assim, essa incerteza eu nunca achei bacana. Aqui a gente tem um horário específico e lá sempre extrapolava, porque lá a gente ganhava por hora, então se você não trabalhar você não ganha. Então, quanto mais eu trabalhava lá mais eu ganhava e eu tentava aproveitar isso [...] Eu acho que o trabalho que eu fiz lá na cozinha, me ajudou. Eu sempre tive facilidade com comida, eu vi que isso era um dom mesmo que eu tinha. Então eu fiz um curso e tal e hoje eu tô de boa. [...] Uma coisa assim que eu sempre penso, é que uma vez o carro quebrou*

*assim no meio do nada e eu não tinha pra quem ligar, sabe? Nesse sentido, você aprende a virar um pouco homem, sabe? Você aprende a se virar. Acho que foi esse amadurecimento, sabe? Realmente você chega lá você passa por umas coisas assim que você amadurece de outro jeito [...] eu acho que acrescentou bastante ter ido pra mim sabe? A experiência que eu tive, pra minha personalidade, eu vivi coisas bem legais lá, eu acho que eu tenho algo a mais do que as pessoas que nunca saíram daqui. Valeu de mais, ter passado por tudo que eu passei lá, faria de novo, tranquilo (Luís, 25 anos, há 2 anos no Brasil).*

Para **Edna** a migração foi a realização de um sonho e para **Irene** a chance de um novo recomeço.

*se eu não tivesse ido, dentro desses quatro anos e meio eu não teria tão bem quanto eu voltei, psicologicamente [...] eu confesso que eu creio que psicologicamente eu não estaria bem. Porque lá me fez me sentir eu, uma pessoa independente... (Irene, 50 anos, há 2 anos no Brasil).*

*eu acho que em questão financeira eu estaria como eu estou hoje, mas ai eu teria frustrado um sonho que tinha dentro de mim de ir pros Estados Unidos. Em questão financeira ficou elas por elas, agora se eu não tivesse ido eu acho que eu ia me cobrar. Eu fui, vi que é bom, mas não é muito fácil, porque lá você gasta muito, como viver aqui também é caro pra viver bem, mas era um sonho e eu realizei esse sonho e não me arrependo (Edna, 54 anos, há 7 anos no Brasil).*

O caso de **Marcos**, marcado por três tentativas de entrar nos Estados Unidos e duas deportações, fez com que o projeto migratório fosse o de recuperar aquilo que tinha sido utilizado como recurso para cobrir os custos da travessia dele e da esposa **Marcela** pelo México. De fato, ele conseguiu recuperar todo o capital econômico e até acumular um pouco mais, mas foi uma experiência avaliada negativamente, ainda que de forma implícita. Como afirma Sayad (1998), é muito difícil para o imigrante retornado assumir que todo o preço (financeiro e afetivo) que pagou pelo projeto não valeu a pena.

*Eu tava muito bem. Eu acho que se eu tivesse ficado aqui eu tinha ficado melhor. Eu perdi muito tempo, querendo ou não bagunça até a cabeça da gente, porque você coloca um trem na cabeça e acontece de outra forma. Então eu perdi muito tempo [...] Eu acho que talvez ia tá igual tá ne? Vamo por assim. Eu não sei o que que ia acontecer, mas na época eu era mais novo e mais novo a gente não pensa muito, até porque se eu tivesse pensado eu tinha ficado quieto (Marcos, 42 anos, há 7 anos no Brasil).*

*Depois que eu voltei eu nem conversar dos estados unidos eu gosto. Eu conversei com você porque você tava precisando. Quando me perguntam eu nem gosto de falar, pra num incentivar ninguém também. Porque é uma coisa errada e eu não quero incentivar ninguém ao erro. E hoje eu tenho essa mentalidade... (Marcos, 42 anos, há 7 anos no Brasil).*

Estar atento às percepções que os migrantes têm acerca do próprio projeto migratório nos ajuda a compreender que cada trajetória é única e assumirá diferentes significados para cada um. Ainda que prevaleça o consenso de que as pessoas emigram em busca de melhores condições de vida, é possível inferir das análises apresentadas que há diferentes formas de se definir essa “*vida melhor*”. Para uns isso é alcançado a partir do acúmulo de capital econômico e a possibilidade de investir e comprar bens e imóveis quando do retorno. Mas, para outros, a experiência vivida e as vivências de uma nova cultura em um país diferente pode assumir um valor imensurável.

## CONCLUSÃO

Este trabalho teve por objetivo analisar o impacto da migração internacional sobre a trajetória ascendente ou descendente na escala social dos migrantes do Estado de Goiás/GO que viveram uma experiência de migração nos Estados Unidos e que voltaram para o local de origem.

A escolha do fluxo Goiás – Estados Unidos – Goiás se deve ao fato da relevância que os fluxos de retorno têm apresentado, especialmente, a partir de 2007, com a crise econômica que atingiu Estados Unidos, Japão e países da Europa. Além disso, normalmente, quando se estuda a presença dos brasileiros nos Estados Unidos se aborda o fluxo proveniente de Governador Valadares/Minas Gerais ou do Paraná (FRANGELLA, 2014), ao evidenciarmos a realidade migratória em Anápolis e Goiânia fizemos a tentativa de chamar atenção para a relevância que o Estado de Goiás assume no tema migratório, tanto como localidade de origem quanto de destino para migrantes.

A partir dos dados secundários analisados conseguimos delimitar o perfil do migrante retornado que teve os Estados Unidos como último país de residência (geral): predomínio de homens, de idade entre 25 e 39 anos, cujo nível de instrução varia entre o ensino médio completo ao nível superior completo. São pessoas economicamente ativas, ocupadas e inseridas, predominantemente, nos grupos ocupacionais de profissionais das ciências e intelectuais, diretores e gerentes e trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados, o que lhe concede como rendimento entre 5 e 10 salários mínimos.

Além disso, chegamos ao perfil do migrante retornado no Estado de Goiás (específico): trata-se de um fluxo recente, no qual a maioria dos retornados reside nas cidades de Goiânia, Aparecida de Goiânia ou Anápolis e teve os Estados Unidos, Espanha ou Portugal como último país de residência. Os dados relevaram que os migrantes retornados apresentam melhores condições do que os outros habitantes do Estado nos critérios de: *acesso a serviços* (esgoto e saneamento básico), *ocupação do domicílio*, *educação*, *salário* e no *tipo de atividade produtiva* desempenhada.

As informações recolhidas a partir das entrevistas nos permitiu estabelecer categorias de análise, as quais nos permitiram concluir que:

- 1) o retorno é um componente importante do *projeto migratório*, uma vez que constrói o elo entre o local de destino e o de origem, marca a vivência do migrante no local de destino e acompanha o migrante durante toda a trajetória de migração. Dessa forma, podemos falar em um *projeto de retorno*, o qual é elaborado e reelaborado, coletivamente, a partir das circunstâncias do local de destino e de origem com o núcleo familiar do migrante, não estando condicionado apenas ao alcance de metas econômicas estabelecidas;
- 2) As *redes sociais* e migratórias se confirmaram nessa pesquisa como um arcabouço substantivo para explicar a emigração em Goiás (DIAS; OLIVEIRA, 2014). Por outro

lado, a influência que essas redes têm no processo do retorno permanece como uma assertiva a ser melhor investigada.

- 3) A *inserção social no local de destino* também se mostrou relevante para analisar o retorno, uma vez que evidenciou como a inserção no mercado de trabalho, a questão da documentação e a vivência nos Estados Unidos influenciaram na construção e reconstrução dos projetos de retorno. Além disso, a forma como esse retorno é *preparado* enquanto o migrante está no local de destino – realização de investimentos, troca de informações sobre as condições do local de origem – se revelou como um importante fator para a reinserção quando do retorno, especialmente no mercado de trabalho.
- 4) No que se refere ao *Retorno*, analisamos os aspectos de: adaptação, as dificuldades de reinserção no local de origem e a possibilidade de remigração. As principais dificuldades apontadas no retorno para Anápolis e Goiânia foram: as diferenças no poder de consumo, a adaptação dos filhos na escola, a adaptação ao estilo de vida do Brasil, a volta ao mercado de trabalho para aqueles que não tinham o objetivo de trabalhar por conta própria. Para aqueles que voltaram para trabalhar por conta própria o dinheiro trazido dos Estados Unidos foi fundamental.

Tais categorias de análise nos ajudaram a entender a relação entre migração e mobilidade social a partir do enfoque do retorno e a testar a hipótese de que o capital econômico, social e humano acumulado durante a experiência migratória seria ou não suficiente para favorecer a reentrada do migrante no mercado de trabalho ou na abertura de seu próprio negócio na sociedade de origem. Em outras palavras, a verificar se a almejada melhor condição de vida (ou mobilidade social) foi alcançada pelo migrante retornado.

Quando analisamos a interface entre migração e mobilidade social é preciso ter em mente aquilo que Piore (1995) apresenta: os migrantes internacionais não estão vinculados às camadas mais pobres nos países de origem. Isso porque os custos para empreender a emigração para os Estados Unidos, seja para adquirir o visto de turista, seja entrando pelo México, são muito elevados. Nesse sentido, trata-se de um grupo com maiores condições de se movimentarem na escala social.

No caso da nossa análise, adotamos como critério as informações sobre *ocupação, renda e capitais acumulados* – indo além do capital econômico, mas considerando também o capital social, o domínio do idioma, as habilidades aprendidas no mercado de trabalho, etc. Assumindo, dessa forma, uma abordagem que considera todos esses tipos de capitais de maneira simultânea. Na tentativa de reconhecer a importância de valores subjetivos na análise de mobilidade social, de forma a complementar, consideramos também como os migrantes de retorno avaliam e percebem o projeto migratório e sua volta ao local de origem.

Percebemos que a migração pode ser um instrumento fundamental para aumentar as capacidades das pessoas para melhorar seus meios de vida e contribuir para o

crescimento econômico e para a mudança social, sendo que os benefícios podem também afetar aos não migrantes (DE HAAS, 2009).

Tendo em vista que a mobilidade social se refere às mudanças na posição que um indivíduo ocupa numa hierarquia de um determinado sistema de estratificação social, o que se dá a partir de movimentos verticais – *ascendente ou descendente* – ou *horizontais*, identificamos casos de mobilidade ascendente, descendente e horizontal. Isso nos leva a confirmar a premissa de que a mobilidade social é dada a partir da combinação de recursos individuais e estruturais (Pastore, 1979). Em suma, dependendo das circunstâncias, a mobilidade humana pode gerar efeitos positivos, menos positivos ou até negativos para o processo geral de desenvolvimento (de HAAS, 2009).

De forma complementar, observando as percepções que os migrantes têm acerca do próprio projeto migratório nos ajudou a compreender que cada trajetória é única e assumirá diferentes significados para cada um. Ainda que prevaleça o consenso de que as pessoas emigram em busca de melhores condições de vida, é possível inferir das análises apresentadas que há diferentes formas de se definir essa “*vida melhor*”. Para uns isso é alcançado a partir do acúmulo de capital econômico e a possibilidade de investir e comprar bens e imóveis quando do retorno. Mas, para outros, a experiência vivida e as vivências de uma nova cultura em um país diferente pode assumir um valor imensurável. Dessa forma, se tornou bastante produtivo aliar aos critérios de análise de mobilidade social (ocupação, escolaridade e acúmulo de capitais) com esses elementos subjetivos.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Rosana de Lemos. **Associativismo, capital social e mobilidade: contributos para o estudo da participação associativa de descendentes de imigrantes africanos lusófonos em Portugal**. Tese de Doutoramento defendida no Departamento de Sociologia da Universidade Aberta de Lisboa, 2008.

Disponível em:

[https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1271/1/TD\\_Rosana%20Albuquerque.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1271/1/TD_Rosana%20Albuquerque.pdf)

Acesso em: 14/03/2015

ANDRADE, Flávia Cristina Drummond; RODRIGUES, Roberto Nascimento. **Mobilidade social na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, X, vol.1. Caxambu, 1995. Belo Horizonte, ABEP, pp. 407-436.

Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1996/T96V1A21.pdf>

Acesso em: 03/06/2011

ARANGO, Joaquín. **Enfoques conceptuales y teóricos para explicar la migración**. In: Revista Internacional de Ciencias Sociales, 2000. p 33-47.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar aqui..., estar lá...: uma cartografia da emigração valadarense para os EUA**. In: REIS, Rosana R.; SALES, Teresa. Cenas do Brasil migrante. São Paulo: Boitempo, 1999; p. 125-167.

\_\_\_\_\_. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**

\_\_\_\_\_. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. 348 p.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SASAKI, Elisa Massae. **Teorias das migrações internacionais**. In: XII Encontro Nacional da ABEP 2000 – A migração internacional no final do século.

Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16\\_2.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf)

Acesso em: 13/10/2009.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. **Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos**. In: REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília - nº 32 (2009); p. 25-46.

BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO. **Remittances to Latin America and the Caribbean in 2013: still below pre-crisis levels 2013**.

Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/trabalho-emprededorismo-retorno-remessas/remessas/eng-remittances-2013-web.pdf>

Acesso em: 02/04/2015

BOTEGA, Tuíla. **Migração de retorno e mobilidade social**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação), Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2011.

Disponível em: [http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/2103/1/2011\\_TuilaBotegaCruz.pdf](http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/2103/1/2011_TuilaBotegaCruz.pdf)

BOTEGA, Tuíla; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu (Orgs.). **Migrações Internacionais de Retorno no Brasil**. Brasília: Relatório, 2015

Disponível em:

[file:///Users/tuilabotega/Downloads/Relat%C3%B3rio%20sobre%20o%20Retorno%20de%20Brasileiros%20\(1\).pdf](file:///Users/tuilabotega/Downloads/Relat%C3%B3rio%20sobre%20o%20Retorno%20de%20Brasileiros%20(1).pdf)

CASSARINO, Jean-Pierre. **Theorising Return Migration: the Conceptual Approach to Return Migrants Revisited**. In: IJMS: International Journal on Multicultural Societies, vol. 6, no.2; p. 253-279, UNESCO, 2004.

Disponível em: [www.unesco.org/shs/ijms/vol6/issue2/art4](http://www.unesco.org/shs/ijms/vol6/issue2/art4)

Acesso em: 11/11/2013

\_\_\_\_\_. **Políticas de inmigración y políticas de desarrollo entender los vínculos entre migración de retorno y desarrollo.** Barcelona; p. 63-88, 2007.

CAVALCANTI, Leonardo; BOGGIO, Karina. **Una presença ausente em espaços transnacionais. Um análise a partir do cotidiano de uruguayos y brasileiros em Espanha.** Actas del IV congresso inmigración en Espanha, Girona, 2004.

CAVALCANTI, Leonardo; PARELLA, Sònia. **El retorno desde una perspectiva transnacional.** *In:* REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, n. 41, p. 9-20, jul./dez. 2013.

CHIDIAC, Elie. **Migrações e relações internacionais: Entrevista a Elie Chidiac, secretário de assuntos internacionais do governo do Estado de Goiás.** *In:* Revista UFG/ Julho/ Ano XIII nº 10, 2011.

Disponível em: [http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/Revista%20UFG%20Julho%20-%202011/arquivos\\_pdf/migracoes\\_relacoes\\_internacionais.pdf](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/Revista%20UFG%20Julho%20-%202011/arquivos_pdf/migracoes_relacoes_internacionais.pdf)

Acesso em: 15/01/2015

\_\_\_\_\_. **Políticas Públicas de Goiás aos Emigrantes Goianos no Exterior: assistência consular e combate ao tráfico de pessoas.** *In:* DIAS, Luciana de Oliveira; LUCENA, Andréa Freire (orgs.) Migrações internacionais e políticas públicas: goianos/as no mundo – 1o ed. – Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014.

CORNELIUS, Wayne A. **Interviewing undocumented immigrants: methodological reflections based on field-work in Mexico and the U.S.** *In:* International Migration Review, Los Angeles, n. 16; p. 378-411, 1982.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2010. 3 ed.

CSEM – CENTRO SCALABRINIANO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS. **Breve Glossário sobre Migração e Pastoral.**

Disponível em: <http://www.csem.org.br/images/downloads/2011/09/Verbetes-2011-Correc%CC%A7a%CC%83o-Port-CSEM-21.pdf>

Acesso em: 08/10/2012.

DE HAAS, Hein. **Mobility and Human Development.** *In:* International Migration Institute (IMI), Oxford University. Human Development Reports Research Paper 2009/1

Disponível em: <http://mpr.ub.uni-muenchen.de/19176/>

Acesso em: 15/12/2014.

DIAS, Luciana de Oliveira. **Goianos(as) no Mundo: um diagnóstico dos processos migratórios internacionais.** *In:* 37º Encontro Anual da ANPOCS, ST 31: Migrações, trabalho e capitais. Águas de Lindóia – São Paulo/SP. 2013

Disponível em:

[http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=8622&Itemid=429](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8622&Itemid=429)

Acesso em: consultado em 05/11/2014

DIAS, Luciana de Oliveira; MONSUETO, Sandro Eduardo; CARRIJO, Bárbara Christina Pereira de Silva. **Emigração Internacional Goiana: um exercício analítico a partir dos dados do Censo Demográfico de 2010.** *In:* DIAS, Luciana de Oliveira; LUCENA, Andréa Freire (orgs.) Migrações internacionais e políticas públicas: goianos/as no mundo – 1o ed. – Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014.

DIAS, Luciana de Oliveira; OLIVEIRA, Bruno Pereira. **Redes Sociais e Migratórias: Goiás no cenário das migrações internacionais.** *In:* DIAS, Luciana de Oliveira; LUCENA, Andréa

Freire (orgs.) Migrações internacionais e políticas públicas: goianos/as no mundo /. – 1o ed. – Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014.

DURAND, Jorge. **Los inmigrantes también emigran: la migración de retorno como corolário del processo.** In: REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Brasília, Ano XIV, n. 26 e 27, p. 167-189; 2006.

FERNANDES, Duval Magalhães; CASTRO, Maria da Consolação G. **Migração e crise: o retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal.** In: REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 99-116; jul./dez. 2013

FERNANDES, Duval Magalhães; KNUP, Silvana Pena. **Should I stay or should I go? A dúvida da permanência ou retorno: imigrantes brasileiros no estado de Massachusetts.** In: XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Belo Horizonte. 2012.  
Disponível em: [http://174.121.79.98/~naotembr/anais/files/POSTER\[410\]ABEP2012.pdf](http://174.121.79.98/~naotembr/anais/files/POSTER[410]ABEP2012.pdf)  
Acesso em: 12/12/2013

FRANGELLA, Simone. **O tênue equilíbrio no movimento: a vicinalidade na migração transnacional.** In: Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2014, v. 57 n° 1.  
Disponível em: [http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/89109/pdf\\_25](http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/89109/pdf_25)  
Consultado em: 05/02/2015

FUSCO, Wilson. **Redes sociais nas migrações entre governador Valadares e os Estados Unidos.** In: Migrações Internacionais – contribuições para políticas; p. 427-445. Brasília: CNPD, 2001;

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 5 ed., 2001.

HIRANO, Fábio Yoiti. **O caminho para casa: O retorno dos Decasséguis.** Rio de Janeiro, 2005.  
Disponível em:  
<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/4EncNacSobreMigracao/ST1-2.pdf>  
Acesso em: 01/06/2011

IBGE, Censo Demográfico. **Censo demográfico 2010: Nupcialidade, fecundidade e migração: resultados da amostra.** Rio de Janeiro, 2010.  
Disponível em:  
[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd\\_2010\\_nupcialidade\\_fecundidade\\_migracao\\_amostra.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd_2010_nupcialidade_fecundidade_migracao_amostra.pdf)  
Acesso em: 25/03/2014

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico 2010: Características da população e dos domicílios: resultados do universo.** Rio de Janeiro, 2011.  
Disponível em:  
[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd\\_2010\\_caracteristicas\\_populacao\\_d\\_omicilios.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_d_omicilios.pdf)  
Acesso em: 14/02/2014

INSTITUTO MAURO BORGES DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS DA SECRETARIA DE ESTADO DE GESTÃO E PLANEJAMENTO DO ESTADO DE GOIÁS – SEGPLAN/GO (2014). **Panorama da Migração em Goiás.**  
Disponível em:  
[http://www.seplan.go.gov.br/sepin/down/panorama\\_da\\_migracao\\_em\\_goiias.pdf](http://www.seplan.go.gov.br/sepin/down/panorama_da_migracao_em_goiias.pdf) Acesso em: 23/11/2014

JANNUZZI, Paulo de Martino. **Migração e mobilidade social: migrantes no mercado de trabalho paulista.** Campinas (SP): Autores Associados, 2000.

LUCENA, Andréia Freire; DIAS, Luciana de Oliveira. **Contextualização da pesquisa**

**“Goianos/as pelo Mundo”**. In: DIAS, Luciana de Oliveira; LUCENA, Andréa Freire (orgs.) Migrações internacionais e políticas públicas: goianos/as no mundo /. – 1o ed. – Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014.

MACHADO, Igor José Renó. **O futuro do passado: imigrantes brasileiros em Portugal e diferentes entrelaçamentos**. In: REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXI, n. 43, p. 225-234, jul./dez. 2014

MARGOLIS, Maxine L. **Na virada do milênio: A emigração brasileira para os Estados Unidos**. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISHER, Soraya Resende (org) Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra; p.51-72; 2003.

\_\_\_\_\_. **Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York**. Campinas: Papiрус, 1994.

MARTINS, Heloisa Helena T. De Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, Agosto, 2004.  
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>  
Consulta em: 16/12/2013

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, **Estimativas Brasileiros no Mundo 2013**

NUNAN, Carolina dos Santos; FERNANDES, Duval. **O Imigrante Internacional de Retorno e a (re)inserção no mercado formal de trabalho**. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006.  
Disponível em:  
[http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_417.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_417.pdf)  
Acesso em: 23/02/2015

OLIVEIRA, Antônio Tadeu. **Um panorama da migração internacional a partir do Censo demográfico de 2010**. In: REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXI, n. 40, p. 195-210; jan/jun. 2013

PASTORE, José. **Desigualdade e mobilidade social no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP; 1979.

PATARRA, Neide Lopes. **Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas**. In: São Paulo Perspec., São Paulo, v. 19, n. 3, Sept. 2005 .  
Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392005000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300002&lng=en&nrm=iso)  
Acesso em: 08/11/2010

PEDONE, Claudia. **“Varones aventureros” vs. “madres que abandonan”: reconstrucción de las relaciones familiares a partir de la migración ecuatoriana**. In: REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XVI, n. 30, p. 45-64; 2008.

PEREIRA, Juliana dos Santos. **As Meninas do Pequi fora do Sertão: goianas imigrantes em Lisboa**. Dissertação de mestrado Instituto de Ciências Sociais Universidade de Lisboa, 2009.  
Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/298>  
Acesso em: 05/02/2015

PEREIRA, Sônia; SIQUEIRA, Sueli. **Migração, retorno e circularidade: evidências da Europa e Estados Unidos**. In: REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 117-138; jul./dez. 2013

PIORE, Michel. **Birds of passage: migrant labor and industrial societies**. New York: Cabridge University Press, 1979.

PORTES, Alejandro; GUARNIZO, Luis. **Capitalistas del trópico: La inmigración en los Estados Unidos y el desarrollo de la pequeña empresa en la República Dominicana.** FLASCO, 1991.

PORTES, Alejandro; HALLER, William; FÉRNANDEZ-KELLY. **Filhos de imigrantes nos Estados Unidos.** *In:* Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1  
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n1/a02v20n1>  
Acesso em: 03/04/2015

RAGIN, Charles C. **La construcción de la investigación social. Introducción a los métodos y sus diversidades,** p. 143-176. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad de los Andes, 2007.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco.** *In:* REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa. *Cenas do Brasil migrante.* São Paulo: Boitempo, 1999; p. 45-85.

RIVERA-SÁNCHEZ, Liliana. **Migración de retorno y experiencias de reinserción en la zona metropolitana de la Ciudad de México.** *In:* REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 55-76; jul./dez. 2013

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa.** São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. **Segunda geração de emigrantes brasileiros nos EUA.** *In:* Migrações Internacionais – contribuições para políticas; p. 361-374. Brasília: CNPD, 2001.

SAYAD, Abdelmaleck. **O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante.** *In:* Travessia, número especial. 2000.

\_\_\_\_\_. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCALON, Maria Celi. **Mobilidade social no Brasil: padrões e tendências.** Rio de Janeiro, Revan/IUPERJ-UCAM; p. 79-107. 1999

SCALON, Celi; SALATA, André. **Uma nova classe média no Brasil da última década? O debate a partir da perspectiva sociológica.** *In:* Revista Sociedade e Estado - Volume 27 Número 2 - Maio/Agosto, 2012.

SCUDELER, Valéria Cristina. **Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos Estados Unidos.** *In:* REIS, Rossana R.; SALES, Teresa. *Cenas do Brasil migrante.* São Paulo: Boitempo, 1999; p. 193-232.

SILVA, Reijane Pinheiro. **O Sertanejo Além-Mar: Identidade regional e imigração goiana na República da Irlanda.** Tese de Doutorado em Antropologia Social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2011.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil-Estados Unidos.** Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

\_\_\_\_\_. **Mobilidade social: análise comparativa do retorno de brasileiros dos EUA e Portugal,** *In:* PADILLA, Beatriz e XAVIER, Maria (org.), Revista Migrações – Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina, n.º 5, Lisboa: ACIDI; p. 135-154. Outubro, 2009.  
Disponível em:  
[http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista\\_5/Migr5\\_Sec1\\_Art7.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_5/Migr5_Sec1_Art7.pdf)  
Em: 10/05/2011

SIQUEIRA, Sueli; BRANDES, Lídia Azevedo. **Migração e Retorno: implicações psicológicas da experiência migratória.** *In:* DIAS, Luciana de Oliveira; LUCENA, Andréa

Freire (orgs.) Migrações internacionais e políticas públicas: goianos/as no mundo – 1o ed. – Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014.

SOARES, Weber. **Emigração e (i)mobilidade residencial**. In: REIS, Rossana R.; SALES, Teresa. *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999; p. 167-192.

\_\_\_\_\_. **Para além da concepção metafórica de redes sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional**. In: XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2000, Caxambu. Brasil 500 anos: mudanças e continuidades. Campinas: Abep, 2002<sup>a</sup>  
Disponível em:  
[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT\\_MIG\\_ST1\\_Soares\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST1_Soares_texto.pdf)  
Acesso em: 30/05/2011

\_\_\_\_\_. **Da associação entre os retornados internacionais e os intermediários da rede migratória valadarense**. In: REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 17, n. 32; p. 47-59. 2009.

SOLÉ, Carlota; CAVALCANTI, Leonardo; PARELLA, Sònia. **La inmigración brasileña en la estructura socioeconómica de España**. 2011.

SOUZA, Felipe Rodrigues; CARVALHO, Cláudia Regina Rosal; LUCENA, Andréa Freire; MONSUETO, Sandro Eduardo. **Fluxos Migratórios Brasileiros: migrantes que retornam para o estado de Goiás**. In: DIAS, Luciana de Oliveira; LUCENA, Andréa Freire (orgs.) Migrações internacionais e políticas públicas: goianos/as no mundo – 1o ed. – Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014.

VERD, Joan M; LÓPEZ, Pedro. **La eficiencia teórica y metodológica de los diseños multimétodo**. In: EMPIRIA. Revista de Metodología de Ciencias Sociales v. 16; p. 13-42, 2008.  
Disponível em:<http://www.hugoperezidiart.com.ar/tallerdetesis-pdf/103-verd-lopez.pdf>  
Acesso em: 16/12/2013

## ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de entrevista
<p><b><u>Identificação</u></b></p> <p>Idade:</p> <p>Sexo:</p> <p>Cidade em que mora atualmente:</p> <p>Cidade em que morou nos Estados Unidos:</p> <p>Escolaridade atual:</p> <p>Ocupação atual:</p> <p>Ano de emigração:</p> <p>Quanto tempo morou nos Estados Unidos?</p> <p>Quantas vezes voltou ao Brasil?</p> <p>Há quanto tempo retornou para o Brasil?</p> <p>Perfil (matriz tipológica):</p>
<p><b>Blocos temáticos</b></p>
<p><b><u>A decisão de emigrar e a construção do projeto migratório:</u></b></p> <p><b>Situação do migrante antes de migrar</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- O que fazia antes de migrar?</li><li>- Qual o nível de escolaridade antes de migrar?</li><li>- Possuía bens e investimentos?</li><li>- Domínio do inglês</li><li>- Satisfação pessoal (trabalho, família, esfera pessoal)</li><li>- Situação socioeconômica familiar</li><li>- Conjuntura econômica do país</li><li>- Já tinha migrado internamente no Brasil? Ou para outros países?</li></ul> <p><b>Decisão de migrar</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Como foi a decisão de migrar?</li><li>- Quem ajudou? (Negociação com a família)</li><li>- Tinha filhos?</li><li>- Quem foi com você?</li><li>- Por que os Estados Unidos?</li><li>- Qual o trajeto você fez?</li><li>- Situação de documentação</li></ul> <p><b>Projeto migratório</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Quais eram as metas almejadas com a migração?</li></ul>
<p><b><u>Trajетória migratória no país de destino</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Inserção laboral e trajetória no mercado de trabalho (tipos de emprego, valoração das atividades,</li></ul>

desemprego, cursos de capacitação, etc.)

- Como se sentia trabalhando nesse tipo de atividade?
- Investimentos no país de destino
- Envio de presentes para os familiares?
- Enviava remessas para ajudar à família?
- Aumentou a renda no país de destino?
- Do que você sentia falta do Brasil?
- Do que você mais gostava nos Estados Unidos?
- Tem alguém na família que quer ir para os Estados Unidos?

#### **Decisão de retornar**

- Quantas vezes você voltou ao Brasil?
- Por que decidiu voltar?
- Teve ajuda para retornar?
- Como você tomou essa decisão?
- Como foi a reação da família com o anúncio do retorno?
- Como você se preparou para retornar?
- Como você imaginava o retorno ao Brasil?

#### **Retorno**

##### **Adaptação**

- Como foi sua volta para o Brasil? (relação com a família, os filhos...)
- Você considera que tomou a decisão certa em retornar para o Brasil?
- Quais as dificuldades enfrentadas?
- O que você adquiriu quando voltou?
- As metas iniciais foram alcançadas?

##### **Reinserção no mercado de trabalho**

- O que mudou em você a partir da migração?
- Você teve dificuldades para encontrar trabalho?
- Como foi a volta ao mercado de trabalho? Quais atividades desempenhou depois que voltou? São as mesmas em que trabalhou nos Estados Unidos?
- Como está sua renda hoje se comparada com a de antes de migrar?
- Nível de escolaridade atual
- Aprendeu inglês?
- O inglês ou algo que adquiriu nos Estados Unidos (habilidades ou conhecimentos) te ajudou a se reinserir no mercado de trabalho?
- Você considera que o fato de ter morado fora do Brasil te ajudou a se reinserir no mercado de trabalho?

#### **Pós-retorno**

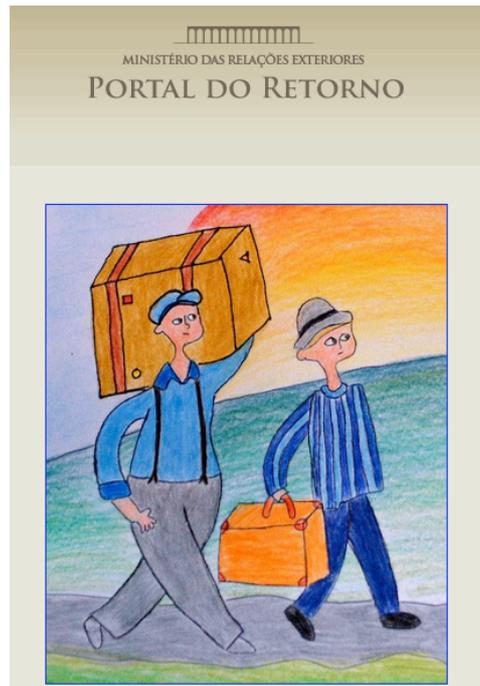
- Deseja de remigrar?
- Como você avalia seu retorno para o Brasil?

- Como você acha que estaria sua vida hoje se você não tivesse migrado?
- O que você diria para alguém que está nos Estados Unidos pensando em retornar para a cidade Anápolis/Goiânia?
- Como você se imagina daqui a 10 anos?

## ANEXO II – PORTAL DO RETORNO

O Portal do Retorno é um site que centraliza as informações disponíveis sobre os programas e os serviços no Brasil que possam ser úteis a nacionais que retornam (ou desejam retornar) ao país, buscando atender especialmente aos que estão em situação de maior vulnerabilidade.

**Figura 02: Portal do Retorno**



Dessa forma, contém informações sobre:

- **Providências documentais antes de retornar<sup>23</sup>**: informa sobre os documentos que o migrante precisa providenciar ainda no país em que se encontra e que serão úteis quando da sua entrada no Brasil, tais como: passaporte, certificado de residência, legalização consular dos documentos, registro de casamento e nascimento, autorização de viagem para menor, documentos que o migrante deve ter consigo (e não despachar) na chegada ao Brasil e certificado de vacinação. Além disso, alerta a necessidade de providenciar documentos do tipo: declaração de seguradora estrangeira, declaração de quitação de serviços, encerramento de conta bancária e cartões de crédito, a fim de evitar cobranças indevidas.
- **Providências documentais após a chegada ao Brasil<sup>24</sup>**: lista os documentos que o migrante deve estar atento e buscar regularizar quando da chegada ao Brasil, tais

<sup>23</sup> [http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/providencias\\_documentais\\_antes\\_de\\_retornar.xml](http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/providencias_documentais_antes_de_retornar.xml)

<sup>24</sup> [http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/providencias\\_documentais\\_apos\\_a\\_chegada\\_ao\\_brasil.xml](http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/providencias_documentais_apos_a_chegada_ao_brasil.xml)

como: situação eleitoral, serviço militar, carteira de identidade, carteira de habilitação, Cadastro de Pessoa Física – CPF e revalidação de diplomas (link para o Ministério da Educação).

- **Informações sobre bagagens e mudanças**<sup>25</sup>: disponibiliza informações da Receita Federal a fim de orientar o migrante quanto à legislação brasileira que regulamenta a entrada de bagagens no Brasil. O guia é destinado a migrantes e viajantes que regressam ao Brasil em caráter permanente – de mudança. Além disso, facilita o link de acesso às informações do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento sobre o transporte de animais.
- **Volta ao mercado de trabalho brasileiro**<sup>26</sup>: reúne informações que buscam atualizar e preparar o migrante sobre a situação atual do mercado de trabalho no Brasil. As informações da seção *Como está o mercado de trabalho brasileiro?* apontam para uma economia dinâmica e um mercado de trabalho em expansão, com aumento no número de criação de empregos. Em suma, evidencia-se um bom momento no mercado de trabalho brasileiro, o que pode ser um atrativo para a volta dos imigrantes.

Além disso, disponibiliza informações sobre onde o migrante poderá se informar sobre qualificação profissional e vagas de emprego no país e nos municípios brasileiros, com destaque para o *Portal Mais Emprego*<sup>27</sup> do MTE. Neste item divulgam-se os programas do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC do MEC, assim como as iniciativas do Sistema S, como SENAC, SEBRAE e SENAI. Nesta seção consta ainda informações sobre os *locais de apoio ao trabalhador brasileiro retornado*. O objetivo destes postos é atender aos trabalhadores retornados visando orientá-los para a reintegração ao Brasil, o acesso a direitos e os deveres que compõem a cidadania brasileira e auxiliá-los na reinserção ao mercado de trabalho no país. Até o momento existem dois postos de atendimento:

- **NIATRE**<sup>28</sup> – **Núcleo de Informação e Apoio a Brasileiros retornados do Exterior** (São Paulo/SP): trata-se de uma parceria entre o MTE e o Instituto de Solidariedade Educacional e Cultural – ISEC. Disponibiliza informações sobre: trabalho e emprego, empreendedorismo e associativismo, assuntos ligados a educação, saúde e previdência social, assuntos jurídicos, imposto de renda, documentos e outras. Além disso, se dispõe a intermediar o contato entre empresas e os trabalhadores retornados e a ajudá-los na

---

<sup>25</sup>[http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/bagagens\\_e\\_mudancas.xml](http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/bagagens_e_mudancas.xml)

<sup>26</sup>[http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/volta\\_ao\\_mercado\\_de\\_trabalho\\_brasileiro.xml](http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/volta_ao_mercado_de_trabalho_brasileiro.xml)

<sup>27</sup><http://maisemprego.mte.gov.br/portal/pages/home.xhtml>

<sup>28</sup>[http://www.bunkyonet.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1118:niatre-nucleo-de-informacao-e-apoio-a-trabalhadores-retornados-do-externo&catid=87:niatre&Itemid=122](http://www.bunkyonet.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1118:niatre-nucleo-de-informacao-e-apoio-a-trabalhadores-retornados-do-externo&catid=87:niatre&Itemid=122)

reinserção ao Brasil. Apesar de se dirigir aos retornados em geral, há um destaque em suas ações para os migrantes retornados do Japão.

- **Casa do Migrante**<sup>29</sup> (Foz do Iguaçu/PR): integra o projeto “Casa do Trabalhador Brasileiro” e é fruto de uma parceria entre o MTE, a Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu e a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. É direcionada ao atendimento dos trabalhadores brasileiros que estão nos países com os quais o Brasil faz fronteira. Além disso, presta atendimento a Paraguaiois e outros imigrantes que circulam pela região, o que engloba, além de informações trabalhistas (no Brasil e Paraguai), questões ligadas à documentação, acesso à saúde e orientação específicas às mulheres migrantes.
  
- **Empreendedorismo**<sup>30</sup>: considerando que, ao retornar ao Brasil, muitos migrantes desejam abrir o seu próprio negócio para investir o dinheiro que pouparam no exterior, esta seção busca divulgar os locais onde o migrante poderá se preparar, estudar e planejar a abertura de seu próprio negócio. Divulgam-se os cursos de capacitação à distância oferecidos pelo SEBRAE, programas de microcrédito (como o Goiás Fomento, Banco do Povo e Programa de microcrédito para pequenos empreendedores do DF e Entorno), vídeos informativos sobre empreendedorismo e informações sobre como abrir um negócio no Brasil.  
O projeto específico para migrantes (retornados ou não) é o **Projeto Remessas**, uma parceria entre a Caixa Econômica Federal, o SEBRAE-MG e o BID, que tem o objetivo de capacitar emigrantes e beneficiários de remessas que desejam abrir negócios no Brasil ou aprimorar as finanças pessoais, especialmente aqueles oriundo da região de Governador Valadares, MG. O objetivo é ensinar a fazer o plano de negócios e promover a educação financeira. Além disso, nesta seção consta as cartilhas de orientação para o envio e uso de remessas elaboradas pela Caixa Econômica Federal.
  
- **Finanças**<sup>31</sup>: Divulga informações a respeito das linhas de crédito e serviços disponíveis nas instituições bancárias no Brasil para investimentos, como a obtenção da casa própria ou a abertura do próprio negócio do migrante retornado. Inclui informações do SEBRAE sobre o acesso a crédito e serviços financeiros para novos negócios no Brasil; informações sobre crédito para a compra da casa própria e ressalta dois planos da Caixa Econômica que atendem aos imigrantes retornados: o Crédito Imobiliário para Emigrantes e a Carta de Crédito SBPE, um considera o envio regular de remessas e o outro o comprovante de renda no exterior para

---

<sup>29</sup>[http://portal.mte.gov.br/trab\\_estrang/casa-do-migrante.htm](http://portal.mte.gov.br/trab_estrang/casa-do-migrante.htm)

<sup>30</sup><http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/empreendedorismo.xml>

<sup>31</sup><http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/financas.xml>

concessão de crédito para compra de casa, respectivamente. Há ainda informações sobre o saque do FGTS no exterior.

- **Previdência**<sup>32</sup>: O site disponibiliza informações para os migrantes que queiram contribuir com a previdência social no exterior (tanto em países que o Brasil tem acordo quanto nos que não tem) e para os que querem contribuir ao retornar. Isso é relevante, uma vez que para a obtenção dos benefícios, em caso de doença, acidade, gravidez, prisão, morte e velhice, é necessário estar inscrito e com as contribuições em dia.
- **Educação**<sup>33</sup>: Divulga informações para a regularização da situação escolar do migrante retornado, a qual pode ser feita no exterior a partir do Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos – ENCCEJA (antigo supletivo). Além disso, há informações sobre reconhecimento em território nacional dos diplomas obtidos em instituições estrangeiras de ensino e sobre os programas do Ministério da Educação, tais como: PRONATEC, EJA, FIES, e-MEC.
- **Saúde, assistência psicológica e centros de apoio**<sup>34</sup>: Disponibiliza as informações sobre os programas sociais para brasileiros, como, por exemplo, o Bolsa Escola e o Bolsa Família do Ministério do de Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. Aqui, destaca-se o **Guia de Retorno ao Brasil – informações úteis sobre serviços e programas de acolhimento**, uma cartilha destinada a brasileiros que retornam ao país em situação de vulnerabilidade, tais como desvalidos, vítimas de tráfico de pessoas, entre outros. O documento reúne diversas informações sobre os serviços programas/disponíveis no Brasil nas áreas de saúde, educação, trabalho, moradia, assistência financeira, proteção, atendimento ao migrante e serviços de assistência social.

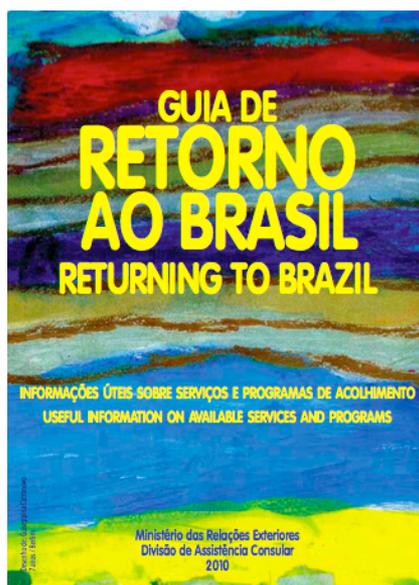
**Figura 03: Guia de Retorno ao Brasil – informações úteis sobre serviços e programas de acolhimento**

---

<sup>32</sup>[http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/previdencia\\_social.xml](http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/previdencia_social.xml)

<sup>33</sup><http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/educacao.xml>

<sup>34</sup>[http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/saude\\_assistencia\\_psicologica\\_e\\_centros\\_de\\_apoio.xml](http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/saude_assistencia_psicologica_e_centros_de_apoio.xml)



- **Programas de Retorno Voluntário**<sup>35</sup>: Disponibiliza informações sobre programas que ajudam os migrantes brasileiros que estejam em situação de vulnerabilidade e que queiram retornar ao Brasil a regressar.
  - *Programa de Apoio ao Retorno Voluntário e à Reintegração (PRVR) da Organização Internacional para as Migrações (OIM)*<sup>36</sup>: provê ajuda a migrantes que não têm condições e nem recursos financeiros de permanecer nos países de acolhida ou que não queiram mais continuar em emigração e que, portanto, pretendem regressar voluntariamente ao país de origem. Atende a solicitantes de refúgio cujo pedido foi negado ou retirado; migrantes em situação irregular; vítimas de tráfico de pessoas; e outros grupos vulneráveis.
  - *Organização dos Estados Ibero-americanos – OEI*<sup>37</sup> – *Apoio a brasileiros retornados da Europa*: tem por objetivo acolher, orientar e apoiar a reinserção de latino-americanos (inclusive os brasileiros) que residem ou residiram na Espanha e na Itália em seus países de origem. No caso do Brasil, os beneficiários do programa são os brasileiros que tenham voltado da Europa em 2012, 2013 e 2014 e que se encontrem em situação de vulnerabilidade social e/ou enfrentem dificuldades de reintegração, mediante a comprovação da condição de retornado via carimbos no passaporte ou outros tipos de documentação que comprove a estadia na Europa. A OEI oferece ajuda a partir de programas sociais, procura de emprego, capacitação profissional, encaminhamento para serviços de saúde e educação e outros.

<sup>35</sup>[http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/programas\\_de\\_retorno\\_voluntario.xml](http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/programas_de_retorno_voluntario.xml)

<sup>36</sup>Este programa específico será tratado de forma mais aprofundada no tópico seguinte.

<sup>37</sup><http://www.oei.org.br/index.php?secao=projeto-05> , <http://www.oei.org.br/pdf/retornados.pdf>

- *LATAM<sup>38</sup>: Rede Europeia e Latino-americana de Retorno: para um processo integral, eficaz e sustentável de retorno e reintegração*: busca alcançar um processo de retorno voluntário integral, eficaz e sustentável. É direcionado para atender os migrantes nacionais dos países conveniados que estejam em situação irregular na União Europeia por no mínimo um ano e que queiram retornar, ou já retornaram, voluntariamente ao país de origem. Concede como apoio um ajuda de 400€ por pessoa antes do retorno, paga as despesas com passagem aérea e concede mais um auxílio de 400€ quando da chegada no país de origem. Esta é acompanhada de assistência da organização associada no país de origem. Em suma, o programa envolve a identificação do retornado nos países de acolhida na União Europeia, a reintegração (duradoura) nos países de origem, através da criação de uma rede entre os países de acolhida e os de origem. Além disso, o projeto se propõe a oferecer serviços complementares que facilitem a reintegração das pessoas que retornaram aos seus países de origem e a fortalecer o papel das comunidades migrantes na Europa e na América Latina implicando às últimas o processo de reintegração.
- **Serviços de Apoio aos retornados<sup>39</sup>**: Sobre os serviços de apoio aos retornados, há as informações a nível nacional:
  - Postos Avançados de Atendimento Humanizado aos Migrantes – atendem a migrantes em situação de vulnerabilidade (vítimas de violência ou tráfico de pessoas, por exemplo), os quais estão estabelecidos nos estados do Acre, Amazonas, Ceará, Pará, Rio de Janeiro de São Paulo.
  - Postos do Sistema Nacional do Emprego (SINE), os quais intermediam o pagamento do benefício do seguro-desemprego, concedem apoio operacional ao pagamento deste benefício, intermediação de mão-de-obra, qualificação profissional, geração de informações sobre o mercado de trabalho e apoio operacional ao Programa de Geração de Emprego e Renda.
  - Postos do SEBRAE - Apoio à abertura de novos negócios, capacitação, consultoria, entre vários outros serviços.
  - Agências da Previdência Social (APS), que são responsáveis pela inscrição do contribuinte, para fins de recolhimento, bem como pelo reconhecimento inicial, manutenção e revisão de direitos ao recebimento de benefícios previdenciários e ampliação do controle social.

Já a nível estadual, destacam-se:

<sup>38</sup>[http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Retorno/pt-br/file/Latam%20para%20Plataforma%20Retorno%20Br\(1\).pdf](http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Retorno/pt-br/file/Latam%20para%20Plataforma%20Retorno%20Br(1).pdf)

<sup>39</sup>[http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/servicos\\_de\\_apoio\\_a\\_retornados.xml](http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/servicos_de_apoio_a_retornados.xml)

- A Casa do Migrante no Amazonas: presta apoio a migrantes brasileiros ou estrangeiros em situação de necessidade por meio de acolhimento temporário.
  - DESENBAHIA: presta apoio financeiro e técnico para implantar, ampliar e modernizar negócios. O financiamento oferecido pode ser utilizado para investimento fixo, capital de giro, investimento misto, compra de máquinas e equipamentos, renovação de táxi ou van para transporte escolar, além do microcrédito (pequenos valores até R\$ 10 mil).
  - Secretaria de Assuntos Internacionais do Governo do Estado de Goiás: presta Apoio a emigrantes retornados.
  - A Casa do Migrante – Foz do Iguaçu: destina-se ao atendimento de trabalhadores brasileiros que retornam ao Brasil facilitando sua reinserção no mercado de trabalho.
  - NIATRE: destina-se ao atendimento de trabalhadores brasileiros retornados do exterior com vistas a prestar orientação em sua reintegração ao Brasil e o acesso aos direitos e deveres que compõem a cidadania brasileira, bem como auxiliá-los na reinserção ao mercado de trabalho brasileiro.
  - Centro de Apoio ao Migrante no Aeroporto do Galeão: uma iniciativa do Governo Federal, com apoio dos municípios, para combater o tráfico de pessoas. Faz recepção a brasileiros não admitidos ou deportados do exterior e estrangeiros com problemas de entrada no Brasil ou no exterior.
- **Telefones úteis**<sup>40</sup>: Lista detalhada dos números de serviços e órgãos em todo o Brasil.

---

<sup>40</sup>[http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/telefone\\_uteis.xml](http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/telefone_uteis.xml)